



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE**

BRUNA GOMES DE MACÊDO

**O ETNOCONHECIMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS COMUNIDADES
QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE BREJINHO DE NAZARÉ-TO E OS NOVOS
MEIOS DE DISSEMINAÇÃO DESTES SABER POPULAR**

**Palmas, TO
2026**

BRUNA GOMES DE MACÊDO

**O ETNOCONHECIMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS COMUNIDADES
QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE BREJINHO DE NAZARÉ-TO E OS NOVOS
MEIOS DE DISSEMINAÇÃO DESTE SABER POPULAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elineide Eugênio Marques
Coorientação: Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo Pereira dos Santos

PALMAS, TO

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M141e Macêdo, Bruna Gomes de.

Etnoconhecimento de plantas medicinais nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré TO e os novos meios de disseminação deste saber popular. / Bruna Gomes de Macêdo. – Palmas, TO, 2026.

113 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências do Ambiente, 2026.

Orientadora : Elineide Eugênio Marques

Coorientadora : Maria do Carmo Pereira Santos

1. Plataforma digitais. 2. Conhecimento tradicional. 3. Comunidades tradicionais. 4. Quilombos. I. Título

CDD 628

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BRUNA GOMES DE MACÊDO

**O ETNOCONHECIMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS COMUNIDADES
QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE BREJINHO DE NAZARÉ-TO E OS NOVOS
MEIOS DE DISSEMINAÇÃO DESTE SABER POPULAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elineide Eugênio Marques
Coorientação: Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo Pereira dos Santos

Data de aprovação: 11/02/2026

Banca Examinadora:

Prof. Dr.^a. Elineide Eugênio Marques UFT

Prof. Dr.^a. Maria do Carmo P. Santos SEDUC/TO

Prof. Dr.^a. Marina Haizenreder Ertzogue UFT

Prof. Dr. Jonas Carvalho e Silva UFPA

Dr.^a. Carla Simone Seibert UFT

**PALMAS, TO
2026**

“Ser quilombola é ser forte
É não negar a sua cor
Não negar a sua origem
É mostrar seu valor.
Antes éramos desprezados
Só servia como escravos
Hoje, somos sonhadores”

(Rojaimé Ferreira)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter concluído mais essa jornada, foram muitas provas, choros, muitas xícaras de café e as vezes uns energéticos, mas, consegui sobreviver sem sequelas, eu espero. Não poderia deixar de citar as músicas da Lana Del Rey que me acompanham desde a graduação, mestrado e provavelmente no doutorado, sempre elevando minhas autoestimas em dias de lutas, mesmo as letras sendo tão melancólicas. Eu tenho de agradecer a mim, pois todas as lágrimas derramadas em tentar compreender história e entender o que os autores do universo das humanidades queriam descrever... foi um desafio intenso, mas, a vontade de ter um Me antes do meu nome foi bem maior.

Agradeço também, as comunidades Córrego Fundo, Curralinho do Pontal, Malhadinha e Manoel João, por me aceitarem tão bem e construírem esse trabalho em conjunto conosco, em especial aos colaboradores diretos desse estudo, Lucia, Marcial, José Sampaio, Antônio Martins, Luiza Dias, Josley Tiago, Monica, Dario, Marcia, José Ribeiro, Domingo Rosa, Nilza, Cícera, Antônio, Cristiane, Sabino, Divino, Lerci, Marli Pereira, José Pereira, Antônio, Alaide, Gilmar, Rosângela e família, Marcineis Gomes, Marcileis Soares, Luciene Soares a todos que são autores desse trabalho, e que nos receberam e se dedicaram a essa pesquisa. Entre esses, destaco o nosso guia, Antônio Martins, que nos levou a duas das comunidades e que deixaram as viagens leves e descontraídas com suas histórias e músicas.

Não poderia deixar de agradecer a minha família que embarcou essa jornada junto comigo. Aos meus pais Alaide e Sebastião que me ajudaram financiaram e acreditaram em mim e sempre apoiaram meu sonho, amo vocês demais. Aos meus irmãos Brena, Bruno, Sandy e Cesar que deixaram essa jornada mais leve me incentivando a sair da tela do computador e viver momentos apocalípticos. Aos meus sobrinhos Bryan e Noah, que são meus meninos. Meu imenso agradecimento aos meus avós Lucia e Marcial, Maria *in memória* e Clodoaldo *in memória* vocês são a minha inspiração para realizar esse tipo de trabalho

As minhas queridas e maravilhosas orientadoras Elineide e Maria do Carmo, vocês foram uma âncora, me acolheram e me fizeram entender que nosso trabalho era possível, estiveram comigo em todos os momentos em todos os surtos e na parte do social, me deram um norte. Acredito que eu não poderia ter tido orientadoras melhores, obrigada por todo apoio por

todas as risadas fofocas e viagens que deixaram essa jornada mais divertida, não sei o que faria sem vocês!

Meu agradecimento ao CAPES que financiou meus estudos durante esses dois anos de mestrado e ao Herbário da Universidade Federal do Tocantins -HTO, em especial ao Tiago Ribeiro - que ajudou na identificação das plantas e que se disponibilizou a ir aos campos “já podemos marcar a nossa cervejinha num bar raiz”.

A minha amiga Aiana Neiva, a amizade que o mestrado me proporcionou que viveu cada etapa desse percurso... agradeço por tudo desde as conversas, procrastinação, momentos de produtividade e planejamentos de congressos, que nunca fomos... você foi essencial e sou muita grata por você. Ao meu grupinho dos “mestres dos magos” composto pelo Jonatas, Danilo, Mikaella e Bia, vocês foram maravilhosos! Amo nossas conversas canceláveis. Ao meu grupinho das doze - da graduação, que mesmo separadas continuam uma torcendo pela outra, amo vocês e obrigada por fazerem parte dessa jornada mesmo de longe.

A minha amiga Agnália, obrigada! Acredito que estávamos destinadas a ser amigas e a viver essa jornada juntas mesmo separadas, saiba que você foi essencial, me ajudou com os mapas e estava comigo em todos os surtos sorrindo, porque ficávamos com o rosto abatido e com olheiras intensas, mas, sempre tentando positividade em momentos difíceis. A minha amiga Istefany que viveu isso junto comigo que foi obrigada a escutar minhas longas explicações e que me apoiou acima de tudo, obrigada. Queria agradecer a minha amiga Hellen por sempre me apoiar e se uma vencer, a outra vence também! Amo você! Sou muito grata a todos que torceram por mim e que me ajudaram de alguma forma.

RESUMO

A era digital possibilitou o acesso a uma infinidade de informações compartilhadas diariamente nas redes sociais. Atualmente, esses canais de comunicação podem ser uma alternativa para a resiliência e a disseminação dos conhecimentos tradicionais, principalmente em relação ao uso de plantas medicinais, os quais se encontram vulneráveis tanto pela antropização das paisagens naturais quanto pela desvalorização da sociedade contemporânea. Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo central, compreender o etnoconhecimento sobre plantas medicinais nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré-TO e os novos meios de disseminação desse conhecimento como forma de resiliência. Para isso, a pesquisa foi dividida em três etapas. A primeira consistiu na realização de uma netnografia, com o objetivo de compreender como essas comunidades estão inseridas nas redes digitais. A segunda etapa envolveu entrevistas semiestruturadas, com o intuito de compreender os conhecimentos dessas comunidades em relação ao uso de plantas medicinais e suas percepções sobre os avanços tecnológicos e os novos meios de disseminação desses saberes. As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto e dezembro de 2025. A terceira etapa, correspondeu a uma revisão de literatura, com o intuito de embasar a discussão acerca dos etnoconhecimentos sobre plantas medicinais e os novos meios de transmissão desses saberes. Os resultados revelaram que as comunidades mantêm o uso de plantas medicinais descrevendo 102 plantas medicinais, além de repassar esses conhecimentos por meio de diferentes plataformas digitais, como *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* e *TikTok*. Observou-se que os meios tecnológicos vêm se popularizando rapidamente entre esses povos, sendo identificado, no período de 2015 a 2025, um avanço significativo no acesso às redes digitais, com a inserção de três das comunidades estudadas. No entanto, as postagens realizadas não abordam diretamente os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, sendo voltadas principalmente para festividades, culinária e heranças africanas. Todavia, uma das plataformas digitais analisadas, apresentou compartilhamentos sobre o uso de plantas medicinais realizados por uma moradora da Comunidade Quilombola Malhadinha. Portanto, os dados evidenciaram que muitas comunidades deixam de publicar seus conhecimentos por receio de julgamentos, embora reconheçam as redes digitais como uma alternativa para a transmissão desses saberes entre os mais jovens. Além disso, alguns membros demonstram interesse em compartilhar seus conhecimentos, porém enfrentam dificuldades de acesso às tecnologias digitais, o que reforça a necessidade de novos estudos envolvendo outras comunidades para compreender melhor esses novos meios de disseminação.

Palavras chaves: “Plataforma digitais”; “Conhecimento tradicional”; “Comunidades tradicionais”; “Quilombos”.

ABSTRACT

The digital era has enabled access to an immense amount of information shared daily on social media. Currently, these communication channels may represent an alternative for the resilience and dissemination of traditional knowledge, especially regarding the use of medicinal plants, which are vulnerable both due to the anthropization of natural landscapes and the devaluation imposed by contemporary society. In this context, the present research aimed to understand the ethnoknowledge related to medicinal plants in quilombola communities of the municipality of Brejinho de Nazaré, Tocantins, as well as the new means of disseminating this knowledge as a form of resilience. To achieve this objective, the study was divided into three stages. The first stage consisted of conducting a netnography, aiming to understand how these communities are inserted into digital networks. The second stage involved semi-structured interviews, with the purpose of understanding the communities' knowledge regarding the use of medicinal plants and their perceptions of technological advances and new means of disseminating this knowledge. The interviews were conducted between August and December 2025. The third stage consisted of a literature review, aiming to support the discussion on ethnoknowledge related to medicinal plants and the new means of transmitting this knowledge. The results revealed that the communities continue to use medicinal plants, describing a total of 102 medicinal species, in addition to transmitting this knowledge through different digital platforms, such as Facebook, Instagram, YouTube, and TikTok. It was observed that technological media have been rapidly gaining popularity among these groups, with a significant increase in access to digital networks identified between 2015 and 2025, including the insertion of three of the studied communities. However, the published content does not directly address traditional knowledge related to medicinal plants, focusing mainly on festivities, cuisine, and African heritage. Nevertheless, one of the analyzed digital platforms presented content related to the use of medicinal plants shared by a resident of the Quilombola Community of Malhadinha. Therefore, the data showed that many communities refrain from publishing their knowledge due to fear of judgment, although they recognize digital networks as an alternative for transmitting this knowledge to younger generations. In addition, some members express interest in sharing their knowledge but face difficulties in accessing digital technologies, reinforcing the need for further studies involving other communities to better understand these new means of dissemination.

Keywords: Digital platforms; Traditional knowledge; Traditional communities; Quilombos.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1. Localização das Comunidades Quilombolas do Município de Brejinho de Nazaré e Porto Nacional, Tocantins	24
Figura 2. Planta frutífera (Chichá <i>Sterculia striata</i> A.St.-Hil. & Naudin) cultivada pela comunidade Quilombola Currallinho do Pontal localizada no município de Brejinho de Nazaré-TO.....	25
Figura 3. Serra Geral que perpassa todas as comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré-TO	26
Figura 4. Elementos naturais que definem o nome das comunidades Quilombolas do Município de Brejinho de Nazaré-TO.....	27
Figura 5. Derrubada do mastro na festividade de Bom Jesus realizada pela Comunidade Quilombola Manoel João	28
Figura 6. Hortas encontrada próximo as da Comunidade Quilombola Currallinho do Pontal..	29
Figura 7. Idas a campo realizadas nas comunidades do estudo.....	32
Figura 8. Secagem da entrecasca de Inharé (<i>Brosimum gaudichaudii</i> Sw) ao sol - para produção de remédio	43
Figura 9. Plantas essenciais para elaboração de remédios dentro das comunidades tradicionais do município de Brejinho de Nazaré -TO.	51
Figura 10. Plantas que estão desaparecendo nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré -TO. A: Velame (<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth) B: Junça (<i>Cyperus</i> sp.) C: Japugueira (<i>Heliotropium</i> sp.) D: Capim eucalipito (<i>Cymbopogon</i> sp.)	54
Figura 11. Rede de internet instalada na associação da Comunidade Quilombola Manoel João	71
Figura 12. Principais acontecimentos frente ao advento tecnológico das redes digitais nas comunidades.	72
Figura 13. Primeira postagem nas redes sociais digitais feita pela comunidade quilombola Malhadinha	76
Figura 14. Poesia “Ser Quilombola”	77
Figura 15. Plantas cultivadas pela comunidade Malhadinha Brejinho de Nazaré- Tocantins .	78

Figura 16. Marketing para a divulgação dos subprodutos vegetais produzidos pela comunidade quilombola Malhadinha.....	79
Figura 17. Primeiro vídeo publicado Youtube sobre a Comunidade Quilombola Córrego Fundo	80
Figura 18. Fábrica de extração de Polpa da Comunidade Quilombola Malhadinha	81
Figura 19. Documentário da comunidade Manoel quilombola João.....	82
Figura 20. Vídeos no Youtube sobre a Comunidade Curralinho do Pontal.	83
Figura 21. Perfil no TikTok da participante que utiliza as redes digitais como meio de disseminar conhecimentos	86

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Tombamentos das coletas de material vegetal das comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré – Tocantins.	33
Tabela 2.Estruturas vegetais e seus usos pelas comunidades quilombolas participantes.	40
Tabela 3.Lista de plantas medicinais e suas propriedades utilizadas pelas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré -TO.....	55
Tabela 4. Uso das redes sociais digitais pelas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré nos últimos dez anos.....	74
Tabela 5. Atividades nas redes sociais digitais pela comunidade	74

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Ecologia dos saberes.....	15
1.2 Etnoconhecimento	16
1.3 Cerrado.....	18
1.4 Breve história, memória e caracterização das comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré-TO.....	19
<i>1.4.1 Comunidade Quilombola Malhadinha.....</i>	<i>20</i>
<i>1.4.1 Comunidade Quilombola Curralinho do Pontal.....</i>	<i>20</i>
<i>1.4.3 Comunidade Quilombola Manoel João.....</i>	<i>21</i>
<i>1.4.4 Comunidade Quilombola Córrego Fundo.....</i>	<i>22</i>
2.OBJETIVOS	23
3.METODOLOGIA.....	23
3.1 ÁREA DE ESTUDO:	23
<i>3.1.2 Caracterização sociocultural das comunidades quilombolas participantes do estudo..</i>	<i>27</i>
3.2 OBTENÇÃO DE DADOS.....	30
<i>3.2.1 Netnografia.....</i>	<i>30</i>
<i>3.2.2 Entrevistas</i>	<i>31</i>
<i>3.2.2.1 Caracterização do Corpus</i>	<i>32</i>
<i>3.2.3 Levantamento bibliográfica.....</i>	<i>34</i>
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
CAPÍTULO I	36
USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BREJINHO DE NAZARÉ-TO.....	36
CATEGORIAS DAS PLANTAS E SUAS UTILIDADES FITOTERÁPICA.....	44
Plantas Herbáceas	44
Plantas Arbustivas.....	46

Plantas Arbóreas	48
Palmeirais	49
Plantas de uso essencial.....	50
Modificação das paisagens naturais e seus reflexos nas plantas medicinais.....	51
CAPÍTULO 2.....	64
SABERES TRADICIONAIS SOB A ÓTICA DA COLONIALIDADE NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS	64
A ERA DIGITAL E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS.....	66
INFLUÊNCIA DOS NOVOS MEIOS DE DISSEMINAÇÃO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE BREJINHO DE NAZARÉ TOCANTINS.....	70
USO DAS REDES SOCIAIS PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BREJINHO DE NAZARÉ TOCANTINS.....	72
YOUTUBE E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BREJINHO DE NAZARÉ	79
O USO DO TIKTOK PELAS COMUNIDADES.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	92
Anexo 1.....	90

1. INTRODUÇÃO

A era digital possibilitou o acesso a uma infinidade de informações que são compartilhadas diariamente nas redes sociais. O que antes era inacessível tornou-se possível na contemporaneidade por meio do uso de tecnologias, que estão muito acessíveis às gerações mais jovens, mas em um processo de transposição ainda difícil para os sujeitos mais idosos. Neste contexto, a passagem do conhecimento tradicional enfrenta um dilema intergeracional, os mais jovens, estão atentos às redes sociais e se distanciando das formas tradicionais de comunicação do conhecimento por meio da oralidade. No entanto, acessar canais modernos de comunicação e reconhecer a importância do conhecimento ancestral, são alternativas que podem contribuir para a resiliência das comunidades e descolonizar o ambiente virtual.

Dessa forma, como mencionado por de Almeida (2021), o aumento constante do uso das redes digitais é fundamental para ampliar a visibilidade, tornando-se uma aliada essencial no mundo contemporâneo, contribuindo para o sucesso de empresas, redes sociais e outros. Essas tecnificações resultam em uma mudança gradual nas relações com a natureza e no estilo de vida da sociedade contemporânea. Nesse contexto, as pressões exercidas pela modernização acabam interferindo em vários setores da sociedade, levando a perdas e/ou modificações culturais e tradicionais, contribuindo para moldar uma nova geração sintonizada com a era industrializada, simplificando as relações com a natureza (TOZI, 2020).

Pinto e colaboradores (2014), revelam que os conflitos socioambientais¹ se configuram uma ameaça para as comunidades tradicionais e ao conhecimento ecológico adquirido. As pressões sobre os territórios ocupados e as pressões culturais têm modificado as relações socioambientais². Sendo assim, a diversidade vegetal e sociocultural que serviram como base para construção do etnoconhecimentos a partir desses povos, que expressa as relações socioambientais realizadas ao longo do tempo, e os ajustes ocorridos (DIEGUES, 2000), estão em risco iminente.

Nesse sentido, é importante valorizar e registrar esse etnoconhecimento, como uma forma de conservar a cultura e a identidade desses grupos tradicionais utilizando as redes como uma ferramenta de auxílio para propagação deste etnoconhecimento (CASTELLS, 2007). A transmissão do etnoconhecimento é um legado valioso que tem sido repassado ao longo dos

¹ Conflitos socioambientais: referem-se às disputas geradas pelo uso, acesso ou controle dos recursos naturais

² Relações socioambientais: dizem respeito às formas de interação, convivência e manejo do ambiente construídas pelas comunidades tradicionais

séculos. No Brasil a grande diversidade dos povos tradicionais permite a continuidade destes saberes (DIEGUES, 2000).

A valorização desses saberes tradicionais, contribui para a promoção da diversidade e para a resiliência do ambiente, despertando na sociedade o interesse pela conservação da biodiversidade. Portanto, o compartilhamento do conhecimento ancestral pelas populações tradicionais são fundamentais para a construção de uma educação ambiental mais eficaz (GUARIM-NETO, 2006). Destacando assim, a ecologia dos saberes que integra a diversidade de conhecimentos.

1.1 Ecologia dos saberes

A ecologia dos saberes, desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos, promove a valorização da pluralidade de conhecimentos existentes no mundo, incluindo científicos, populares, tradicionais e artísticos (ACOSTA, 2019). Essa teoria enfatiza o diálogo e a interculturalidade entre diferentes saberes, superando a monocultura do conhecimento científico ocidental e valorizando as epistemologias do Sul.

Além disso, busca para garantir a justiça cognitiva, onde todos os conhecimentos tenham igual valor e oportunidades de expressão, e incentivo a transdisciplinaridade para enfrentar os desafios sociais, ambientais e culturais de forma mais abrangente. Na prática, a aplicação da ecologia dos saberes pode ser vista em áreas como educação, saúde e meio ambiente, promovendo a integração e o enriquecimento mútuo dos diversos tipos de conhecimentos (SOUZA, 2023).

A ecologia dos saberes descreve diversos conhecimentos, visando encontrar pontos em comum e equilibrar as relações entre as ciências naturais e as práticas sociais com o objetivo de restabelecer valores como sensibilidade, tradição, culturas e outros, que foram perdidos em meio ao avanço tecnológico e materialista da atualidade (MORAES, 2008).

Os avanços tecnológicos no mundo contemporâneo, permitiram que houvesse a interação entre os conhecimentos científicos e empíricos, que objetivam valorizar os saberes populares como uma ciência que deve ser conservada para o entendimento entre as práticas tradicionais e científicas ao longo da história (CARNEIRO *et al.*, 2014).

Observando o grande desenvolvimento da ciência e da tecnologia e suas consequências na vida humana, fica fácil perceber que, apesar de toda essa evolução tecnológica fantástica, nos perdemos no meio caminho, em sensibilidade, valores do

bem-viver e cultivo de uma ética congruente com os avanços professados. (MORAES, 2008).

Para Santos (2004), a ecologia dos saberes tem como objetivo dar voz para os povos invisibilizados, garantindo diálogos úteis para o avanço de lutas, etnoconhecimentos e outros, sendo fundamental para promoção de conhecimentos com os objetivos de ressaltar as lutas por emancipação social. Desta maneira, essas inter-relações reafirmam as adaptações ocorridas entre o homem e a natureza e os saberes acumulados.

Diante ao contexto, as comunidades tradicionais desempenham um papel fundamental, sendo uma fonte inestimável de conhecimentos ancestrais, muitas vezes não são registrados em livros, mas sim transmitidos aos descendentes por meio de vivências, deste modo, são as vozes por trás destes etnoconhecimentos.

1.2 Etnoconhecimento

O etnoconhecimento é uma ciência interdisciplinar relacionada ao conjunto de saberes adquiridos a partir das origens socioculturais de determinados grupos tradicionais (DE ALMEIDA, 2003). Os estudos que envolvem o etnoconhecimento destacam-se por evidenciar e valorizar os conhecimentos tradicionais, bem como a cultura e as crenças desses povos, constituindo-se como uma ferramenta fundamental para a preservação e conservação desses saberes empíricos (PERINAZZO, 2022).

A proteção do conhecimento tradicional configura-se como uma questão de relevância no âmbito internacional, sendo discutida e reconhecida por organismos multilaterais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (ZANIRATO; RIBEIRO, 2007). A preservação desses saberes é essencial para a valorização da história, da identidade e da cultura de uma sociedade. No contexto brasileiro, as interações culturais são fortemente influenciadas pelos povos indígenas e quilombolas, cujos conhecimentos contribuem de forma significativa para a manutenção do sustento e para a melhoria da qualidade de vida (LIPORACCI; SIMÃO, 2013).

A valorização do saber popular é de suma importância para o ensino e a contribuição do etnoconhecimento, sendo fundamental, através do diálogo sobre as práticas ancestrais (SILVA, 2018). Nesse sentido, destaca-se a Etnobiologia que se refere a uma ciência que visa a ligação entre os hábitos tradicionais e representa um aspecto evolutivo da humanidade, sendo indispensável para a valorização do saber popular, incluindo questões tradicionais e científicas

através de diálogos sobre as práticas ancestrais (BAPTISTA, 2007). Nesse sentido, a relação entre a sociedade e a natureza é uma ciência que visa a ligação entre os hábitos tradicionais.

A interação entre o ser humano e o ambiente tem um papel importante no desenvolvimento da sociedade, conectando-a com suas origens e promovendo a valorização do conhecimento tradicional. Os métodos ancestrais de interação com a natureza são fundamentais para a educação dos cidadãos e para a promoção de práticas políticas e sustentáveis (SIQUEIRA *et al.*, 2014).

O uso das plantas possibilitou uma infinidade de conhecimento correlacionados com a forma de viver das comunidades que se disseminou. Os hábitos e costumes em relação ao uso das plantas vêm sendo estudados em comunidades tradicionais visando compreender a relação Etnobiologia sob a visão desses grupos (LEMOS; ARAUJO 2015). Dessa forma, “valorizam os espaços onde as relações são mantidas, perpetuadas e ressignificadas no âmbito de seus símbolos, crenças, fraternidade e amor ao próximo e ao ambiente “(LEWIS, 2006). Neste contexto, essas comunidades possuem uma relação afetiva com a natureza e o lugar onde estão inseridos pois a partir dela retiram seu sustento e sua saúde através de recursos naturais como as plantas.

Dessa maneira, torna-se importante destacar um dos ramos da Etnobiologia voltado ao estudo dos conhecimentos botânicos sob a perspectiva de diferentes grupos tradicionais. A etnobotânica busca compreender exatamente essa relação socioambiental e como os conhecimentos tradicionais se articulam com o uso das plantas no cotidiano, na cura, nos rituais e nas práticas culturais desses povos (RODRIGUES *et al.*, 2025).

O uso de plantas é um conhecimento muito antigo, com registros que remontam à pré-história. Segundo Navarro (2006), desde o surgindo da terra o homem se movimenta buscando espaços que atendam suas necessidades e consequente os recursos que são disponibilizados para sua sobrevivência e bem-estar. Dessa maneira, Rocha *et al.* (2015) descrevem o surgimento do uso de plantas medicinais na pré-história, revelando que essas atividades surgiram a partir da observação das características estruturais das plantas, moldadas pelas mudanças das estações e pela capacidade de regeneração dessas espécies.

Nesse sentido, Da Rocha *et al.* (2021), apresentam um panorama histórico sobre o uso de plantas medicinais destacando que essas práticas se mantiveram resilientes, porém se transformaram a maneira que a sociedade evolui. Tais registros, permitem incorporar as comunidades tradicionais e originárias, que conservam os modos tradicionais sobre plantas terapêuticas, mas, no entanto, estão vulneráveis tanto pela antropização das paisagens naturais e pela desvalorização desses conhecimentos (CAVALCANTE, 2025). Todavia, o bioma

Cerrado, têm sido alvo de expansão do agronegócio no Brasil, trazendo consigo diversas alterações ambientais, impactando diretamente os povos tradicionais inseridos neste ambiente e os conhecimentos adquiridos (ROSOLEN, 2012).

1.3 Cerrado

O Domínio Cerrado é o segundo maior bioma do país ficando para trás apenas da floresta Amazônica. É caracterizado por possuir relações ecológicas e fisionômicas, e representa 23% do território brasileiro onde abriga os estados de Goiás, Tocantins e o Distrito Federal, parte dos estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rondônia e São Paulo e possui uma distribuição disjuntas ao norte nos estados do Amapá, Amazonas, Pará e Roraima, e ao sul, em pequenas "ilhas" no Paraná (RIBEIRO; WALTER, 1998).

O Cerrado é um dos biomas mais ricos e biodiversos do mundo, abrigando uma enorme variedade de espécies de fauna e flora, e uma riqueza de espécies endêmicas conforme descrito por Klink e Machado (2005). A combinação das variações climáticas, geomorfológicas e biológicas e das dinâmicas antrópicas são um pano de fundo para a diversidade social, com a presença de comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas e outras comunidades tradicionais.

As grandes transformações que ocorreram na cobertura vegetal do bioma têm modificado a biodiversidade e as dinâmicas dos povos tradicionais presente na região, alterando o clima e as fisionomias locais (BARRETO *et al*, 2017), principalmente nas regiões contidas, nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Essa região está sendo alterada devido a expansão das atividades agropecuárias, com destaque para o estado do Tocantins.

O Tocantins vêm sendo modificado rapidamente com os avanços das atividades agropecuárias e com o uso de tecnologias de produção utilizando organismos geneticamente modificados. Segundo dados do MapBioma (2022), cerca de 44% são áreas destinadas a agropecuária e 55% são áreas florestadas que ainda continuam conservadas no estado. Segundo Scoleso *et al* (2023), a expansão das atividades agrícolas aliadas ao neoextrativismo (Modelo de desenvolvimento focado no crescimento econômico) provocam danos irreparáveis ao ambiente transformando a região do Tocantins em um mercado de commodities. Nesse mercado não importa a origem nem a qualidade das mercadorias, sendo que as pressões externas,

exercidas pela modernização da agricultura, acabam interferindo nas comunidades tradicionais, que dependem da extração de recursos para sua sobrevivência.

A modernização do setor agropecuário não é o único fator que tem afetado as comunidades tradicionais do estado do Tocantins. As indústrias possibilitaram mudanças na alimentação, nos remédios, nos cosméticos e em outros produtos utilizados por esses grupos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) na década de 1990, cerca de 80% da população de países subdesenvolvidos utilizava plantas medicinais para o combate de doenças (CORREIA, 2011). Dessa maneira, as mudanças ocasionadas por essa modernização se contrapõem à perpetuação do etnoconhecimento, principalmente em relação ao conhecimento de plantas medicinais, pois o uso de plantas para a manutenção da saúde está sendo perdido e/ou modificado em decorrência da rapidez e os mecanismos de chegada dos avanços tecnológicos.

O reconhecimento da contribuição das comunidades quilombolas do estado do Tocantins, demonstra a similaridade e as singularidades de cada grupo tradicional. Nesse sentido, destacam-se as quatro comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré (Córrego Fundo, Curralinho do Pontal, Malhadinha e Manoel João), que compartilham a mesma realidade na busca pela demarcação de seu território, e que também acabam sendo influenciadas diretamente pelos avanços tecnológicos, e modificando seus modos de vida.

1.4 Breve história, memória e caracterização das comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré-TO

A história dessas comunidades tem início no antigo território da Capitania de Goiás, mais especificamente na região do médio-norte goiano, área que atualmente corresponde ao estado do Tocantins. Segundo Marques (2014), a presença da escravidão na região esteve diretamente relacionada à atividade garimpeira, iniciando-se entre os anos de 1607 e 1609, período marcado pela exploração do ouro e pela utilização da mão de obra escravizada.

Complementando essa perspectiva Pallacin (1976), aponta que a ocupação do território goiano ocorreu de forma gradual, impulsionada pela atuação de missionários, sertanejos e bandeirantes que migraram para o interior em busca de recursos. Esses grupos foram responsáveis pela fundação dos primeiros arraiais, que passaram a estruturar a dinâmica econômica e social da região, formando povoamento para exploração de minério.

Dessa maneira, destaca-se o Arraial do Pontal, também conhecido como Bom Jesus do Pontal, povoado datado do século XVIII e pertencente à antiga Capitania de Goyaz, localizado na área que atualmente corresponde ao município de Porto Nacional, conforme descrito por Melo (2019). Esse arraial desempenhou papel central na organização territorial e econômica da região, especialmente no que se refere à administração das atividades mineradoras e à gestão dos escravizados.

Com isso, o Arraial do Pontal está diretamente ligado às comunidades analisadas neste estudo, uma vez que a região exercia a função de gestão e controle das atividades desenvolvidas por essas comunidades. Nesse contexto, a trajetória das comunidades investigadas tem início com a Comunidade Quilombola Malhadinha, sendo a mais antiga entre as demais.

1.4.1 Comunidade Quilombola Malhadinha

A história da Comunidade Quilombola Malhadinha se inicia com Ismênia, uma mulher escravizada que migrou da Bahia, nascida em 1792. Com sua história conhecida como “Mulher Ferrada”, isso devido as marcas de ferradura em seus antebraços, ela herdou as terras de onde hoje é situada a comunidade como é descrito por Neto (2022).

Ismênia é a matriarca da comunidade e foi trazida do estado da Bahia por um Padre para trabalhar em sua fazenda. A fazenda localizada justamente no local onde hoje é a comunidade fora doada à Ismênia pelo Padre, devido sua dedicação e os bons serviços prestados a ele. A partir de então Ismênia passou a abrigar pessoa escravizadas que fugiram de outras regiões e os mantinha escondido em sua propriedade (NETO, 2022)

A comunidade quilombola Malhadinha, está localizada a aproximadamente 28 quilômetros de Brejinho de Nazaré - TO. Composta por 60 casas que abrigam 60 famílias, a comunidade está situada na fazenda Malhadinha (ESTEVES, 2019). E foi reconhecida oficialmente em 24 março de 2010 pela fundação Cultural dos Palmares (FCP) (Processo nº 01420.002267/2009-08) certificado pela portaria nº 51/2010.

1.4.1 Comunidade Quilombola Curralinho do Pontal

A história da Comunidade Quilombola Curralinho do Pontal teve início no século XIX, o marco para o surgimento dessa comunidade foi no ano de 1831. Em um ataque que resultou

na desocupação da área e na formação do Porto Real, local que atualmente corresponde ao município de Porto Nacional (Melo, 2019). Após esse episódio, não há registros da presença de habitantes na região por um longo período.

Somente em 1892 iniciou-se novamente o retorno da ocupação humana, quando as primeiras famílias passaram a se estabelecer no território. De acordo com os relatos da comunidade, a primeira menção à região ocorreu a partir de uma conversa entre moradores do entorno, os irmãos Pedro Lopes e Luís Lopes, que, durante uma caçada, comentaram sobre a existência do córrego Curralinho. A partir dessa referência, as primeiras famílias iniciaram o processo de ocupação da área, destacando-se a família do Sr. Fulugêncio, que chegou à comunidade ainda com quatro anos de idade, juntamente com o senhor Manoel Rodrigues.

Posteriormente, novas famílias passaram a se instalar na região, sobretudo em decorrência da atividade garimpeira, que atraiu um contingente crescente de pessoas. Esse fluxo populacional contribuiu para a consolidação do Povoado do Curralinho. Todavia, em 24 de março de 2010 a comunidade quilombola Curralinho do Pontal foi reconhecida oficialmente pela Fundação Cultural dos Palmares (CFP) pelo processo 54400.000825/2010-21.

1.4.3 Comunidade Quilombola Manoel João

A Comunidade Quilombola Manoel João surgiu conjuntamente à Comunidade Quilombola Curralinho do Pontal a partir da chegada das primeiras famílias à região. A principal diferença entre essas comunidades é que Curralinho do Pontal já se configurava como um povoado. De acordo com os relatos da própria comunidade, os primeiros habitantes chegaram por volta de 1892, sendo Manoel João um homem negro escravizado reconhecido como o primeiro morador da região. Posteriormente, outras famílias se estabeleceram no local, entre elas, os irmãos, Caetano e Lino, que ocuparam e dividiram as terras, ficando cada irmão responsável pela administração de uma parte. Essa divisão territorial era delimitada pelo Córrego Manoel João.

À época, as terras não possuíam proprietários oficialmente definidos, o que favoreceu a chegada de famílias oriundas de estados vizinhos, como Piauí, Bahia e Ceará, atraídas principalmente pela atividade garimpeira. Com o avanço desse processo, essas famílias passaram a se apossar das terras, resultando na perda de grande parte do território anteriormente ocupado pelas famílias já residentes na região. Atualmente, ainda são encontradas estruturas e objetos remanescentes do período da escravidão, as quais contribuíram de forma significativa

para o reconhecimento oficial da Comunidade Quilombola Manoel João pela Fundação Cultural Palmares (FCP).

Em 20 de dezembro de 2010 a comunidade quilombola Manoel João foi reconhecida oficialmente como um quilombo remanescente. A comunidade está localizada no município de Porto Nacional, o qual moram, aproximadamente, 30 famílias, totalizando 98 pessoas (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO, 2010).

1.4.4 Comunidade Quilombola Córrego Fundo

Contam as narrativas dos moradores da Comunidade Quilombola Córrego Fundo que a ocupação das terras onde situa seu território, se iniciou em 1938, sendo a família do Senhor Germano Dias Furtado e da Senhora Eduarda Lopes Sampaio, a primeira a se instalar na região. Posteriormente, juntou-se a eles na mesma região, o Senhor Joaquim Lopes Sampaio e Lorenzo Lopes Sampaio. A ocupação dessas terras surgiu em decorrência a uma migração da região de Cajueiro um antigo povoado, que vieram montados em animais, abrindo precedentes na sequência, para outras famílias ocuparem à região.

O reconhecimento da comunidade, se materializou após uma parceria com a Comunidade Quilombola Malhadinha, que naquela ocasião tinha como seu presidente José Lopes Sampaio, descendente direto dos primeiros moradores locais. Então, em 20 de janeiro de 2005 a comunidade quilombola Córrego Fundo foi reconhecida pela fundação Cultural dos Palmares (FCP) (Processo 01420.002358/2005-10), certificado na portaria nº 38.749, o que garantiu o direito a identidade e regularização das terras, mas, no entanto, o território não foi demarcado (PALMARES, 2016).

Dessa maneira, o etnoconhecimento associado ao uso das plantas está fortemente inserido dentro destas comunidades, a utilização dos vegetais é versátil e demonstra a relação com os costumes tradicionais adquiridos ao longo dos anos. Além disso, ambas as comunidades não possuem a demarcação de seus territórios e as pressões exercidas devido os avanços tecnológicos colocam em risco as relações com o ambiente, sendo assim, essas comunidades acabam compartilhando a mesma realidade e consequentemente os mesmos problemas.

Nesta perspectiva, a pesquisa tem como objetivo, descrever o etnoconhecimento de plantas medicinais pelas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré-TO e novos meios de disseminação desse conhecimento como forma de resiliência. Busca especificamente, responder à seguinte questão: As redes sociais contribuem com a

disseminação dos conhecimentos sobre plantas medicinais e com a transmissão de conhecimento intergeracional em comunidades quilombolas?

2.OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

Compreender o etnoconhecimento sobre plantas medicinais nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré-TO e os novos meios de disseminação desses saberes como forma de resiliência.

2.2 Objetivos específicos:

- Fazer o levantamento das plantas medicinais e seus usos nas comunidades quilombola;
- Identificar grupos de enfermidades e partes dos vegetais associados ao tratamento fitoterápico a partir da percepção tradicional
- Descrever a influência das redes digitais como forma de disseminação do etnoconhecimento nas comunidades;
- Caracterizar os efeitos dos avanços tecnológicos dentro destas comunidades;

3.METODOLOGIA

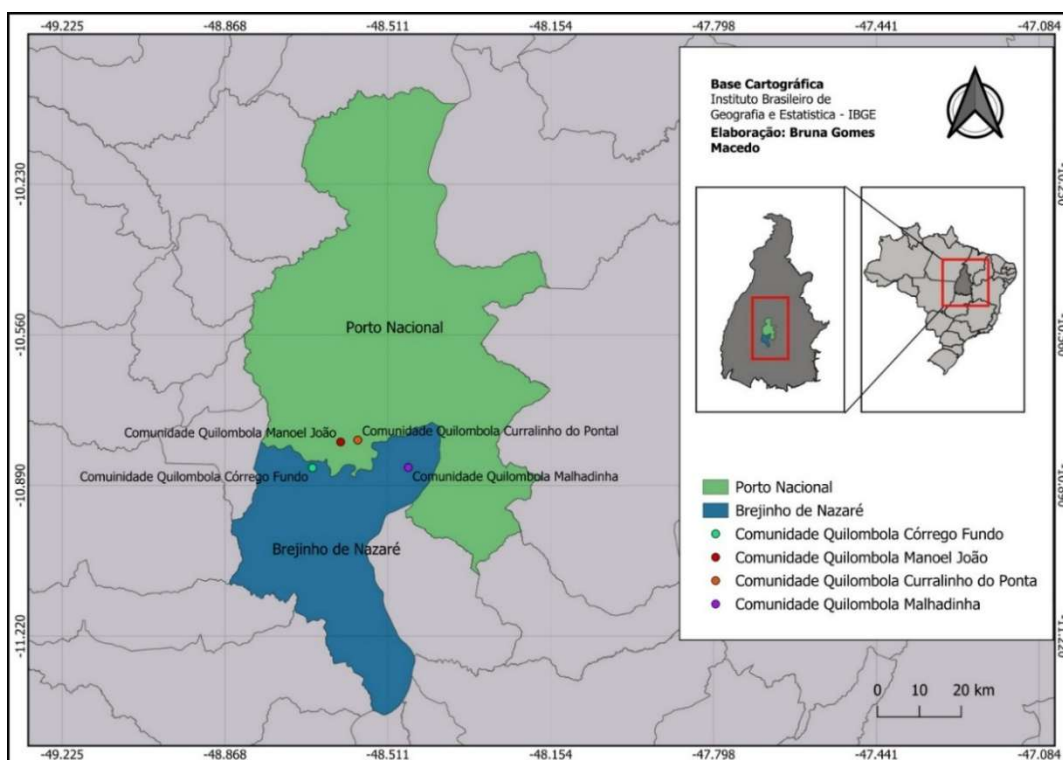
3.1 ÁREA DE ESTUDO:

O estudo foi realizado em quatro comunidades quilombolas: Córrego Fundo, Curralinho do Pontal, Malhadinha e Manoel João, localizadas no município de Brejinho de Nazaré e Porto Nacional (Figura 1). Os municípios estão localizados na região central do estado, às margens do rio Tocantins. O município de Brejinho de Nazaré possui uma extensão territorial de 1.722,590 km², densidade demográfica de 2,74hab./km² (IBGE, 2024). Enquanto Porto Nacional apresenta uma extensão territorial de 4.434,680 km², com uma densidade demográfica 14,53 hab./km².

Sobre a paisagem natural, a vegetação nativa de cerrado é o principal tipo de cobertura, com intensas áreas antropizadas, devido aos avanços do setor agropecuário, segundo dados do

MapBiomias (2022). Devido às alterações geopolíticas na extensão territorial desses municípios, as comunidades Manoel João e Curralinho do Pontal encontram-se em processo de transição para o município de Porto Nacional. No entanto, até o momento de conclusão desse estudo, os documentos oficiais dessas comunidades permanecem vinculados ao município de Brejinho de Nazaré.

Figura 1. Localização das Comunidades Quilombolas do Município de Brejinho de Nazaré e Porto Nacional, Tocantins



Fonte: IBGE, Bruna Macêdo, 2025.

As fitofisionomias presentes nos territórios dessas comunidades são caracterizadas pela presença de matas de galeria, córregos, campos, áreas de matas e formações de cerradão, entre outras. O principal tipo de vegetação encontrado nas áreas comunitárias é composto por plantas frutíferas (Figura 2), especialmente espécies nativas como caju, mangaba, buriti e outros que além de desempenharem papel ecológico importante, representam também uma significativa fonte de subsistência e renda para os moradores locais.

Figura 2. Planta frutífera (Chichá *Sterculia striata* A.St.-Hil. & Naudin) cultivada pela comunidade Quilombola Curralinho do Pontal localizada no município de Brejinho de Nazaré- TO



Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

As terras quilombolas do município, são divididas por uma serra geral que passa por todas as comunidades (Figura 3). Os moradores retratam que conseguem acessar as outras comunidades através de trilhas que são encontradas nessas regiões, ao longo de toda extensão são encontrados alguns córregos como Córrego Fundo, Manoel João, Curralinho, Ribeirão Conceição, Córrego Vidros e outros.

Figura 3. Serra Geral que perpassa todas as comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré-TO



Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

Ademais, ao redor dessas comunidades encontram-se diversos empreendimentos agrícolas, como plantações de milho, soja e eucalipto. Entre as comunidades outrora mencionadas, uma se destaca como a mais antropizada, devido à existência de um empreendimento agrícola no centro e nas extremidades trata-se da Comunidade Quilombola Córrego Fundo. Dessa forma, as demais comunidades apresentam possíveis impactos ambientais decorrentes dessas atividades. Observa-se, ao longo do gradiente ambiental, que as áreas mais densamente florestadas concentram-se dentro dos territórios comunitários, evidenciando a importância dessas comunidades na preservação da vegetação nativa.

Além disso, é importante enfatizar que os nomes das comunidades quilombolas envolvidos no estudo, foram inspirados em elementos naturais e culturais presentes em seus próprios territórios (Figura 4). A comunidade Córrego Fundo, recebeu esse nome em alusão ao ribeirão Córrego Fundo que passa em seu território. O nome da comunidade Curralinho do Pontal, faz referência ao córrego Curralinho, que tem sua nascente na Serra do Pontal. A comunidade Manoel João recebeu esse nome em homenagem ao córrego Manoel João, que abarca a comunidade. Malhadinha tem o nome inspirado na antiga criação de gado malhado,

prática tradicional realizada nas malhadas áreas destinadas à pastagem e criação de gado, tais aspectos definem a história e a identidade local dessas comunidades.

Figura 4. Elementos naturais que definem o nome das comunidades Quilombolas do Município de Brejinho de Nazaré-TO.

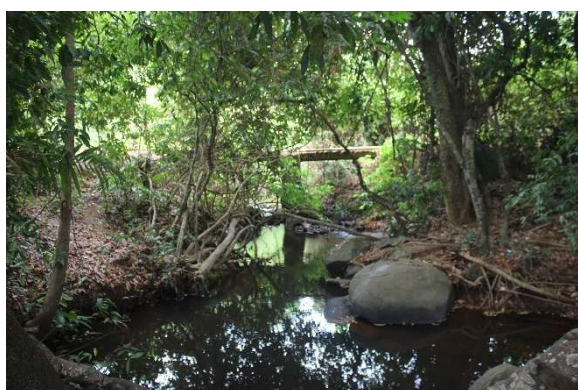
Malhada de Gados



Serra do Pontal



Córrego Manoel João



Córrego Fundo



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

Nesse sentido, enfatizar que as características físicas da paisagem local que faz referência a nomeação das comunidades, também apresentam aspectos socioculturais que possibilitam analisar os modos de subsistência e consequentemente, o cotidiano dessas comunidades quilombolas.

3.1.2 Caracterização sociocultural das comunidades quilombolas participantes do estudo

As comunidades quilombolas Córrego Fundo, Curralinho do Pontal, Malhadinha e Manoel João, apresentam semelhanças em seu estilo de vida, com aspectos culturais fortemente moldados na religiosidade. As festividades locais são voltadas às tradições religiosas pautadas na fé, crenças e espiritualidade dos moradores. Na comunidade Malhadinha, Manoel João e

Curralinho do Pontal, por exemplo, encontram-se igrejas católicas que servem como centros de convivência e espiritualidade. As celebrações incluem rezas, folias, festejos e danças típicas da região (Figura 5), preservando práticas tradicionais. Além dessa, são encontradas uma igreja evangélica situada apenas na Comunidade Malhadinha.

Figura 5. Derrubada do mastro na festividade de Bom Jesus realizada pela Comunidade Quilombola Manoel João



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

A religiosidade desempenha um papel insubstituível na vida desses grupos, refletindo-se inclusive, no uso de vegetais como na utilização de folhas verdes em rituais de benzimento e batismo nas casas. Além disso, as plantas, de modo geral, representam uma das principais formas de subsistência dessas comunidades como referência alimentar. A comunidade Malhadinha, por exemplo, destaca-se na plantação de frutíferas e produção de polpas, possuindo uma fábrica de extração beneficiada por um programa de agroecologia.

Nesse sentido, a subsistências alimentar, é proveniente de recursos vegetais como a produção de bananas, mandiocas, quiabo, maxixe, frutas e outros, que são produzidos em roças, quintais e nas hortas próximo as casas (Figura 6). Com isso, é possível afirmar que as plantas são fundamentais no sustento alimentar, na religiosidade, nas práticas tradicionais, econômica

e sociais essenciais para sobrevivência desses grupos, configurando-se como incorporada em todos os aspectos do cotidiano dessas comunidades.

Figura 6. Hortas encontrada próximo as da Comunidade Quilombola Curralinho do Pontal.



Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

De modo geral, as comunidades quilombolas possuem muitas similaridades, dessa maneira, quanto a arquitetura as casas são feitas de adobe e algumas feitas com tijolo e telhados com palha e lona. Quanto a estrutura local, são encontrados, campo santo (cemitério) e o campo dos anjos que refere ao local onde são enterrados os bebês, atualmente, não fazem mais essas distinções entre adultos e crianças e todos são sepultados no campo santo. As casas estão distribuídas em chácaras cada morador possui a sua, dentro de algumas delas são encontradas uma casa aberta que são locais para fabricação de farinhas, bolos e socialização.

Dentre as comunidades do estudo a Comunidade Malhadinha é a mais estruturadas pois são encontrados, postes de luz, igrejas, escola ativa e acesso a serviço de coleta de lixo por meio da gestão municipal, as demais comunidades não possuem acesso a esse serviço. No quesito educação, todas as comunidades possuem escolas, no entanto, apenas uma está ativa, localizada

na comunidade Malhadinha com o ensino apenas para fundamenta I, os demais alunos de outras turmas são conduzidos para o município de Brejinho de Nazaré, assim como, a comunidade Córrego Fundo, no qual, todo ensino básico é realizado pelas redes municipais e estaduais da cidade.

Nas demais comunidades, os estudantes são transportados para a escola municipal até o povoado Escola Brasil distrito de Porto Nacional, o acesso até a escola ativa da comunidade se dar por uma estrada não pavimentada o que dificulta a locomoção do ônibus, resultando em faltas constantes dos discentes na escola e na mudança de algumas famílias para o distrito, pois o ônibus quebra com muita frequência, além, da rotina exaustivas nas idas e vindas da escola para essas comunidades.

3.2 OBTENÇÃO DE DADOS

Este estudo etnográfico descritivo, qualitativo e exploratório que buscou descrever o etnoconhecimento de plantas medicinais pelas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré destacando os novos meios de disseminação do etnoconhecimentos. Os dados foram obtidos a partir de três etapas: netnografia, entrevista e levantamento bibliográfico.

3.2.1 Netnografia

Inicialmente, foi feito um levantamento netnográfico para investigar os novos meios de disseminação dos conhecimentos tradicionais quilombola sobre o uso de plantas medicinais. Para isso, foram utilizados como instrumentos de coletas de dados, *a internet, sites* e redes sociais, além de equipamentos como *notebook*. Essa metodologia é empregada com o intuito de observar como ou para que, as comunidades utilizam a *internet* para divulgar seus interesses (HINE, 2005). Para este estudo, foram selecionadas somente as plataformas digitais que abordavam especificamente sobre as comunidades quilombolas. Os aplicativos escolhidos foram limitados ao *Facebook, Instagram, Youtube* e *TikTok* devido a sua popularidade e acesso das comunidades dentro dessas plataformas.

O monitoramento dessas redes digitais aconteceu entre os meses de setembro de 2024 a dezembro de 2025, o qual, foram analisados os números e os conteúdos das postagens com a finalidade de entender a interação dessas comunidades nessas plataformas nos últimos anos e o que elas compartilhavam.

A plataforma *TikTok* foi analisada de forma distintas das demais, pois não, foi detectado a presença de perfis das comunidades participantes do estudo, no entanto, a plataforma é a única, que possui conteúdos sobre plantas medicinais, sendo observado perfis dos membros, mas, a análise da plataforma ficou voltada para um perfil que apresenta registro sobre o uso desses vegetais. A netnografia também serviu de base para realizar o levantamento de plantas medicinais utilizadas para a comunidade Malhadinha por meio do perfil da senhora Luiza Dias.

A seleção dos materiais virtuais foi realizada a partir da busca pelos nomes dessas comunidades, o que possibilitou a identificação de seus perfis em redes digitais, além de conteúdos audiovisuais disponíveis. Todavia, a seleção dos perfis no TikTok ocorreu mediante a vivência da autora nessas comunidades em conjunto com os relatos dos colaboradores dessa pesquisa.

Os dados coletados, permitiu uma análise geral da expansão das redes digitais que foram organizados em uma linha temporal. Para colaborar com os dados obtidos por meio da netnografia, foi realizada entrevista que buscaram destacar a visão desses grupos sobre o uso de plantas medicinais, avanços tecnológicos e os novos meios de disseminação dos saberes.

3.2.2 Entrevistas

Foram realizadas quatro visitas às comunidades entre os meses de março a novembro de 2025. No primeiro momento, foram estabelecidos contatos iniciais com as lideranças das comunidades para apresentação do projeto e anuência prévia das comunidades. Na sequência, pós autorização, foi priorizado pelos próprios moradores aqueles que viviam desde a juventude nas regiões. Durante esses momentos de delongas conversas informais, escutas e descontrações, houve participação ativa nas dinâmicas de condução das entrevistas locais, caminhadas guiadas pelas matas, quintais e hortas (Figura 7). Essas atividades, foram observadas e anotadas em caderno de campo, as espécies utilizadas, as formas como os moradores realizam essas práticas e seus usos, permitiu compreender os saberes envolvidos. Além disso, foi feita a coleta de espécime vegetais para fins de identificação botânica. Os moradores estavam à vontade e empolgados em compartilhar seus conhecimentos, inclusive solicitando registro fotográfico do momento.

Posteriormente, foram realizadas entrevista semiestruturadas (Apêndice I) que aconteceram entre os meses de agosto a dezembro de 2025 com os participantes das quatro

comunidades participantes, para condução desses momentos foi empregada a técnica Bola de Neve proposta por Heckathorn (1997) que consiste em uma amostragem orientada pelo colaborador e as entrevistas ocorreram através de duas vias: uma presencial e outra virtual (por meio de ligações e *Whatsapp*). As entrevistas foram realizadas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins, cujo Processo subscreve sob o nº 87561725.6.0000.5519.

Figura 7. Idas a campo realizadas nas comunidades do estudo



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

3.2.2.1 Caracterização do Corpus

O corpus da pesquisa foi constituído por entrevistas realizadas em quatro comunidades do município de Brejinho de Nazaré, Tocantins, totalizando 30 participantes. Na comunidade Manoel João, foram entrevistadas nove pessoas, sendo quatro mulheres e cinco homens, com

idades variando entre 30 e 89 anos. Na comunidade Malhadinha, participaram quatro entrevistados, sendo três mulheres e um homem, com faixa etária entre 38 e 89 anos. Em Curralinho do Pontal, foram oito entrevistados, dos quais três eram mulheres e cinco homens, com idades variando entre 50 e 70 anos. Por fim, na comunidade Córrego Fundo, foram realizadas entrevistas com sete participantes, sendo três mulheres e quatro homens, com idades entre 35 e 83 anos.

A seleção dos colaboradores foi orientada pelas lideranças e os guias (quilombolas que não residem nas comunidades, mas, que mantêm vínculos as pessoas que ainda residem nessas comunidades). As entrevistas priorizam os mais idosos, mas, também foram realizadas com colaboradores mais jovens que voluntariamente dispôs contribuir com os seus saberes relacionados às plantas medicinais. Quanto ao número de entrevistados, a amostragem foi considerada suficiente para responder aos objetivos do estudo, considerando que o conhecimento é intergeracional e que foram repassados principalmente por membros mais idosos da comunidade os quais acompanharam as transformações que ocorrem na geração atual.

Além das entrevistas, foi realizada a coleta de material para identificação e de algumas espécies (Os espécimes coletados foram selecionados de acordo com a época de floração e frutificação, bem como pela abundância encontrada nas casas visitadas, sendo a coleta realizada apenas mediante autorização dos colaboradores). As plantas coletadas foram encaminhadas para o Herbário da Universidade Federal do Tocantins (HTO) onde foram identificadas e tombadas (tabela 1). Algumas plantas citadas na lista de espécie foram fotografadas e identificadas com a colaboração de um especialista do referido laboratório. As demais plantas foram identificadas por meio do site do Re flora e com ajuda dos registros fotográficos demonstrando as partes reprodutivas (Flores e frutos).

Tabela 1. Tombamentos das coletas de material vegetal das comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré – Tocantins.

Número de Tombamento	Nome vernacular/Científico
12637	Bruto <i>Annona coriacea</i> Mart.
12638	Tamarindo <i>Tamarindus indica</i> L.
12639	Siriguela <i>Spondias purpurea</i> L.
12640	Nim <i>Azadirachta indica</i> A. Juss.

12641	Begetazil, novalgina <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze
12642	Alecrim <i>Pectis elongata</i> Kunth
12643	Planta -da-Ressaca <i>Artemisia vulgaris</i> L.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Os dados foram analisados com base nos saberes das comunidades participantes. Durante a coleta, foi adotado o princípio da etnotaxonomia, com o objetivo de registrar os nomes das espécies conforme a pronúncia utilizada pelos colaboradores. Dessa forma, os resultados refletem o conhecimento tradicional dos entrevistados em relação às plantas, sendo as únicas modificações realizadas, àqueles referentes à identificação e descrição dos nomes científicos das espécies.

3.2.3 Levantamento bibliográfica

Para complementar os dados coletados, foi feita uma revisão literária utilizando artigos, livros, teses e dissertações com o objetivo de contextualizar os dados coletados, principalmente em relação a investigação dos novos meios de disseminação dos saberes e entender o que tem escrito sobre essa temática.

Dessa maneira, para seleção desses materiais foram utilizados alguns descritores, ‘avanços tecnológicos’, ‘redes digitais’, ‘novos meios de disseminação’, ‘comunidades tradicionais e tecnologia’, ‘colonialidade’, ‘etnoconhecimento’, ‘comunidades quilombolas’, ‘etnobotânica’, ‘etnoconhecimento de plantas medicinais’, ‘etnoconhecimento e comunidades quilombolas’, com objetivo de fundamentar diversos estudos com a presente pesquisa.

4. ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados coletados por meio das entrevistas, foi flexível e permitiu a exploração do tema de interesse, fornecendo informações que inspirados nos métodos etnográficos e etnobiológico, possibilitou o diálogo entre os achados referentes à realidade socioambiental em que os conhecimentos ecológicos e socioculturais das comunidades tradicionais, dialogam com a discussão teórica de Albuquerque, Lucena E Cunha, (2010).

Nesse estudo foi utilizada uma abordagem descritiva e consistiu nas seguintes etapas. A primeira, incidiu na transcrição das entrevistas, incluindo a transcrição literal do que foi dito pelos entrevistados. Em seguida, foi realizada uma seleção e revisão cuidadosa das transcrições, a fim de identificar padrões, temas e subtemas emergentes. Especialmente a percepção dos colaboradores em relação ao uso das plantas medicinais. Na análise dos dados coletados foi utilizada a abordagem indutiva, em que o pesquisador identifica as categorias emergentes a partir dos dados coletados. As categorias emergentes de análise foram estabelecidas posteriormente. A interpretação dos dados foi realizada com cautela, a fim de evitar interpretações errôneas ou viesadas.

A análise de dados da Netnografia, foram feitas a partir da interpretação das informações, buscando padrões de dados. Os dados foram analisados em conjunto com as lideranças para verificar a veracidade das informações. foram descartadas informações repetitivas, e os dados foram analisados cuidadosamente obedecendo os padrões éticos de uma pesquisa etnográfica. Para a interpretação dos dados foi utilizado a metodologia qualitativa de análise de conteúdo proposta por Bardln (1977) que consiste em uma análise de comunicações segundo as técnicas modernas do século XX para compreensão das falas ou um determinado texto, mensagens e outros.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso de plantas medicinais é uma herança passada de diversas formas entre gerações pelas comunidades tradicionais, que vai além das propriedades terapêuticas. Trata-se da cultura e das adaptações socioambientais vivenciadas por esses grupos. Dessa maneira, as comunidades quilombolas Córrego Fundo, Curralinho do Pontal, Malhadinha e Manoel João, relataram nomes de 102 plantas de uso terapêutico, sendo elas citadas por 27 colaboradores representantes de cada comunidade, os quais destacaram: sua identificação, propriedades terapêuticas, preparos, crenças e religiosidade, além dos possíveis efeitos e os tipos de propagação das informações diante do uso das tecnologias dentro dos territórios quilombolas na disseminação deste conhecimento.

A partir disso, a presente dissertação está estruturada em dois capítulos:

O capítulo I, aborda o etnoconhecimento relacionado ao uso de plantas medicinais pelas comunidades do município de Brejinho de Nazaré/Tocantins, além de detalhar as relações socioambientais, crenças, cultura e resiliência desses saberes sobre plantas em meio a

contemporaneidade.

O capítulo II, discute os novos meios de disseminação dos saberes tradicionais, apresentando uma análise detalhada sobre como as comunidades estão inseridas nas plataformas digitais, de que forma utilizam as redes digitais para compartilhar seus conhecimentos, quais conteúdos são divulgados nesses espaços e como compreendem os avanços tecnológico.

CAPÍTULO I

USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BREJINHO DE NAZARÉ-TO

As relações socioambientais estabelecidas entre as comunidades quilombolas Córrego Fundo, Curralinho do Pontal, Malhadinha e Manoel João, expressam cordialidade, pautada no respeito ao ambiente e aos recursos naturais, com especial atenção às plantas medicinais de onde extraem o “remédio” para diversas enfermidades. Por esse motivo, valorizam e buscam preservar, para que sempre esteja disponível. Notou-se ainda, a preocupação com as paisagens no entorno das comunidades, pois de modo indireto acabam interferindo na dinâmica dessas comunidades e consequentemente nas fitofisionomias de seus territórios.

Dessa forma, é importante enfatizar que os quilombolas que ainda vivem nessas regiões citadas, possuem profundo conhecimento e apego aos seus territórios. Ao relacionarmos esse saber com o uso de plantas, percebe-se que eles conseguem identificar as espécies, reconhecer suas propriedades terapêuticas e indicar as áreas onde há maior probabilidade de encontrá-las, como se observa nos fragmentos a seguir, que retratam, os saberes dos colaboradores: relacionados a diferentes plantas medicinais:

“Umburuçu é uma planta de casca grossa típica de Cerrado, encontrada nas baixadas, que não seja de terra arenosa, tem ele, ele serve para hemorragia, e para fazer o remédio você raspa a entrecasca e passa no local” (Dona Cícera da Comunidade Quilombola Curralinho do Pontal em entrevista concedida a autora em outubro de 2025).

“A sucupira é muito boa para inflamação principalmente para dor de garganta pega a semente dela e coloca na boca e deixa que vai melhorando, a gente encontra a sucupira em mata fechada em terra preta é mais comum de encontrar”. (Luciene Gomes Soares da Comunidade Quilombola Córrego Fundo em entrevista concedida a autora em setembro de 2025)

“O Gervão é uma planta uma muito boa, encontra ele em qualquer lugar principalmente nos fundos dos quintais, serve para tudo, inflamação, cicatrização, ele é muito bom” (Nilza da Comunidade Manoel João em entrevista concedida a autora em outubro de 2025)

“O capim eucalipto ou capim meloso é encontrado na chapada, antes achávamos com facilidade hoje não acha mais, ele serve para queda capilar, você faz um chá com três folhas e lava seu cabelo normal que potencializa” (Colaboradora C da Comunidade Quilombola Malhadinha em entrevista concedida a autora em outubro de 2025).

Os colaboradores identificam a localização de determinadas espécies, demonstrando seus conhecimentos empíricos sobre os ambientes em que podem ser encontradas. Corroborando com essa observação, Câmara (2024) destaca que as comunidades quilombolas reconhecem historicamente seus territórios, e que seus saberes não se limitam apenas ao uso desses recursos naturais, mas também às características físicas das variedades dos vegetais.

Diversos aspectos estão associados à cultura e ao ambiente como é o exemplo das energias e influências emanadas pelo sol e a lua, que possuem grande relevância tanto no plantio, quanto na colheita e até mesmo, na extração de algum componente de plantas, como é o caso da extração da seiva de sangra d'água. Afirmam que o horário melhor para extrair é ao nascer do sol, pois ao longo dia o sol “cresce”, (referindo-se ao movimento desse astro), e por esse motivo a quantidade de seiva extraída é maior.

Assim, como o sol, as energias astrais exercidas pela lua sobre os vegetais, também é um elemento central observado dentro dessas comunidades. A lua está associada à ciência tradicional, onde a crença e a observação das fases das luas estão relacionadas ao período de plantio, crescimento e colheitas. Para essas comunidades, a obediência e observação desses períodos ou fase lunar, tem relação com a “fatura” ou abundância nos resultados da produção, como é destacada pelos colaboradores, Antônia e Marcial, das comunidades Malhadinha e Córrego Fundo.

“Para plantar, você olha a lua você planta três dias antes ou três dias depois da lua cheia por que aí você colhe mais, para mandioca é bom que só” (Colaboradora Antônia da Comunidade Malhadinha em entrevista concedida a autora em outubro de 2025).

“A lua serve para tudo...tá na Bíblia, para você plantar, colher, pegar algum remédio que rende mais, tudo é por Deus” (Colaborador Marcial Gomes Soares da Comunidade Córrego Fundo em entrevista concedida a autora em outubro de 2025).

Os colaboradores revelaram a influência da lua na realização de atividades cotidianas, observados também entre os povos originários e tradicionais como por exemplos comunidades caiçaras, que dependem das fases lunares para caças e pescas (MORELLI *et al.*, 2010; PEREIRA; CARVALHO; GIRALDIN, 2022). Em conformidade, Darroz e colaboradores (2023) descreveram que o sol fornece energia e a lua estimula as células vivas, o que se assemelham com os saberes empíricos dessas comunidades e as sinergias emanadas por esses elementos. Tais informações, demonstram como esses etnoconhecimentos se conectam com os estudos científicos, sendo a base para pesquisas e para o fortalecimento das práticas culturais (DE OLIVEIRA, 2023).

Com isso, o uso de remédios fitoterápicos, são a base para o tratamento de doenças dentro das comunidades, que atestam a sua eficácia e importância, como exposto por um dos colaboradores, *“Hoje muitas pessoas acreditam mais nos remédios naturais, plantas que são da vontade de Deus, do que esses comprimidos das farmácias. Esses comprimidos são tudo aí de plantas”* (Lucia Nunes representante da Comunidade Quilombola Córrego Fundo em entrevista concedida a autora em agosto de 2025).

Nota-se que a percepção da participante também é pautada na crença e na sua experiência, a qual enfatiza a validação local referente à eficácia das plantas medicinais. Isso revela que nessas comunidades saberes empíricos não estão distantes do conhecimento científico, o que denota que esses remédios manipulados pelas indústrias farmacológicas são derivados das plantas, o que corrobora com Nicoletti *et al* (2010), ao descrevem a farmacologia e o uso de plantas medicinais como inseparáveis.

A religiosidade é um aspecto importante que está ligada aos preparos desses remédios. A subjetividade aqui, é amplamente utilizada, tendo a fé, a confiança e a esperança como fundamentos. No momento da preparação por exemplo, a seleção cuidadosa das folhas, a quantidade utilizada nos chás e xaropes, o corte em formato de cruz nos frutos que são colocados nos melados, ou as rezas feitas durante a preparação desses medicamentos, são elementos que contribuem com a otimização do medicamento caseiro produzido e seus benefícios.

As comunidades associam a eficácia desses remédios naturais a fé e aos conhecimentos que são repassados. Desse modo, as receitas embora pautadas na oralidade, tem como foco o preparo que inclui: a seleção do vegetal, a região da planta a ser coletada, a quantidade certa, a fase da lua, o horário a ser preparado, as palavras proferidas e seguir religiosamente as orientações tradicionais da forma como são ensinadas, sem alterações, para obtenção com

sucesso do tratamento pretendido.

Sobre a quantidade de material, geralmente, utilizam a quantidade de três ou sete, para qualquer componente vegetal, seja folhas, cascas, flores e outros, exceto, o fruto que deve ser um corte em formato de cruz. A escolha desses números está ligada as crenças e aos saberes empíricos (As comunidades retratam que essas informações sobre quantidade dos componentes vegetais se trata de um conhecimento passado pelos seus ancestrais, é necessário seguir o preparo corretamente para a eficácia do remédio). O uso das plantas, exigem preparo, método, técnica e quantidades adequadas não feito de maneira aleatória sem dosagem, sem instruções, como destacado por um dos colaboradores da Comunidade Malhadinha.

“As pessoas acham que remédio do mato não tem que ter limite para tomar, depois tomam, passam mal e fala que o remédio não serve. Tudo tem que ter uma quantidade. É como o remédio da farmácia, se tomar demais passa mal. Não é por que é natural que tem que tomar demais” **(Colaborador C da comunidade Malhadinha em entrevista concedida a autora em outubro de 2025).**

Diante disso, foram mencionadas um total de 102 plantas (Tabela 3) indicadas para o tratamento de 49 doenças, que variam entre diabetes, infecções, câncer, gripes, tratamentos ofídicos entre outras. A maioria das plantas medicinais citadas são usadas como chás, xaropes, “sumos” (suco vegetal) e outros são consumidas *in natura*, como é o caso do fruto do mamão (*Carica papaya* L.), utilizado como cicatrizante. Contudo, os usos múltiplos das plantas para fins medicinais do povo, sugere a identidade e a dinâmica cultural e ambiental das comunidades quilombolas participantes.

Ainda sobre o uso medicinal dos vegetais, foram identificadas 20 famílias, sendo a família Fabaceae como a mais representativa, com nove representantes. Outras famílias também, foram representativas como Poaceae, Araceae, Lamiaceae e Dilleaceae (Apêndice I). Com isso, percebeu-se a similaridade de uso de plantas medicinais por pessoas de diversas comunidades, um exemplo dos achados, é descrito por Melo e Oliveira (2014), ao descreverem a preferência pelo uso de plantas da família Fabaceae como a mais utilizada como remédios pela comunidade urbana do semiárido baiano.

Nesse sentido, as comunidades afirmam que as variedades de uso de cada estrutura da planta têm uma utilidade (Gráfico 1). Elas costumam ser utilizadas no preparo de remédios caseiros, e cada uma delas possuem efeitos conforme o preparo e a maneira de uso para o tratamento indicado. Dessa forma, folhas, raízes, cascas, flores, seiva, leite e sementes dão origem a preparos distintos, como chás, garrafadas, xaropes e outros, conforme apresentado na

tabela 2:

Gráfico 1. Estruturas das plantas utilizadas para o tratamento de doenças nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré Tocantins.

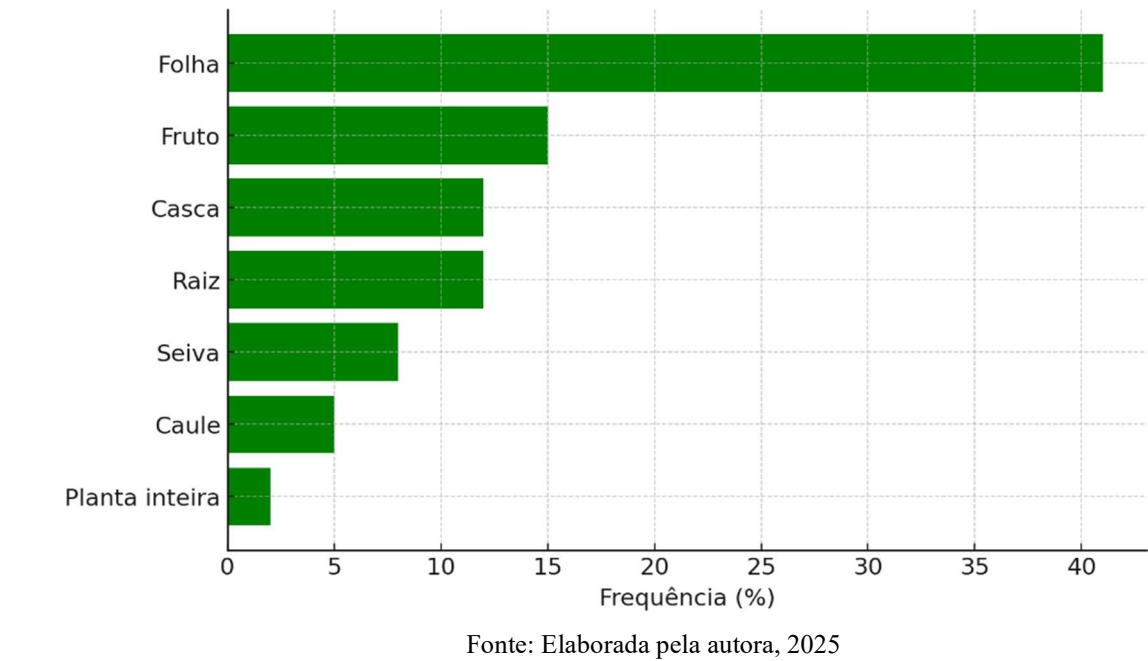


Tabela 2.Estruturas vegetais e seus usos pelas comunidades quilombolas participantes

Estrutura	Usos medicinais
Folhas	São as estruturas mais usadas na preparação dos remédios. Seu uso pode variar desde a preparação de chás, sumos, xaropes e melados. A preferência por essa estrutura se dar por suas diferentes formas de uso e pela quantidade de nutriente das folhas.
Cascas	Parte externa do caule. Seu preparo está voltado para a produção de garrafadas ou complementar outro remédio potencializando com uso da entrecasca.
Seiva	Parte líquida encontradas em árvore com nutrientes presente no caule e raiz, utilizada no preparo de garrafadas que servem como depurativo do sangue. É orientado o uso com cautela, obedecendo a dosagem certa. A inobservância e uso inadequado, pode levar a óbito.
Leite	Parte líquida encontrada geralmente em plantas herbáceas utilizadas para garrafadas. A inobservância e uso inadequado, pode levar a óbito.
Caule	Estrutura aérea vegetal, utilizada para produção de melados ou utilizada para potencializar outros remédios.
Fruto	Órgão reprodutivo vegetal. Uso voltado ao consumo com um valor nutricional e algumas espécies quando apenas consumidas tem uma

	potencialidade fitoterápica e potencializar alguns melados e xaropes.
Sementes	São estruturas reprodutivas das plantas utilizado na extração de óleo, indicado para diversas enfermidades. O uso das foi exclusivamente voltado o para o consumo com elevado valor nutricional e terapêutico não há adição de outros ingredientes.
Flores	São órgãos reprodutivos especializadas das plantas superiores. O uso deste componente ocorre por meio da mistura com álcool ou chás.
Planta inteira	A sua forma de uso está voltada para o preparo de chás usando todos os componentes da planta.

Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

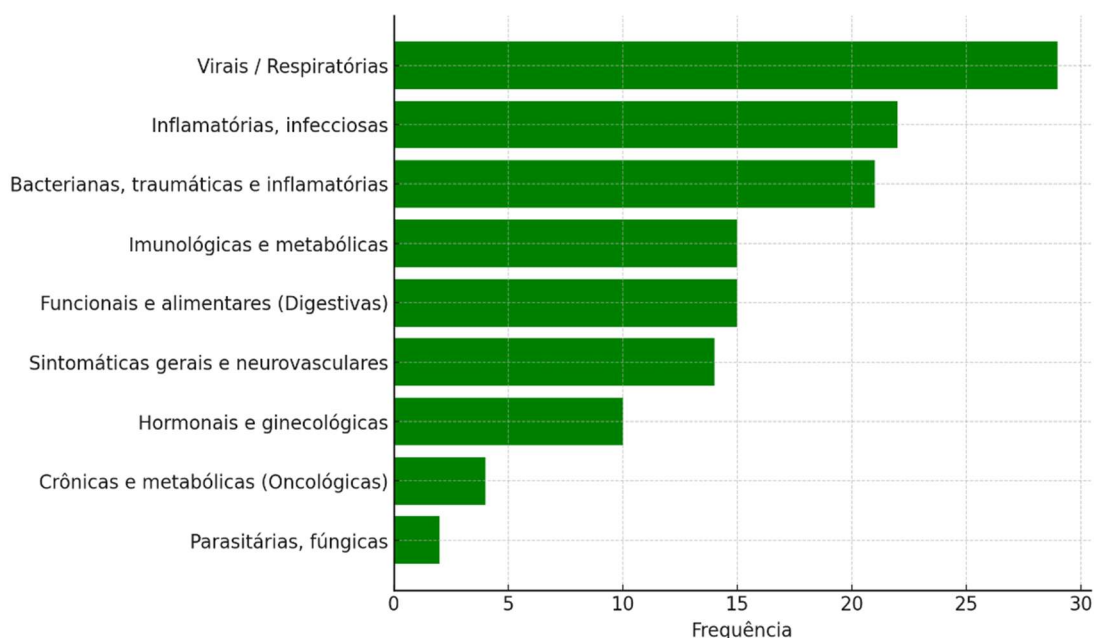
Conforme os resultados do gráfico 1, observa-se que as folhas enquanto estrutura vegetal, foram as mais citadas para o uso de remédios devido a sua versatilidade de uso como descrito por um dos colaboradores ao enfatizar que: *“Eu utilizo mais as folhas. São elas que mais uso para fazer sumo não tira sumo de raiz ou de cascas, são feitos chás ou garrafadas”* **(Lucia Nunes da Comunidade Córrego Fundo em entrevista concedida em agosto de 2025).**

Nesse sentido, diferentes estruturas ou “partes” das plantas são úteis e aproveitáveis no contexto da produção de remédios das comunidades quilombolas. Algumas possuem preparos específicos, como o buriti, pequi e cana que precisam da extração dos óleos essenciais e a produção da rapadura. No entanto, apesar desses remédios e seus múltiplos preparos e uso, alguns estão voltados para “ciência tradicional” relacionada à superstição ou crença popular, como a Sambaíba indicada como simpatias para remoção de verrugas.

Em relação às formas de preparos, majoritariamente os chás são mais utilizados para o tratamento de doenças, pois, quase todas as estruturas são feitas chás, o que corrobora com Costa (2016), que descreve os chás como o meio de preparo mais usado para tratamento de doenças em duas comunidades situadas na Paraíba.

Nesta perspectiva, as estruturas das plantas utilizadas juntamente com as propriedades fitoterápicas destacaram informações significativas sobre o tratamento das doenças dentro das comunidades e a relação com as formas de tratamento (Gráfico 2). Dessa maneira, é possível observar a ligação entre os tipos de tratamento e as plantas utilizadas, onde algumas espécies são amplamente citadas para o tratamento de doenças específicas, como gripes, dores estomacais e problemas inflamatórios, evidenciando certo padrão entre tipos de doenças e remédios utilizados.

Gráfico 2. Doenças tratadas à base de plantas medicinais - comunidades quilombolas



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Entre as enfermidades mais tratadas com o uso de plantas medicinais nessas comunidades, a gripe foi a mais citada, com prevalência que se deve a frequência da doença nessas populações, muitas vezes em decorrência das condições climáticas ou instabilidade na temperatura (SOUZA, 2025). Todavia, um aspecto importante para o tratamento dessas doenças são os preparos desses remédios, pois, influencia diretamente na eficácia terapêutica dos compostos presentes.

Adicionalmente, convém ressaltar que novos remédios a partir das plantas medicinais são produzidos e experimentados nessas comunidades. Essa inovação também questionável, é confirmada na fala de uma colaboradora ao enfatizar: “*Sobre as plantas, elas são a minha natureza, o meu ensino é por Deus. Meus avôs, meus pais me ensinaram preparar os remédios... Outros eu mesma crio a receita da minha cabeça... pelo meu coração... que eu penso de fazer e faço e dar certo... aí eu continuo*” (Lucia Nunes da Comunidade Córrego Fundo em entrevista concedida a autora em agosto de 2025).

A entrevistada relata que muito dos seus conhecimentos sobre os remédios são derivados de seus antepassados, e possuem conhecimento sobre as propriedades fitoterápicas de muitas plantas, resultando na mesclagem com várias espécies, produzindo assim novos

remédios naturais. Diante disso, entender as propriedades fitoterápicas é essencial para produção desses medicamentos, evitando assim casos de intoxicação. Por outro lado, nota-se a necessidade de medidas ou ações de conservação e preservação, uma vez que algumas espécies florescem, secam ou desaparecem em determinadas épocas do ano e outras nem são mais encontradas devido a antropização nos territórios.

Uma das alternativas utilizadas para a conservação dos remédios naturais é a desidratação das estruturas vegetais, especialmente da casca das árvores, que são expostas aos raios solares devido à sua maior resistência e ao tempo prolongado de exposição para secar completamente (Figura 8). Já as folhas, por serem mais delicadas, são desidratadas à sombra, evitando a perda de nutrientes importantes para a eficácia terapêutica. Em consonância, Bevilaqua Peripolli e colaboradores (2015), descrevem que sol ou à sombra está diretamente relacionada à delicadeza da parte vegetal e à preservação de seus princípios ativos.

Figura 8. Secagem da entrecasca de Inharé (*Brosimum gaudichaudii* Sw) ao sol - para produção de remédio



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A conservação desses recursos é um aspecto essencial para a saúde ao longo prazo, pois algumas espécies, florescem, frutificam ou estão disponíveis em determinadas estações do ano. Dessa maneira, além das secagens das folhas e cascas são descritas alternativas como a produção de óleos essenciais, garrafadas, a introdução de plantas em álcool ou no vinho branco. Essa mesclagem com o álcool é descrito por Caneiro e Comarella (2016), que relata a interação entre o álcool em diversas plantas para preservação do elemento vegetal, o que está diretamente

associado ao seu uso dentro das comunidades para a conservação das plantas.

Essa extração contribuiu para aumentar a eficácia dos remédios produzidos nessas comunidades, ao combinar os componentes vegetais com elementos naturais ou artificiais, como o uso do vinho branco e do álcool, utilizados para potencializar determinados preparados. Além disso, práticas como a produção de óleos essenciais, sumos e infusões passaram a ser amplamente empregadas, contribuindo de forma significativa para o tratamento de diversas doenças e para a manutenção da saúde ao longo do tempo (BONTEMPO, 2019; BASTOS, 2007).

Outro fator importante a ser considerado no uso das plantas medicinais, é a categoria em que cada espécie está inserida, pois isso influencia diretamente o modo de preparo, a parte utilizada e a finalidade terapêutica. Assim, compreender essas categorias permite reconhecer melhor o potencial de cada planta e sua aplicação prática no tratamento das enfermidades mais comuns nas comunidades tradicionais.

CATEGORIAS DAS PLANTAS E SUAS UTILIDADES FITOTERÁPICA

As plantas possuem classificação científica típica da botânica. Aqui, foram delimitadas categorias com base no etnoconhecimento local, considerando características de crescimento e estrutura, sendo elas: herbáceas, arbustivas, arbóreas, palmeiras e outros. Cada agrupamento fornece estruturas distintas, bem como seu uso e preparos em remédios específicos. As categorias apresentam aspectos importantes para o entendimento das utilidades fitoterápicas.

Cada categoria possui características morfológicas como a presença ou ausência de lenho, onde as ramificações dos caules, altura, flexibilidade e outros, são fatores determinantes para definir onde cada planta está inserida (AGUIAR, 2014). Com isso, cada divisão além de diferir morfológicamente apresenta uma composição química dominante, o qual, pode interferir no preparo e na extração dos bioativos presentes, contribuindo para eficácia dos remédios naturais (SIMÕES *et.al*, 2016).

Dessa maneira, ao analisar o uso das plantas pelas comunidades, torna-se possível visualizar com maior detalhamento essa divisão, compreendendo as principais espécies utilizadas, seus bioativos, os modos de preparo e os tratamentos indicados conforme o saber popular.

Plantas Herbáceas

As espécies herbáceas são descritas por serem não lenhosa e de pequeno porte apresentam um caule flexível e geralmente são cultivadas dentro das hortas e roças como hortaliças, serve para consumo por diversas comunidades, o que torna acessível a produção dessas plantas para fabricação de remédios caseiros (TRINDADE *et.al* 2022). Martins e colaboradores (2008) afirmam que a fisionomia de um ambiente está ligada as plantas que são dominantes em cada região.

Dessa forma, as plantas herbáceas compõem a categoria mais usadas para o tratamento de doenças nas comunidades. Foram mencionadas 49 espécies (Quadro 2). Entre as propriedades medicinais atribuídas as plantas herbáceas, estão os tratamentos para anemia, baixa imunidade, dores de barriga, gripes, pressão alta e outros. A alta demanda de remédios derivados das plantas dessa categoria, se refere ao cultivo dessas espécies dentro dessas comunidades, o que está alinhado com Macêdo (2024), ao ressaltar que as espécies cultivadas são mais utilizadas por esses grupos, sendo indispensáveis na sobrevivência das comunidades quilombolas.

Quadro 2. Plantas herbáceas usadas no tratamento de doenças nas Comunidades Quilombolas de Brejinho de Nazaré TO.

Plantas Herbáceas	Abacaxi Abóbora Açafrão Alecrim do mato Alfavaca Alho Amoxicilina Alecrim de Perdiz Assa peixe Beterraba Boa Noite Boldo Benzetacil ou Doralgina Carrapicho Cabaça Cana Cansação Cebola Cenoura Coentro do Pará Capim eucalipto Erva Doce Folha de carne Folha santa Gergelim Gervão Gota Milagrosa Hortelã grande Hortelã pequeno Jambu Japugueira Junça
<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne 	

	Maracujá Mastruz Melão são caetano Mentrasto Milho Mulatinha Novalgina Perpetra Pau pelado Soja Taioaba Tomate Insulina Tipiu Trevo Vassourinha Velame Vick
--	--

Fonte: Autora, 2025.

No que se refere aos meios de preparos de remédio dessa categoria, os chás e o uso das folhas são frequentemente usados. Isso se deve a alta concentração de metabólicos secundários (flavonoides, catequinas, polifenóis, alcalóides, vitaminas e sais minerais) (SCHMITZ *et.al*, 2005). A preferência pelo uso de chás pelas comunidades, está relacionada aos conhecimentos empíricos, que transitam entre as gerações, pois atestam a eficácia do remédio no tratamento de doenças, principalmente para gripe.

Corroborando com essa informação, Medeiros, Fonseca, Andreatta (2004), ressalta as plantas herbáceas como a mais usada para o tratamento de gripe em Mangaratiba, no Rio de Janeiro. A eficácia dessa categoria para o tratamento de gripe está associada a presença de flavonoides o que é destacado por Lacerda (2024), que destaca as propriedades terapêuticas deste composto destacando principalmente o uso no tratamento antiviral.

Plantas Arbustivas

As plantas arbustivas são aquelas que possuem caule lenhoso, porém de menor porte em comparação às árvores, geralmente não ultrapassando cinco metros de altura, costumam apresentar ramificações próximas à base e são encontradas com frequência em áreas de Cerrado (MARTINS, 2002). A maioria das plantas arbustivas são utilizadas por esses grupos são frutíferas e seu uso varia entre xaropes e chás (SIMÕES, 2019)

As plantas dessa categoria possuem uma elevada potencialidade fitoterápica e versatilidade de uso medicinal, sendo majoritariamente usadas na alimentação, sendo de grande importância para as comunidades, seus tratamentos variam desde problemas digestório, o uso

do fruto, isso se refere ao valor nutritivo, fenólico flavonoides e antocianinas os presente na composição química dessas plantas (VASCONCELOS *et.al*, 2019).

Além disso, as plantas arbustivas também são amplamente utilizadas com 24 representante, geralmente são encontradas nos quintais ou próximo as casas, algumas são cultivadas, como é caso do algodão, mamão, limão, laranja e outros (Quadro 3). A doença mais tratada nessa categoria são doenças estomacais os quais utilizam mais folhas e frutos para a produção dos remédios. A utilização dessa categoria para o tratamento de doenças intestinais está principalmente relacionada a presença de flavonoides e taninos presente da composição química.

A preferência por frutos dentro desse agrupamento segundo as comunidades é devido o aproveitamento de todos os componentes presentes, assim consegue extrair todos composto dentro do melado ou xarope. Reis e Eschmiele (2019), descreve os compostos bioativos presente em frutos destacando seu potencial nutritivo e a presença de composto que são essenciais para o tratamento de saúde e agregam o setor industrial.

Quadro 3. Lista de plantas arbustivas utilizadas para o tratamento de doenças nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré TO.

Plantas Arbustivas	
<i>Carica papaya</i> L. 	Goiaba Algodão Arnica Aroeira Batata de pulga Erva Cidreira Fedegoso Jaborandi Laranja Limão Mamão Mandioca Mangabeira Negramina Ora pro nobis Pião Roxo Pião Verde Pitanga Quiabo Quina Sambaíba Sambaibinha Sete dor Inhanré

Fonte: Elaborado pela Autora, 2025.

Plantas Arbóreas

As plantas arbóreas são aquelas que possuem caule lenhoso, de porte elevado, com ramificações geralmente acima do caule principal, elas formam o estrato superior da vegetação em florestas e cerrados (FERREIRA,2009). Todas as estruturas vegetais das espécies arbóreas são aproveitadas. Dentre os principais grupos de compostos produzidos por essas espécies, destacam-se os alcaloides que incluem óleos essenciais com propriedades antimicrobianas e aromáticas; e os compostos fenólicos, como flavonoides, taninos e ligninas (SANTOS *et.al*, 2023).

Todavia, as plantas arbóreas também demonstram um alto potencial terapêutico principalmente na produção de remédio de depurativo para o sangue, devido a utilização das cascas e entre casca na produção de remédios, sendo assim, foram identificadas 25 representantes desta categoria, sendo ela responsável pelo tratamento de doenças com dores de barrigas, dente e garganta, tratamento de *Helicobacter pylori*, e problemas intestinais e outros. As espécies arbóreas são geralmente encontradas em matas nas proximidades das casas, muitas são frutíferas e outras cultivadas pelas comunidades, no entanto, estão mais vulneráveis, devido a antropização do Cerrado a casca é uma das partes da planta mais ricas em metabólitos secundários (LEITE *et.al*, 2023).

Adicionalmente, as plantas arbóreas que possuem seivas, são descritas como fortes e precisam de dosagens adequadas, pois o seu uso de maneira inadequada pode levar o indivíduo a morte. Conforme Pedroza (2023), é necessário cautela no uso de determinadas espécies de plantas pois pode levar a intoxicação, algumas espécies descritas com o elevado grau de periculosidade.

Quadro 4. Lista de plantas arbóreas utilizadas para o tratamento de doenças nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré TO.

Plantas Arbóreas	Abacate Araçá Anjiquim Barbatimão Brutos Cagaita Caju Canela Craiba Cravinho Coité Imbaúba Ipê Roxo
<i>Anacardium occidentale</i> L.	

	Lobeira Maria Mucha Moreira Mutamba Nin Pau-d'óleo Pequi Sangra D'água Seriguela Sucupira Vinharco Umburuçu ou Imburuçu
---	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Palmeirais

Os palmeirais representam formações vegetais compostas predominantemente por espécies da família Aceraceae, seus usos abrangem desde suas folhas, frutos e caule. Quanto aos metabólicos secundários são encontrados flavonoides, taninos e ácidos fenólicos presentes nos frutos, sementes e cascas dessas palmeiras atuam como antioxidantes, antimicrobianos e anti-inflamatórios (MATIAS, 2014). A principal utilidade de uso está ligada a extração dos óleos essenciais e o uso do fruto, apesar de apresentarem um número de espécies menor que a demais categorias, são consideradas indispensáveis para o tratamento de doenças dessas comunidades.

Foram identificadas 4 espécies nativas de cerrado (Quadro 5), utilizadas para o tratamento para gripe, anemia, cicatrização de feridas, febre e inflamações. Os remédios derivados dessas plantas exigem processos mais complexos como a produção de óleos no caso do buriti, e a produção da paçoca para anemia. Dessa forma, é possível observar que essa categoria é a mais citada como remédios que são indispensáveis dentro das comunidades, o óleo de buriti por exemplo, é mencionado como um “santo remédio” que fornece também fonte de renda devido a sua ampla versatilidade de uso.

Quadro 5. Lista de palmeirais utilizados para o tratamento de doenças nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré TO.

Palmeiral	Buriti Coco Macaúba Coco Verde Coco Piaçaba
<i>Mauritia flexuosa</i> L. 	

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Plantas de uso essencial

Dentre as categorias descritas, destacam-se aquelas que reúnem plantas indispensáveis para o tratamento de diversas doenças. Essas espécies, frequentemente são classificadas como essenciais ou complementares. Nessa categoria, observa-se o uso das folhas, fruto, cascas e a seiva, estando dentro das plantas herbáceas, arbóreas, arbustivas e palmeirais. As partes mais utilizadas são as folhas, sendo elas, encontradas próximo as casas ou são cultivadas pela própria comunidade, geralmente são feitos sumos, garrafadas, chás, óleos demonstrando uma versatilidade de uso e preparo.

Foram citadas 12 plantas essenciais, seu uso medicinal abrange qualquer tipo de enfermidades podendo potencializar qualquer remédio, as plantas mencionadas são conhecidas popularmente como, arnica, algodão, moreira, oras pros nobis, quina, gervão, mulatinha, mastruz, açafraão, junça, ipê roxo e buriti (Figura 9). No entanto, sete dessas plantas são nativas de Cerrado e estão vulneráveis pelas modificações exercidas sobre os territórios e nas paisagens naturais o que pode comprometer a disponibilidade, abundância e a produção dessas espécies.

Figura 9. Plantas essenciais para elaboração de remédios dentro das comunidades tradicionais do município de Brejinho de Nazaré -TO.

Algodão



Gervão



Arnica



Ora-pro-nóbis



Fonte: Acervo pessoal, 2025

Sob essa ótica, as comunidades apresentam modos de preparos e plantas similares demonstrando uma rede de conexão e disseminação de conhecimento, devido as fitofisionomias semelhantes de seus territórios e as relações entre esses grupos. No entanto, as plantas usadas para preparo desses remédios estão vulneráveis as pressões ambientais principalmente as plantas nativas de Cerrado, com isso, o conhecimento etnobotânico e os aspectos culturais envolvidos estão sendo adaptados a maneira em que as paisagens são modificadas.

Modificação das paisagens naturais e seus reflexos nas plantas medicinais

A antropização das paisagens naturais é um dos principais fatores que dificultam o uso tradicional de plantas medicinais. A redução da abundância de espécies, a modificação dos ciclos reprodutivos e as mudanças climáticas aumentam a pressão sobre as comunidades que

dependem desses recursos, exigindo que elas se adaptem continuamente às transformações ambientais. Essas adaptações envolvem desde a reformulação dos preparos tradicionais dos remédios, até a alteração nos períodos de plantio e colheita, afetando diretamente os modos de vida tradicionais desses grupos.

As comunidades participantes, reforçam que essas mudanças nas paisagens naturais foram significativas o que gerou a perda significativa de espécies nativas de Cerrado, diminuição das matas de galerias e contaminação dos córregos, e a mudança do clima sendo a mais citadas pois as práticas de subsistência têm interferência direta ao clima, os colaboradores relatam essas alterações como se observa nos fragmentos a seguir:

Me criei tomando remédio do mato, e agora está acabando tudo, o clima está mudando aí a temperatura sobe mesmo é o seguinte, isso é culpa dessa desmatção, está na cara, todo mundo está vendo. (Marcial Gomes Soares da Comunidade Quilombola Córrego Fundo realizada em setembro de 2025).

Antes eu encontrava as plantas na beira do córrego, hoje acabou tudo! Não encontra mais nada, está tudo destruído por causa desse desmatamento (Colabora Antônio da Comunidade Malhadinha realizada em outubro de 2025)

Corroborando com isso, Macêdo (2024), descreve que as consequências da transposição das paisagens dos territórios quilombolas acaba ocasionando perdas culturais, aumento da temperatura, e impactos socioafetivo. Algumas plantas de cerrado que são citadas por essas comunidades e descritas como indispensáveis, estão vulneráveis frente a essa expansão. Macêdo (2024) também retrata as mudanças ocorridas no território do município de Brejinho de Nazaré entre 1990 e 2020 que foram definidas pela redução de 14,9% das áreas de floresta, que foram substituídas pelo setor agropecuária, com o aumento de 16,8% o que resultou em diversos impactos sobre paisagem principalmente a vegetação.

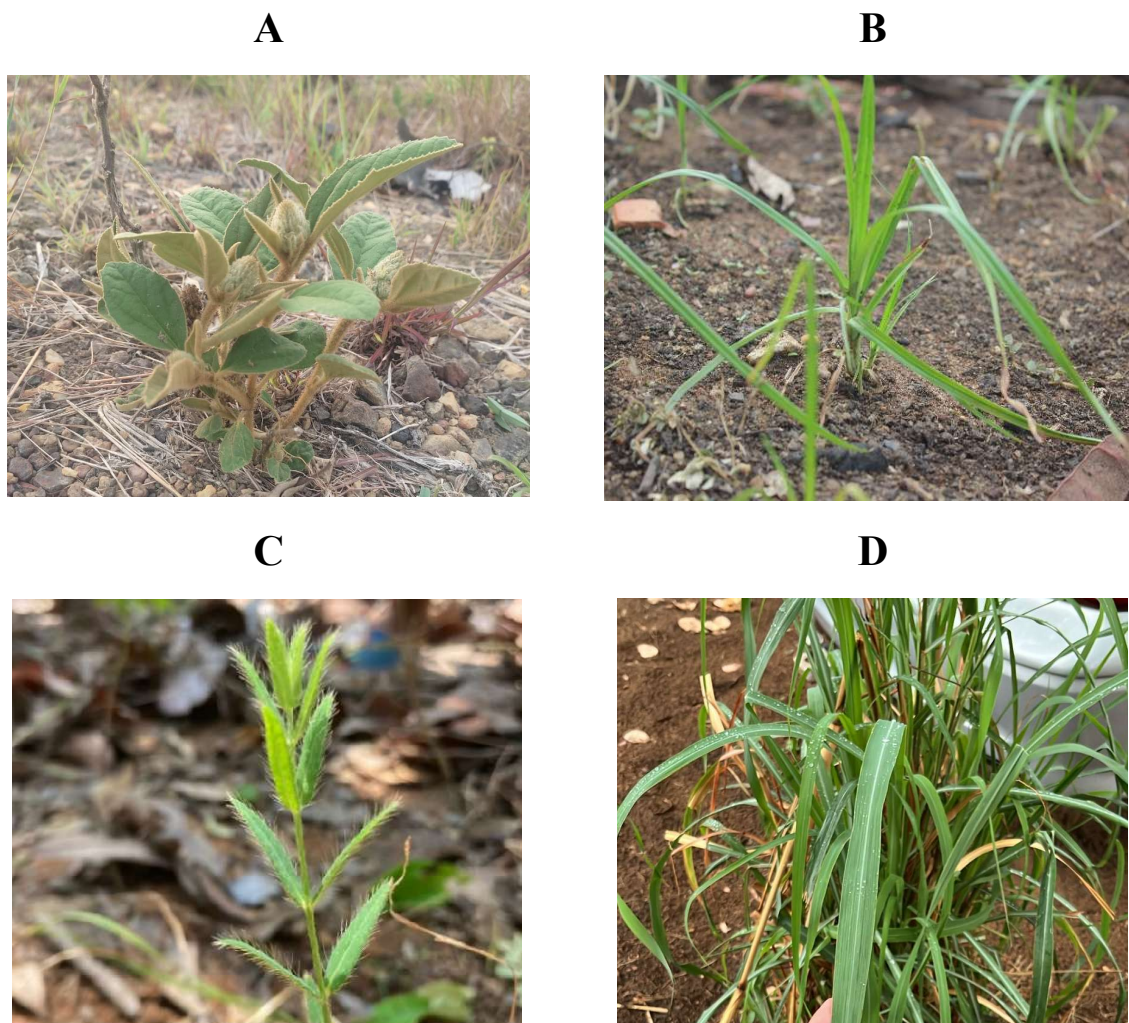
Segundo Castro (2023), uma das alternativas para conservar espécies do Cerrado é a conservação *in situ*, que consiste na preservação das plantas em seus ambientes naturais, permitindo a sua continuidade. No entanto, as comunidades quilombolas adotam uma abordagem mais ampla, integrando tanto a conservação *in situ* quanto a *ex situ*, sendo esta última, caracterizada pela preservação fora do ambiente natural de origem. Como estratégia de conservação *ex situ*, essas comunidades criam bancos de sementes, que funcionam como uma forma de resguardar o potencial reprodutivo das espécies para plantios futuros, ressaltam ainda que as plantas cujas sementes não são coletadas e conservadas correm maior risco de extinção local, especialmente diante das ameaças ambientais e das mudanças no uso do solo.

Além disso, outro aspecto que exerce impacto negativo sobre o uso e a disponibilidade das plantas medicinais é o clima, uma vez que muitas espécies dependem de condições climáticas específicas para completar seus ciclos reprodutivos (OLIVEIRA,2013). Fenômenos como a floração, frutificação e dispersão de sementes são regulados por fatores como temperatura, regime de chuvas e luminosidade. Entretanto, nos últimos anos, as mudanças climáticas vêm alterando de forma significativa esses padrões, o que tem refletido diretamente na fenologia das plantas, provocando atrasos, encurtamentos ou até mesmo interrupções em fases vitais do ciclo de vida das espécies (FOGAÇA,2022). Essas alterações comprometem tanto a regeneração natural das plantas quanto a continuidade do saber tradicional que depende de sua coleta em períodos específicos.

Esses aspectos são refletidos nos meios de subsistência, pois muitos dos plantios e até mesmo das plantas de uso terapêutico são dependentes dessas condições. As comunidades observam essas alterações e descrevem como algo preocupante, pois, não tem domínio de suas plantações e colheitas e muitas plantas do cerrado não são encontradas com frequência como é enfatizado por um dos colaboradores: *“Era um remédio para a febre. É um matinho que ele cresce um metro, um metro e meio de altura e dá uma folha uma de um lado e do outro, chamava Japugueira. Agora não encontro mais* (Marcial Gomes Soares em entrevista concedida a autora em setembro de 2025). O participante, descreve a perda de espécie na região e as características morfológicas da espécie que antes eram encontradas com abundância.

Outras espécies também estão desaparecendo nas regiões como o velame, Junça, capim eucalipto e ipê roxo (Figura 10), a junça, em especial está extinta localmente em três dessas comunidades sendo encontrada apenas em uma casa pois é cultivada por um dos colaboradores, o capim eucalipto não foi localizado em nenhuma dessas comunidades.

Figura 10. Plantas que estão desaparecendo nas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré - TO. A: Velame (*Croton heliotropiifolius* Kunth) B: Junça (*Cyperus* sp.) C: Japugueira (*Heliotropium* sp.) D: Capim eucalipito (*Cymbopogon* sp.)



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

Dessa maneira, é fundamental reconhecer que esses conhecimentos tradicionais estão vulneráveis não apenas pelas transformações nos ambientes naturais, mas também pelos impactos sociais e culturais que não os validam como legítimos. A desvalorização por parte da sociedade faz com que os sujeitos detentores desses saberes muitas vezes os povos originários e/ou tradicionais se sintam menosprezados ou inferiorizados ao transmitirem conhecimentos que, são essenciais para o cuidado com a saúde e a sobrevivência e. O uso de plantas medicinais não é apenas uma prática terapêutica, mas também uma expressão de cultura, tradição e resiliência, que deve ser reconhecida, valorizada e preservada como parte do patrimônio desses povos.

Diante disso, o capítulo II dessa dissertação visa discutir a colonialidade e os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais e como eles são disseminados, também

demonstra como os atuais meios de transmissão de conhecimentos são utilizados para descolonizar um ambiente naturalmente colonizador.

Tabela 3. Lista de plantas medicinais e suas propriedades utilizadas pelas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré -TO

Nome vernacular e científico	Parte utilizada	Preparação	Uso Medicinal
Abacate <i>Persea americana</i> Mill.	Folhas	Corte as folhas do abacate em conjunto com as folhas da goiaba e alecrim e pise cravos e bata tudo no liquidificador formando um sumo bem potente obs: não pode coar	Queda capilar
Abacaxi <i>Ananas comosus</i> L. merril	Fruto	Para o preparo utiliza-se a casca do fruto, em conjunto com açúcar até forma um melado e consuma.	Combate a gripe
Abóbora <i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	Semente Flor	Consumo da semente; Chá da flor;	Vermífugo; Pneumonia
Açafrão <i>Crocus sativus</i> (L) Honck	Raiz	Uso variado pode ser mesclado em xaropes, melados	Antinflamatório Gripe.
Alecrim de perdiz <i>Gossypium</i> sp.	Caule Folhas	Chá das folhas	Prisão de ventre
Alecrim do mato <i>Rosmarinus</i> sp.	Folhas	Chá das folhas	Febre
Alfavaca <i>Ocimum canum</i> L.	Folhas	Chá das folhas	Febre
Algodão <i>Gossypium hirsutum</i> L.	Folhas	Para o preparo utiliza-se chá ou sumo (suco) da folha.	Para qualquer enfermidade (cicatrizante, febre, inflamação, gripe e outros)
Algodãozinho da chapada <i>Cochlospermum regium</i> (Mart. Ex Schrank) Pilg.	Folhas	Sumo das folhas	Inflamação
Amoxicilina ou sofre de rins quem quer <i>Duguetia furfuracea</i> (St. Hil.)	Folhas	Chá das folhas	Antinflamatório
Anjiquim <i>Senegalia</i> sp.	Folhas	Sumo das folhas	Osso quebrado
Araçá <i>Psidium</i> sp.	Cascas	Garrafada	Cicatrizante
Arnica <i>Solidago microglossa</i> DC.	Folhas	Sumo das folhas	Para qualquer enfermidade (cicatrizante, febre, inflamação, gripe e outros)
Aroeira <i>Shinus terebinthifolia</i> Raddi	Semente	Retire a semente da aroeira e acrescente álcool, e cheire para o alívio da dor	Dor de cabeça

Articum ou Bruto <i>Annona arnatos</i> Mart.	Folhas	Chá das folhas	Dor de Barriga
Assa peixe <i>Vernonia polysphaera</i> (Spreng.) Less	Folhas	Sumo das folhas	Pneumonia
Barbatimão <i>Syphonodendron adstringens</i> (Mart.)	Casca	Garrafada (não pode beber demais pois aumenta o fluxo)	Regulação de menstruação
Batata de pulga <i>Ipomoea sp.</i>	Caule	Rale o caule (batata) e coloca água e depois coa e consuma a água	Digestão (purgante natural);
Benzetacil ou Noralgina <i>Alternanthera brasiliana</i> Mart.	Folhas	Chá das folhas	Infecção de garganta
Beterraba <i>Beta vulgaris</i> L.	Raiz	Utiliza-se suco, a raiz ralada com rapadura, raiz cozida ou in natura	Anemia
Boa noite <i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.	Flor	Misture a Flor e dipirona e passe nas feridas	Tratamento de feridas
Boldo <i>Plextranthus ornatos</i> Codd	Folhas	Chá ou sumo das folhas	Problemas digestórios
Buriti <i>Mauritia flexuosa</i> L.	Fruto	Produção do óleo Para o tratamento dessas enfermidades, é necessária a extração do óleo do buriti. Para isso, recomenda-se utilizar frutos bem maduros, pois proporcionam maior rendimento de óleo. Retire a casca dos frutos, para facilitar o processo, pode-se utilizar a mão de pilão ou um pedaço de madeira para “socar” o buriti, desprendendo a casca. Em seguida, adicione água e coe para eliminar o excesso de cascas. Leve a mistura ao fogo, acrescentando água até que o óleo comece a se separar e subir à superfície, sendo então possível extraí-lo. Modo de Uso Consumo do óleo e aplicação do óleo no local da picada. Passe óleo no local do ferimento até cicatrizar. Consuma óleo, pode acrescentar o óleo dentro de algumas refeições como café, chás e outros Acrescente o óleo em xaropes melados ou consuma apenas o óleo	Combate o veneno de qualquer inseto ou serpente; Cicatrizante natural; Circulação sanguínea e desentope veias Combate a gripe;
Cabaça <i>Lagenária vulgaris</i> (Ser.)	Fruto	Coloque a cabaça na chapa e deixe a cabaça ficar em uma temperatura não muito quente e não muito fria e passar na barriga (trata-se de uma superstição popular)	Gases
Cagaita	Raiz	Chá da raiz	Dor de barriga

<i>Eugenia dysenterica D.C</i>			
Caju <i>Anacardium occidentale L.</i>	Fruto	Para o preparo utiliza-se apenas a água da fruta, esprema o suco da fruta e consuma.	Dor de barriga
Carrapicho <i>Cenchrus echinatus L.</i>	Folhas	Banhos	Icterícia
Coentro do Pará <i>Eryngium foetidum L.</i>	Planta inteira	Chá da planta inteira	Controle de Pressão Pré-diabetes Coração
Cravinho <i>Syzygium aromaticum (L.) Merrill</i>	Botão Floral	Melado, para isso, é feito um melado com cravo, açúcar, limão e mel, para o preparo desse remédio é preciso acrescentar em uma panela duas xícaras de açúcar com dois limões inteiros cortados, dez cravos e coloque ao fogo até o açúcar caramelizar depois coloque em um pote e consuma quando necessário. O cravinho possui propriedades anestésicas, para sua utilização é necessário palha de milho, “fiapo” da mandioca e o cravinho, pegue a palha de milho e acrescente dentro o “fiapo” da mandioca e o cravo enrole e fume (nebulização pela boca) a junção desses ingredientes anestesia a dor.	Gripe Dor de Dente
Cenoura <i>Daucus carota L.</i>	Raiz	Para a produção desse remédio é necessário a complementação de outras plantas, para isso, é preciso de cebola, alho, babosa, aranto, suco do limão e bata tudo.	Câncer Imunidade
Cana <i>Saccharum officinarum L.</i>	Caule	Produção da rapadura Tire a água da cana (garapa) e deixe ferver até transformar em melado (não pode ficar muito grossa) depois coloque em uma forminha quadrada OBS: quem tem diabetes não pode consumir a garapa. A rapadura serve para complementar outros remédios.	Anemia
Canela <i>Nectandra sp</i>	Casca	Chá de canela	Estimula as contrações uterina
Cansanção <i>Jatropha sp.</i>	Raiz	Machuque (macera) a raiz e coloque na água	Depurativo do sangue
Capim eucalipto <i>Cymbopogon sp.</i>	Folhas	Chá das folhas	Queda capilar
Cebola <i>Allium cepa L.</i>	Casca	Chá das cascas	Prisão de ventre
Coco Macaúba <i>Acrocomia aculeata</i>	Fruto	Consumo do fruto	Aumentar a prolactina (leite materno); Imunidade; Anemia.

Coco Piaçaba <i>Attalea funifera</i> Mart.	Caule folha	Chá do talo Sumo do talo	Anemia Feridas no útero Dor de barriga
Coco Verde <i>Cocos nucifera</i> L.	Água	Chá com a água de coco, limão e alho	Limpeza das veias
Coité <i>Crescentia cujete</i> L.	Cabaça	Pegue cabaça do coité e acrescente aguardente dentro enterre e beba depois de 7 dias	Diabetes
Craíba <i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso)	folhas	Chá das folhas	Anemia
Erva Cidreira <i>Melissa officinalis</i> L.	Folhas	Chá das folhas	Digestão; Febre.
Erva Doce <i>Pimpinella anisum</i> L.	Semente	Chá das sementes e folhas.	Virose
Fedegoso <i>Senna occidentalis</i> L.	Raiz Folha	Garrafada	Desinflamação do fígado; Dores estomacais; Gripe
Folha de carne <i>Pereskia</i> sp.	Folhas	Chá ou sumo das folhas	Febre Pneumonia
Folha santa ou Aranto <i>Citrosma guianensis</i> (Aubl.) Tul.	Folhas	Chá das folhas	Dor de cabeça Câncer
Gergelim <i>Sesamum</i> sp.	Semente	Consumo da semente Bata o gergelim (preto e branco) bata no liquidificador até virar uma paçoca, posteriormente lava ele e coe para tirar o leite	Vermífugo Pneumonia
Gervão <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Folhas Raiz	Chá ou sumo da folha.	Para qualquer enfermidade (cicatrizante, febre, inflamação gripe e outros)
Goiaba <i>Psidium guajava</i> L.	Fruto Semente folhas	Consumo da fruta e das sementes ou suco da fruta	Imunidade
Gota milagrosa <i>Synadenium umbellatum</i> Pax	Leite folhas	Folha no vinho branco tomar cuidado com quantidade	Câncer e inflamações
Hortelã grande <i>Plectranthus amboinicus</i> Lour	Folhas	Chá das folhas	Gripe; Febre.
Hortelã pequeno <i>Menha</i> cf. <i>sipicata</i> L.	Folhas	Chá das folhas	Gripe; Febre.
Imbaúba <i>Cecropia pachystachya</i> . CARVALHO, P. E. R.	Entre casca	Garrafada	Gases
Inharé <i>Brosimum gaudichaudii</i> Sw.	Cascas	Garrafada	Depurativo do sangue
Insulina <i>Dianthera secunda</i> Valh	Folhas	Chá das folhas	Diabetes
Ipê roxo <i>Handroanthus impetiginosus</i> Mart.	Madeira	garrafada	Serve para tudo
Jaborandi <i>Piper aduncum</i> L.	Fruto	Chá do fruto	Dor nos ossos e no corpo

Japugueira <i>Heliotropium</i> sp.	Folhas	Chá das folhas	Febre
Jambu <i>Spilanthes acmella</i> L.	Folhas	Consumo das folhas	Dores estomacais
Junça <i>Cyperus</i> sp	Leite	Passe o leite da planta no local da picada e consuma o leite	Combate o veneno de qualquer inseto ou serpente;
Laranja <i>Citrus sinensis</i> L.	Fruto	Suco de laranja com mel e açafrão	Problema digestório e gripe
Limão <i>Citrus limon</i> L.Burmann f.	Fruto	Melado com cravo, açúcar, limão e mel, para o preparo desse remédio é preciso acrescentar em uma panela duas xicaras de açúcar com dois limões inteiros cortados, dez cravos e coloque ao fogo até o açúcar caramelizar depois coloque em um pote e consuma quando necessário.	Combate a gripe Imunidade; Digestão; Inflamação de Garganta.
Lobeira <i>Solanum lycocarpum</i> A. St - Hil.	Folhas	Chá das folhas	Digestão
Mamão <i>Carica papaya</i> L.	Flor Fruto Folha Sementes	Consumo da semente ou o mel da semente de mamão para isso, utiliza-se o mamão verde recomenda-se o mais verde possível, faça um corte próximo ao caule de forma arredondada e reserve a tampa do com o caule e acrescente açúcar dentro, tampe com a tampa do caule e coloque numa borralha (cinza) e com passar do tempo aquele açúcar se transformará num melado que serve para consumo Consumo da fruta in natura Chá da folha madura do mamão Chá da flor do mamão macho (a flor do mamão macho se destaca pelas ramificações).	Vermífugo; Cicatrizante Digestão Diabetes
Mandioca <i>Manihot esculenta</i> crantz	Raiz Folhas	Utiliza-se o polvilho para o remédio, e faz uma papinha e mistura junto com limão e creme dental. Utiliza-se a folha da mandioca mansa	Dores de barriga Anemia
Mangabeira <i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Folhas Casca	Garrafada	Limpeza de pele Feridas
Maracujá <i>Passiflora edulis</i> Sims	Fruto Casca Semente Folha	Chá da casca ou da folha Suco da fruta	Controle de pressão Calmante natural

Maria Mucha <i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul.	Casca Leite	Garrafada	Depurativo
Mastruz <i>Dysphania ambrosioides</i> L.	Folhas	Sumo da folha ou consumo da folha, também é utilizado a mistura de mastruz e leite.	Vermífugo
Melão são caetano <i>Momordica charantia</i> L.	Folhas	Chá das folhas	Gripe Malária
Mentrasto <i>Ageratum conyzoides</i> L.	Raiz	Chá da raiz	Alivia a cólicas uterinas, mas, no entanto, aumenta o fluxo menstrual
Milho <i>Zea mays</i> L.	Folha da espiga	Para sua utilização é necessário palha de milho, “fiapo” da mandioca “puba” e o cravinho, pegue a palha de milho e acrescente dentro o “fiapo” da mandioca e o cravo enrole e fume (nebulização pela boca) a junção desses ingredientes anestesia a dor.	Dor de dente
Moreira <i>Dietes</i> sp.	Seiva	Complementa outros remédios	Para qualquer enfermidade (cicatrizante, febre, inflamação gripe e outros)
Mulatinha <i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Folhas	Sumo das folhas	Para qualquer enfermidade (cicatrizante, febre, inflamação gripe e outros)
Mutamba <i>Guazuma ulmifolia</i>	Entre Casca	Para o preparo do remédio para a inflamação é necessário da entre casca da planta e água, ferva e retire a casca e pegue um pano e faça compressa no ferimento. Para o preparo do remédio é preciso de casca de jatobá, mutamba, cerne da aroeira e um cocho de Sambaíba coloque essas cascas no cocho de Sambaíba e acrescente água e beba	Inflamação Malária
Negramina <i>Siparuna guianensis</i> Aublet	Folhas	Utiliza-se o aroma exalado pelas folhas da negramina; Chá das folhas; Xarope, para isso, é preciso de mix de folhas de variadas espécies como folha de hortelã, erva cidreira, capim santo, gervão, folha de negramina, oras pro nobis, folhas de carrapicho, transagem e acrescente açafraão, água e óleos de buriti, pequi, mocotó (perna da vaca) e mel de abelha. Para o preparo, é necessário que as folhas sejam fervidas e posteriormente coadas, em seguida acrescente os óleos e mel.	Gripe; Febre; Dor de cabeça

Ora pro nobis <i>Pereskia sp.</i>	Folhas	Consumo das folhas Complementa qualquer remédio desde chás, melados, xaropes e outros.	Para qualquer enfermidade (cicatrizante, febre, inflamação gripe e outros).
Pau pelado ou Aveloz <i>Euphorbia tirucalli L.</i>	Leite	Garrafada Obs: Essa espécie é considerada perigosa e necessária uma dosagem adequada e muito precisa, pois, usada de maneira inadequada pode levar o indivíduo a morte (por esse motivo não será indicada as dosagens)	Úlceras no estomago
Pau-d'óleo <i>Copaifera langsdorffii Desf.</i>	Seiva	Extração do óleo dentro da planta	Câncer
Pequi <i>Caryocar brasiliense Cambess</i>	Fruto	Produção do óleo Para a extração do óleo, é fundamental que o fruto do pequi esteja bem maduro. Inicie o processo retirando a casca do fruto, em seguida, coloque os frutos em uma panela com água e leve ao fogo até levantar fervura. Durante o cozimento, uma espuma começará a se formar na superfície da água essa espuma é o óleo do pequi sendo liberado. Com o auxílio de uma colher, vá retirando essa espuma cuidadosamente. Repita o processo até que não se forme mais espuma, sinal de que todo o óleo disponível foi extraído. Modo de uso Consuma óleo, pode acrescentar o óleo dentro de algumas refeições como café, chás e outros	Combate a gripe;
Perpetra <i>Gomphrena globosa L.</i>	Folhas	Chá das folhas	Arritmia cardíaca
Pião Roxo <i>Jatropha gossypifolia L.</i>	Leite	Utiliza-se o leite (seiva) da planta e coloque no local do ferimento	Cicatrizante
Pião Verde <i>Jatropha curcas L.</i>	Leite	Utiliza-se o leite (seiva) da planta e coloque no local do ferimento	Cicatrizante
Pitanga <i>Eugenia uniflora L.</i>	Folhas	Chá das folhas	Diarreia
Planta da ressaca <i>Artemisia vulgaris L.</i>	Folha	Sumo das folhas	Ressaca

Quiabo <i>Abelmoschus esculentus</i> L.	Fruto	Utiliza-se a cabeça do quiabo (parte que fica ligada ao caule) e retira-se a massa. Em seguida, amassa-se duas ou três sementes de mamona e acrescenta-se um pouco do leite de moreira (seiva da planta). Depois, embeba um pedaço de algodão nessa mistura: massa do quiabo + mamona amassada + leite de moreira. Aplique esse algodão diretamente sobre o local afetado. Esse remédio é utilizado tradicionalmente para “puxar” corpos estranhos da pele, como farpas, espinhos, furúnculos e outros elementos que precisam ser expelidos.	Espinhos Furúnculos Farpas
Quina <i>Coutarea hexandra</i> schum	Casca	Para o preparo utiliza-se, a casca da quina coloque dentro da água e depois de um tempo pode consumir a água saborizada.	Infecção de todos os tipos; Diabetes.
Sambaíba <i>Curatella americana</i> L.	Folha Casca	Água da casca, coloque de molho até soltar a coloração e lave as feridas Para remoção das verrugas é necessário que faça uma simpatia, escolha uma região que não vá, mas, ou não irá com frequência escolha um “pé” de Sambaíba e esfregue a folha por cima da verruga que em poucos dias elas irá desaparecer (recomenda-se que não volte ao local onde foi realizado a simpatia ou as verrugas voltarão)	Cicatrizante; Removedor de Verrugas
Sambaibinha <i>Curatella</i> sp.	Corda (cipó)	Água que sai da corda da sambaibinha	Feridas nos olhos
Sangra D’água <i>Croton urucurana</i> Baill	Seiva	Garrafada Obs: Essa espécie é considerada perigosa e necessária uma dosagem adequada e muito precisa, pois, usada de maneira inadequada pode levar o indivíduo a morte (por esse motivo não será indicada as dosagens)	Câncer Cicatrizante Depurativo do sangue
Siriguela <i>Spondias purpurea</i> L.	Entre casca	Utilizar a entrecasca de molho na água e tomar ao longo do dia	Problema digestório e tratamento de <i>Helicobacter pylori</i> ;
Sete dor <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Folha	Chá ou sumo da folha.	Ressaca, digestão, dor de cabeça

Soja <i>Acrocomia aculeata</i>	Fruto	Torre a soja, até você esfregar e a casca do fruto sair, retire essa casca e use junto com coco macauba (o coco precisa ser “socado”), e coloque junto com farinha branca e soque tudo e faz a paçoca e coloque rapadura para adocicar. Ferva a soja até sair a pele, bate e transforme em um leite vegetal e consuma ao decorrer do dia.	Anemia,menopausa colesterol
Sucupira <i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Semente	Consumo da semente;	Combate gripe; Depurativo de sangue; Estomago; Dor de garganta
Taioba <i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Shott	Folhas	Sumo da Folhas	Imunológico
Tipiu <i>Petiveria alliacea</i> L	Folhas	Chá das folhas	Dor de cabeça
Tomate <i>Solanum lycopersicum</i>	Semente	Consumo da fruta	Dor de cabeça
Trevo <i>Plectranthus neochilus</i>	Raiz	Chás das folhas, com perpeta e doralgina	Arritmia cardíaca
Umburuçu ou Imburuçu <i>Pseudobombax grandiflorum</i>	Entre Casca	Passe as cascas no ferimento	Hemorragia
Vassourinha <i>Baccharis</i> sp.	Planta inteira	Chá da planta inteira ou raiz	Infecção urina
Velame <i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth	Raiz	Chá da raiz O velame tem dois tipos não pode usar o vermelho só o verde	Febre Gripe Dor de cabeça
Vick <i>Plectranthus neochilus</i> L.	Folhas	Chá das folhas	Gripe
Vinharco <i>Plathymenia foliolosa</i>	Casca	Água da casca, coloque de molho até soltar a coloração e lave as feridas	Cicatrizante

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

CAPÍTULO 2

SABERES TRADICIONAIS SOB A ÓTICA DA COLONIALIDADE NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

Os conhecimentos tradicionais constituem um legado que se perpetua entre gerações por meio da interação entre os territórios e a natureza, exercendo influência direta sobre os modos de vida e a cultura de diversos povos. No entanto, esses saberes muitas vezes são invalidados ou desprezados por parte da sociedade contemporânea, que vive em uma era marcada pelo predomínio do capitalismo, na qual os bens materiais e o consumo são colocados como principais indicadores de valor e sucesso. Nesse contexto, os saberes tradicionais acabam sendo considerados irrelevantes, o que contribui para um processo de silenciamento e apagamento cultural o chamado “espiral do silêncio”.

A teoria “espiral do silêncio” surgiu em 1974 por Elizabeth Noelle Neumann. Essa cientista política, descreve a “disposição do indivíduo para assumir em público o seu ponto de vista sobre temas controversos que depende da avaliação que faz acerca da distribuição atual das opiniões e da sua evolução futura” (ALEXANDRE, 2018, p. 15). Com isso, é necessário afirmar que um dos fatores que emergem para omissão e/ou disseminação dos conhecimentos tradicionais é a pressão social exercida pela sociedade, que tendem a deslegitimar esses saberes o que interfere na maneira com o que o sujeito enxerga ou entende em determinado assunto.

Colaborando com essa ideia, a hierarquia capitalista conforme a discussão Lepikson *et al* (2023), permite demonstrar o capitalismo mundial como um sistema hierarquizado e desigual, no qual os países ricos organizam o jogo para continuar capturando a riqueza produzida pelos países pobres. Essa estrutura de poder, também se reflete na forma como os conhecimentos tradicionais são tratados, observa-se uma hierarquização social e epistêmica que coloca os saberes científicos como superiores, os quais, saberes locais e ancestrais assume um papel secundário e desvalidado para uma sociedade padronizada e capitalista.

Ao analisar essas sistematizações, emergem alguns questionamentos especialmente quando relacionamos o Brasil, um país formado por uma ampla diversidade de povos tradicionais e originários, cuja cultura se manifesta de múltiplas formas. Mesmo diante de tamanha pluralidade, as críticas e os preconceitos persistem, revelando semelhanças ao período colonial. Ainda que se tenham passado séculos desde esse evento histórico, os mecanismos de colonização permanecem presentes, agora sob diferentes perspectivas.

A modernidade possui, então, um lado oculto e violento denominado como colonialidade, responsável por desconsiderar e silenciar uma constelação de realidades e temporalidades que coexistem com a modernidade europeia. Essas contribuições possibilitam compreender o tempo presente e o direito de forma mais adequada (CARVALHO *et.al*, 2020)

Em consonância, Nolasco e De Souza (2023), discutem que a colonialidade é o legado invisível do colonialismo que molda nossas formas de pensar, agir e viver até hoje mantendo as desigualdades e hierarquias que nasceram no período colonial, mesmo em um mundo que se diz livre e moderno. Nesse sentido, são notáveis os reflexos da colonialidade nas comunidades tradicionais, que se manifestam em diferentes espaços sociais e culturais. Essa lógica busca colonizar e deslegitimar os saberes e os modos de vida desses grupos, colocando o capitalismo como eixo central das relações de poder e de conhecimento.

Ao analisarmos o panorama geral, é fundamental destacar o processo de desvalorização do saber empírico, especialmente no que se refere ao uso de plantas medicinais. Essa desvalorização está diretamente associada à expansão das indústrias farmacêuticas nas últimas décadas, que reforçaram uma visão de ciência centrada no modelo ocidental, em detrimento dos conhecimentos ancestrais. Sob essa ótica, Silva e Caliari (2017), reforçam que a década de 90, foi marcada pela expansão das indústrias farmacológicas, o que gerou bilhões para esse setor. Tais informações, se assemelham tanto pelo modelo de hierarquização capitalista descrito Lepikson e colaboradores (2023), tanto para os meios de colonialidade discutido por Ballestrin (2017).

Neste contexto, Ballestrin (2017) ressalta o giro decolonial e discute a modernidade e a colonialidade, o qual busca rompê-la juntamente com as narrativas e as práticas coloniais que ainda persistem na sociedade contemporânea. Esse giro busca desafiar as estruturas de poder estabelecidas pela colonialidade, promovendo uma reinterpretação das relações sociais, políticas e culturais. Maldonado Torres (2008), afirma que a modernidade está ligada à experiência colonial, o que corrobora com a pesquisa de Quijano (2000):

Colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América (Quijano, 2000, p. 342).

Diante disso, o capitalismo emerge como uma novo meio de colonialidade, o qual, Ferreira (2014) ressalta que o capitalismo transformou o espaço e formas sociais, fazendo uma

atualização onde o sistema foi amplificado ressignificando uma nova realidade. Dessa maneira, Osorio (2016) descreve que a produtividade do capitalismo abre espaço a desigualdades econômicas e dependência. A partir disso, observamos a influência de um mundo capitalista e as modificações no estilo de vida da sociedade contemporânea.

Ao compararmos a presente discussão com essas comunidades, percebemos que de modo geral, cada comunidade apresentou adaptabilidade a esse novo estilo de vida, o que se assemelha com a perspectiva futura proposta por Gomes (2024), que destaca a importância de estabelecer protocolos de implementação de acesso à tecnologia para o fortalecimento das comunidades tradicionais com objetivo de dar voz a esses grupos e que seus direitos sejam respeitados.

A era digital é caracterizada pelo avanço constante da tecnologia, que vem se expandindo de forma acelerada ao longo dos anos (VILAÇA; ARAUJO, 2016). Atualmente, ela deixou de ser apenas uma ferramenta e passou a ser uma necessidade, inserindo todos em uma nova realidade social, na qual o que mais importa, muitas vezes, é o que é exibido e compartilhado nas redes digitais (SANTOS, 2024). Todavia, as comunidades tradicionais se adaptam a essa nova era integrando o uso de tecnologia as práticas tradicionais o que contribui para divulgação de festividades, marketing, popularidade e outros.

A ERA DIGITAL E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS

O desenvolvimento da era digital trouxe novas possibilidades no campo da comunicação, onde os meios tradicionais foram substituídos ou integrados a novas plataformas, e o smartphone tornou-se um elemento central na transformação da cultura de massa (KISCHINHEVSKY, 2017). Nesse contexto, todo o conteúdo midiático passou a ser acessível de forma integrada em um único espaço digital. A realidade atual, conhecida como a era da cultura da convergência, é marcada pela coexistência de múltiplos sistemas de mídia, onde os conteúdos circulam de maneira fluída e dinâmica, promovendo uma constante transformação cultural (OLIVEIRA, 2023).

Nesse cenário, a mídia desempenha um papel fundamental, reconfigurando não apenas os modos de produção e distribuição de conteúdo, mas também a forma como as pessoas consomem e interagem com as informações. As plataformas digitais, como o *YouTube* e o *Instagram*, tornam-se ferramentas poderosas para fins de aprendizagem e conscientização (WINQUES, 2020).

Essa importância é destacada por Nunes e Santos (2018) em sua pesquisa sobre conscientização ecológica, realizada por discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia, utilizando o *Instagram* como plataforma para explorar a relação entre o homem e a natureza urbana. Os resultados da pesquisa demonstraram a eficácia das redes sociais digitais, na formação de cidadãos mais críticos e conscientes, capazes de influenciar positivamente suas comunidades e redes de contatos em prol da sustentabilidade e defesa do meio ambiente. Ao combinar o alcance visual e interativo do *Instagram* com a conectividade social e as ações de conscientização ganham ainda mais força e engajamento.

Esses meios de conectividades, permite demonstrar as possibilidades ilimitadas da internet e sua potencialidade de alcance, sendo uma excelente plataforma para disseminação de conhecimentos científicos e empíricos. Segundo Lopes (2013), o uso das redes digitais para fins sociais, torna possível a disseminação de milhares de conteúdos, essas plataformas ressaltam a tecnologia como meio facilitador para a propagação de informações.

Embora não haja estudo que atestem a eficácia das redes digitais como meio de disseminação de conhecimentos tradicionais, há necessidade de pesquisas voltadas para essa temática aliando de forma holística a tecnologia e os saberes ancestrais, gerando assim uma nova possibilidade de manter este conhecimento resiliente entre a sociedade contemporânea e repassando esses saberes entre as gerações.

Dessa forma, é fundamental considerar os etnoconhecimentos, que representam saberes e práticas tradicionais das comunidades. As modificações resultantes da tecnificação frequentemente desafiam esses conhecimentos, gerando uma tensão entre a preservação das tradições e a adoção de novas tecnologias, o que pode levar a uma reconfiguração das identidades culturais e das relações socioambientais.

No entanto, os conhecimentos atuais estão alterando os modos ancestrais da sociedade atual, essas alterações são evidenciadas por Morin (2010), o qual, as informações produzidas estão desconexas e o que faz sentido no mundo recente é o mundo virtual.

Há necessidade de reformar o pensamento para, em vez de termos indivíduos com as cabeças cheias de informações pouco aplicáveis e desconexas, termos indivíduos com pensamentos e informações bem articulados, conhecimentos e saberes conectados num padrão sistêmico, no que seria uma cabeça bem-feita para mudar a percepção atual da civilização sobre si mesma (DE LUCENA CÓRDULA, 2014)

Dessa maneira, Colaço e Sparemerger (2010), em sua pesquisa aborda a importância da inclusão digital para as comunidades tradicionais no Brasil, destacando a tecnologia da

informação como um legado cultural da humanidade e um direito acessível a todos. A democratização do acesso à tecnologia promove o conhecimento e fortalece a comunicação, especialmente para comunidades que se encontram isoladas geograficamente. Além de fomentar a identidade cultural, a inclusão digital oferece benefícios significativos, contribuindo para que essas comunidades preservem sua relação única com o meio ambiente e reforcem seu sentimento de pertencimento abordando como essa tecnologia pode ser apresentada de forma respeitosa, considerando as peculiaridades culturais e as necessidades específicas de cada comunidade.

O uso das redes digitais tem se consolidado como uma nova forma de sociabilidade, construção de identidade e expressão de comportamento político e social (DA SILVEIRA, 2014). Nesse contexto, Castells (2009), destaca o poder das redes e o impacto de seus padrões sobre os usuários, evidenciando o grande potencial para disseminar interesses sociais e culturais. Dessa forma, o uso das redes digitais pelas comunidades tradicionais surge como uma alternativa para promover o processo de descolonização nesse ambiente.

Ademais, é necessário contextualizar que a descolonização é definida como o processo de independência de países que foram colonizados. Esse processo refere-se à conquista da autonomia política, econômica e social por territórios que antes estavam sob o domínio de outras nações, representando a liberdade em relação às regras, imposições e formas de controle estabelecidas pelas potências colonizadoras (SOUSA et al., 2015)

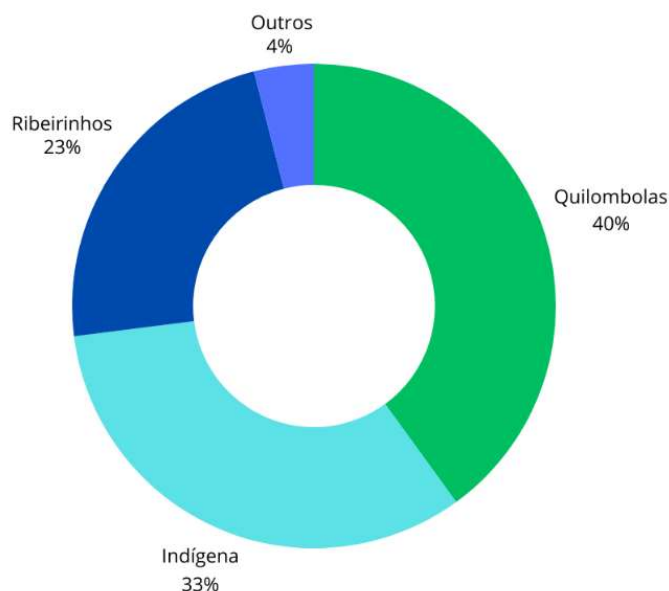
Na atualidade, o conceito de descolonização também pode ser compreendido como o rompimento com narrativas e estruturas de pensamento impostas por uma determinada sociedade. Nesse sentido, vai além das dimensões econômicas, políticas e sociais, envolvendo também a valorização de diferentes perspectivas e formas de conhecimento. Trata-se de defender pontos de vista diversos e questionar ideias consideradas dominantes ou amplamente aceitas, promovendo uma reflexão crítica sobre as estruturas que historicamente moldaram o pensamento social e científico.

Dessa maneira, os espaços virtuais permitem a construção de novas narrativas, em que essas comunidades não apenas reafirmam suas práticas culturais, mas também reivindicam lugar de fala e reconhecimento. Como aponta Silva (2024), a presença digital desses grupos potencializa diálogos interculturais e reforça suas lutas políticas e territoriais. Essa análise é reforçada por Monteiro, de Lima e de Pinho Neto (2023), que demonstram como as redes sociais atuam na preservação da memória coletiva e no fortalecimento da identidade cultural de povos tradicionais no Brasil.

No contexto brasileiro, o avanço do acesso digital entre comunidades tradicionais tem se tornado cada vez mais visível. Ainda que os dados específicos sobre o uso dessas plataformas por povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos sejam escassos, iniciativas como o projeto *Conexão Povos da Floresta* (2023) têm ampliado significativamente o alcance dessas populações. A iniciativa, que busca conectar povos da floresta à internet, já contabiliza mais de 44 mil usuários ativos e prevê alcançar mais de um milhão de pessoas até 2025, entre aldeias indígenas, comunidades quilombolas e outros grupos tradicionais.

Dessa maneira, uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2022) identificou 63 redes comunitárias distribuídas em todas as regiões do país, com entrevistas realizadas entre novembro de 2021 e março de 2022. Dessas, 40% estão em quilombos ou territórios quilombolas, 33% em aldeias ou territórios indígenas, 23% em comunidades ribeirinhas e 4% em outras localidades tradicionais (Gráfico 3). Esses dados indicam que, embora ainda incipiente, o acesso digital em comunidades tradicionais está crescendo de forma estruturada e territorialmente significativa, demonstrando um movimento coletivo por autonomia digital.

Gráfico 3. Distribuição de redes comunitária por comunidades tradicionais no Brasil 2022



Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Dessa forma, observa-se que os canais digitais se configuram como uma excelente alternativa para a disseminação dos saberes tradicionais, especialmente no que se refere ao uso

de plantas medicinais. Através de plataformas como o *YouTube*, é possível acompanhar como as comunidades tradicionais repassam seus conhecimentos, expressam suas relações socioambientais e divulgam suas práticas e experiências, ampliando a visibilidade de seus saberes para públicos diversos.

Além disso, a utilização de recursos audiovisuais permite que essas práticas sejam registradas de forma fiel e sensível, valorizando não apenas a oralidade, mas também os gestos, ambientes e expressões que compõem o saber tradicional. Nesse sentido, como destaca Taddei (2025), os meios comunicativos contemporâneos desempenham um papel central na manutenção das identidades culturais, ao possibilitar conexões simbólicas com os antepassados e a continuidade das tradições.

As comunidades tradicionais do estado do Tocantins lutam por visibilidade (MARQUES, 2014). Essa luta se manifesta por meio de adaptações às novas formas de propagação de informações, como as plataformas digitais que têm desempenhado um papel fundamental na ampliação de seu alcance e na promoção da conscientização sobre sua cultura, práticas e desafios. Com isso, destaca-se as comunidades do município de Brejinho de Nazaré que demonstram flexibilidade a integração a esses meios tecnológicos.

INFLUÊNCIA DOS NOVOS MEIOS DE DISSEMINAÇÃO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE BREJINHO DE NAZARÉ TOCANTINS.

As comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré têm acompanhado essas transformações, utilizando redes digitais para compartilhar seus saberes, fortalecer sua identidade cultural e conectar-se com públicos mais amplos. O uso da tecnologia pelas comunidades quilombolas do Tocantins é evidente em diversas plataformas digitais, como redes sociais e vídeos no *YouTube* e *TikTok* reforçando a hipótese de que as comunidades do Tocantins buscam maior visibilidade e reconhecimento conforme destacado por Marques (2014).

Durante as visitas às comunidades, foi possível observar que todas as casas visitadas possuem acesso à internet (Figura 11). Os moradores relatam esse avanço como algo positivo, pois, por meio dele, conseguem se conectar com o mundo, acessar informações e ter momentos de entretenimento. Esse processo de modernização não se restringe apenas ao uso da internet, mas, também se reflete na incorporação de equipamentos que facilitam o trabalho braçal, como máquinas para a produção de farinha, extração de polpas e outras atividades cotidianas. No entanto, os colaboradores de todas as comunidades também destacam o outro lado desses

avanços. Relatam que o contato com a natureza e as relações entre as pessoas têm se enfraquecido, que as práticas antes vividas de forma coletiva baseadas na oralidade, vêm sendo substituídas por hábitos mediados pela tecnologia, que podem inclusive favorecer vícios e distanciamentos.

Figura 11. Rede de internet instalada na associação da Comunidade Quilombola Manoel João

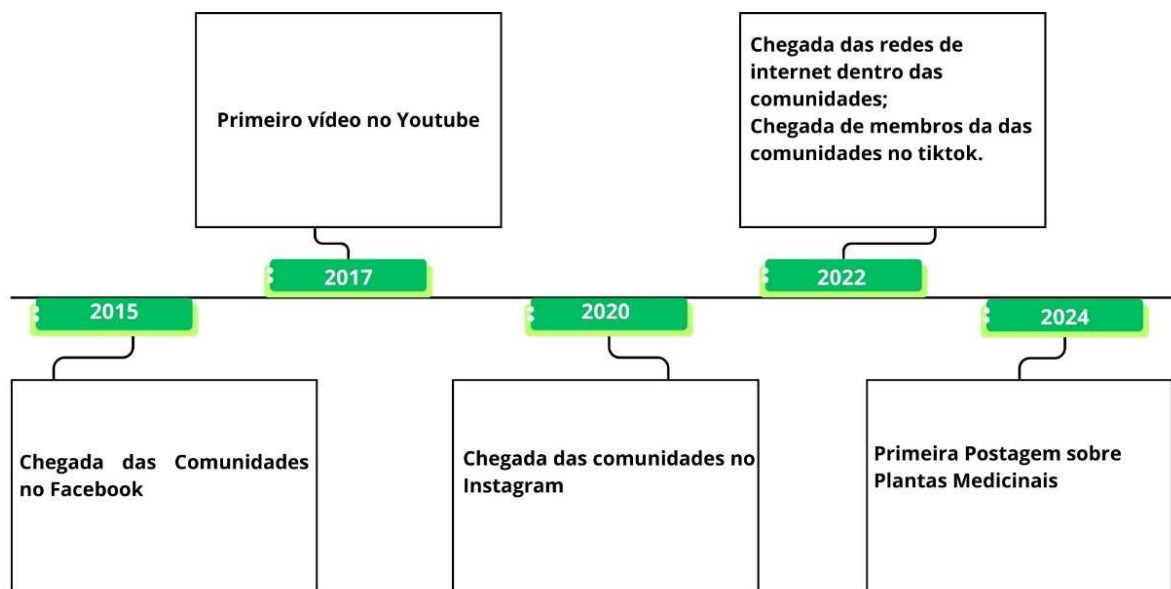


Fonte: Acervo Pessoal, 2025

Ademais, a expansão da tecnologia dentro dessas comunidades, se integrou de forma efetiva no período da pandemia, pois, foi uma alternativa para conectar com as notícias, seus familiares e o acesso a aulas na modalidade de Educação à Distância – EaD, a partir disso, a internet passou a fazer parte do cotidiano desses grupos. Corroborando com isso, Senne e Barbosa (2021), revelam que o período da pandemia foi marcado por tamanhas desigualdades sociais, e um dos aspectos que ganharam destaque nesse período foi a internet, pois em decorrência a isso, iniciou os debates sobre inclusão digital. Com a incorporação desses meios digitais, possibilitou que esses grupos, em especial os quilombolas mais velhos obtivessem esse recurso, de modo que, pudessem se adaptar entre as gerações atuais. Todavia, é possível analisar

a expansão da tecnologia dentro dessas comunidades a partir de uma linha temporal (Figura 12).

Figura 12. Principais acontecimentos frente ao advento tecnológico das redes digitais nas comunidades.



Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Neste contexto, é fundamental afirmar que os conhecimentos tradicionais de modo geral transitam por outros meios, os colaboradores retratam que repassam seus conhecimentos via whatsapp por ligação, para seus descendentes ou para pessoas que realmente buscam informações, isso se torna evidente ao observar o contexto das redes sociais digitais, é possível identificar novos meios de disseminação por meio de postagens que alcançam centenas de pessoas, evidenciando a resistência e adaptabilidade desses grupos frente às dinâmicas contemporâneas.

Sabendo que as comunidades disseminam conhecimento por outros meios, convém compreender como elas estão inseridas nessa era digital, e o que são compartilhadas por elas a partir disso, os tópicos a seguir tende a compreender quais saberes são transmitidos pelas comunidades do município de Brejinho de Nazaré e como elas estão inseridas nas plataformas *Facebook, Instagram, Youtube e TikTok*.

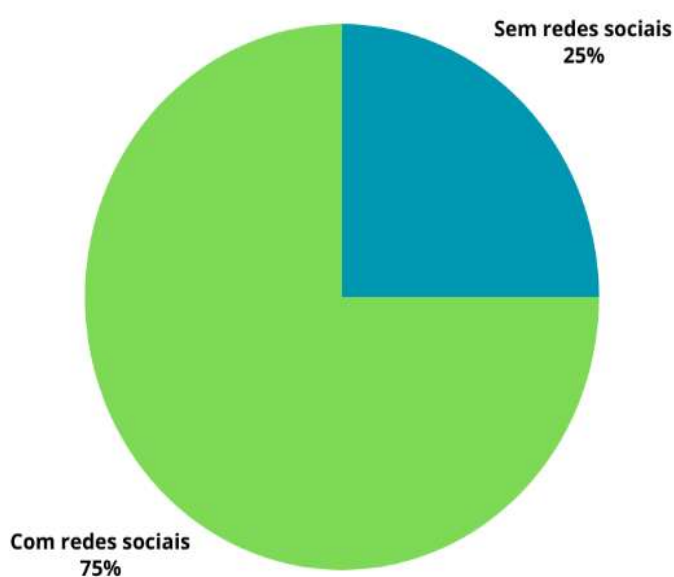
USO DAS REDES SOCIAIS PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BREJINHO DE NAZARÉ TOCANTINS

Sobre o acesso e uso de tecnologias digitais, entre as quatro comunidades quilombolas participantes da pesquisa, destacam-se três com presença ativa nas redes sociais: Córrego Fundo, Curralinho do Pontal e Malhadinha. Essas comunidades mantêm perfis próprios, nos quais compartilham suas rotinas, festividades e tradições. A comunidade quilombola Manoel João, por sua vez, não possui redes sociais, mas conta com um endereço de e-mail como meio de contato, o vice-presidente da comunidade revela que há interesse em fazer um perfil nas redes sociais, mas, é necessário que alguém gerencie a conta.

Foram analisadas duas redes sociais digitais sendo elas Facebook e Instagram os quais os dados apontaram que duas delas são encontradas via Facebook enquanto três foram encontradas via Instagram. Nesta perspectiva, Cardozo e de Oliveira Sampaio (2023) revelam que as redes sociais digitais são uma nova possibilidade de reprodução e publicização de conhecimentos nas comunidades tradicionais, o que se torna essencial para a ampliação para a perpetuação de memórias e culturas além da disseminação de conhecimentos empíricos.

O primeiro recorte desta netnografia evidenciou que 75% dessas comunidades possuem redes sociais digitais enquanto 25 % não está ativa, o que demonstra adaptabilidade com os novos meios tecnológicos (Gráfico 4). Em algumas postagens, é possível analisar as representatividades da tecnologia para divulgação das práticas culturais e a crescente elevação do uso das redes sociais nos últimos anos.

Gráfico 4. Uso das redes sociais digitais pelas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré/TO.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Com isso, nos últimos dez anos é possível analisar a crescente utilização das redes sociais por essas comunidades (Tabela 4). Corroborando com essa informação, Alves e colaboradores (2018) revelam, que o crescente uso de aplicativos de redes sociais digitais vem ganhando seu espaço e reinventando os meios de comunicação, com isso, sua popularidade só aumenta a cada ano.

Essa popularidade é destacada por Amaral e Moschetta (2014), que apresentam uma análise quantitativa sobre a influência da interação nas redes sociais. Os resultados da pesquisa demonstram que o uso dessas plataformas está profundamente interligado ao cotidiano das pessoas. Por esse motivo, essas comunidades aderiram ao uso das redes sociais como uma forma de adaptação aos novos meios de socialização, também como uma forma de divulgação das dinâmicas, eventos e festividades.

Tabela 4. Uso das redes sociais digitais pelas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré nos últimos dez anos.

Comunidades	2015	2020	2025
Malhadinha	x	x	x
Córrego fundo	—	x	x
Curralinho do Pontal	—	—	x
Manoel João	—	—	—

Fonte. Autora, 2025

A utilização das redes sociais pelas comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré, vem se expandindo rapidamente, isso é perceptível ao analisar os números de postagens realizada por essas comunidades nas redes sociais ao longo de dez anos (Tabela 5). As postagens nas redes sociais têm se mostrado uma estratégia fundamental para dar visibilidade às suas demandas e fortalecer a articulação comunitária. Neste contexto, a formação de ações coletivas no ambiente virtual, tem reestruturado movimentos sociais de alcance global, utilizando a transferência de dados, como textos, imagens e sons, e ferramentas digitais que ampliam a divulgação das campanhas, tornando as mobilizações mais efetivas (DINIZ; CALEIRO, 2011).

Tabela 5. Atividades nas redes sociais digitais pela comunidade

Comunidades	2015	2020	2025
Malhadinha	18	—	14
Córrego fundo	—	—	19
Curralinho do Pontal	—	—	17

Fonte: Autora, 2025

A tabela 5 apresenta a quantidade de postagens feitas pelas comunidades quilombolas Malhadinha, Córrego Fundo e Curralinho do Pontal nos anos de 2015, 2020 e 2025. Com o primeiro registro em 2015 feito pela Comunidade Quilombola Malhadinha, atualmente com 32 postagens, nos anos posteriores as demais comunidades adquiriam seus perfis, a Córrego Fundo e Curralinho do Pontal ambas em 2023.

No entanto, nota-se uma ausência total de registros em 2020, pela Malhadinha que está atribuído aos impactos da pandemia da COVID-19, que afetou as dinâmicas sociais das comunidades. Durante esse período, muitas atividades presenciais foram suspensas, houve restrições de circulação, e o foco das comunidades voltou-se para o enfrentamento da pandemia, dificultando o acesso das mídias digitais, seja por questões de saúde, prioridades internas ou até limitações técnicas como acesso à internet.

A retomada das postagens em 2023 por parte das comunidades de Córrego Fundo (19 postagens) e Curralinho do Pontal (17 postagens) se iniciaram e se manteve constante já a comunidade Malhadinha reduziu seu volume de publicações, porém, permanece ativa, assim como, as publicações que continuam sendo realizadas regularmente. Esses dados reforçam a ideia de que, apesar da presença digital está em expansão, a produção de conteúdo digital por parte das comunidades quilombolas não ocorre de forma contínua nem estável. As postagens são compartilhadas quando ocorrem alguma festividade, evento, reunião, divulgação de Produtos e outros, como um marketing ou para convidar a população para prestigiar as comunidades.

Neste contexto, o segundo recorte buscou compreender o que essas comunidades publicam em seus perfis. A primeira postagem nas redes sociais foi feita via Facebook no dia 06 de agosto de 2015 realizada pela comunidade quilombola malhadinha evidenciando a segunda edição da “*Quilomlpiadas*” (Olimpiadas do Quilombo) (Figura 13). A primeira edição da quilomlpiadas foi realizada no ano de 2014 com o objetivo de integrar qualidade lazer e cultura (DA SILVA; PEREIRA, 2022).

Figura 13. Primeira postagem nas redes sociais digitais feita pela comunidade quilombola Malhadinha

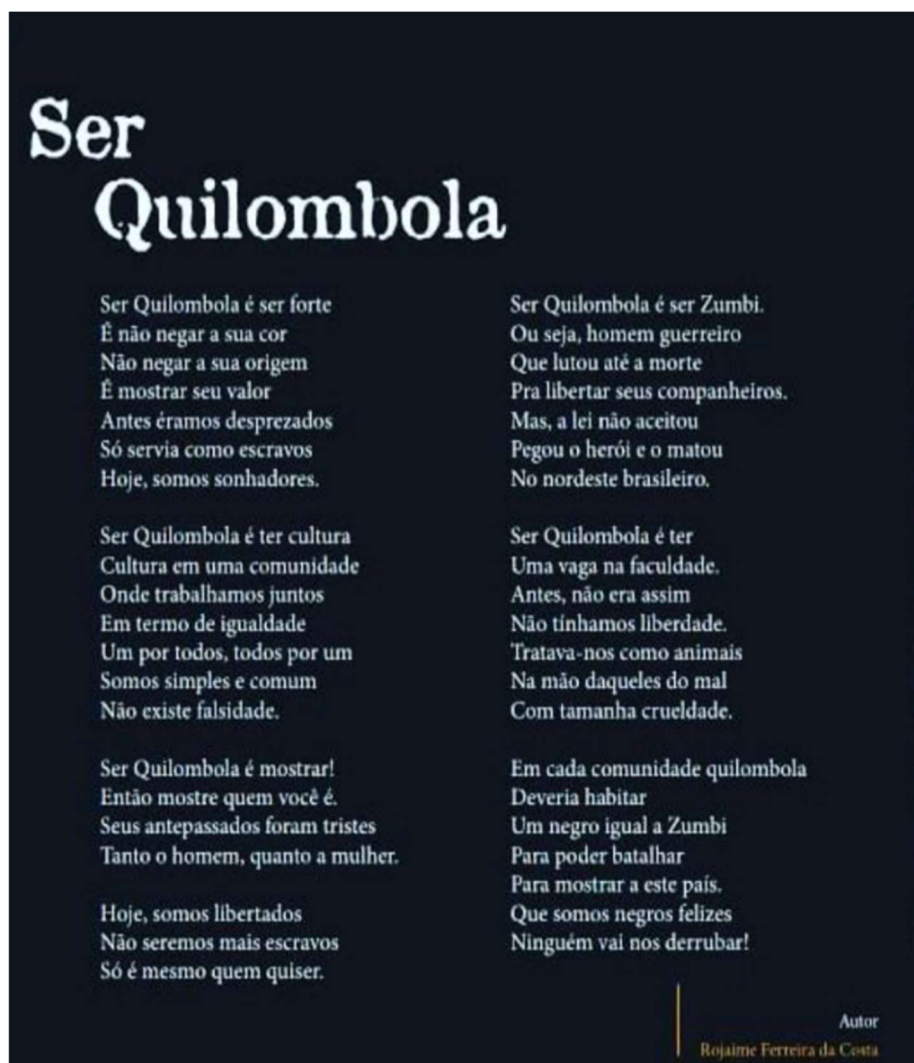


Fonte Facebook, 2015

Ao longo dos 10 anos foram realizadas diversas postagens por essas comunidades, sendo elas voltadas para divulgação de suas festividades, rotinas comunitárias e lutas por direitos e suas raízes africanas. Em algumas publicações, é possível perceber a profunda representatividade cultural dessas comunidades, especialmente em relação à preservação de sua história e identidade, o que evidencia a força, a resistência e o protagonismo dessas populações.

Em uma das postagens realizadas por essas comunidades, destaca-se uma poesia intitulada "*Ser Quilombola*", escrita por um membro da Comunidade Quilombola Córrego Fundo (Figura 14). A obra não apenas celebra o orgulho e o senso de pertencimento, mas também reforça a importância da valorização das raízes quilombolas.

Figura 14. Poesia “Ser Quilombola”



Fonte: Rojaime Ferreira via *Instagram* 2023

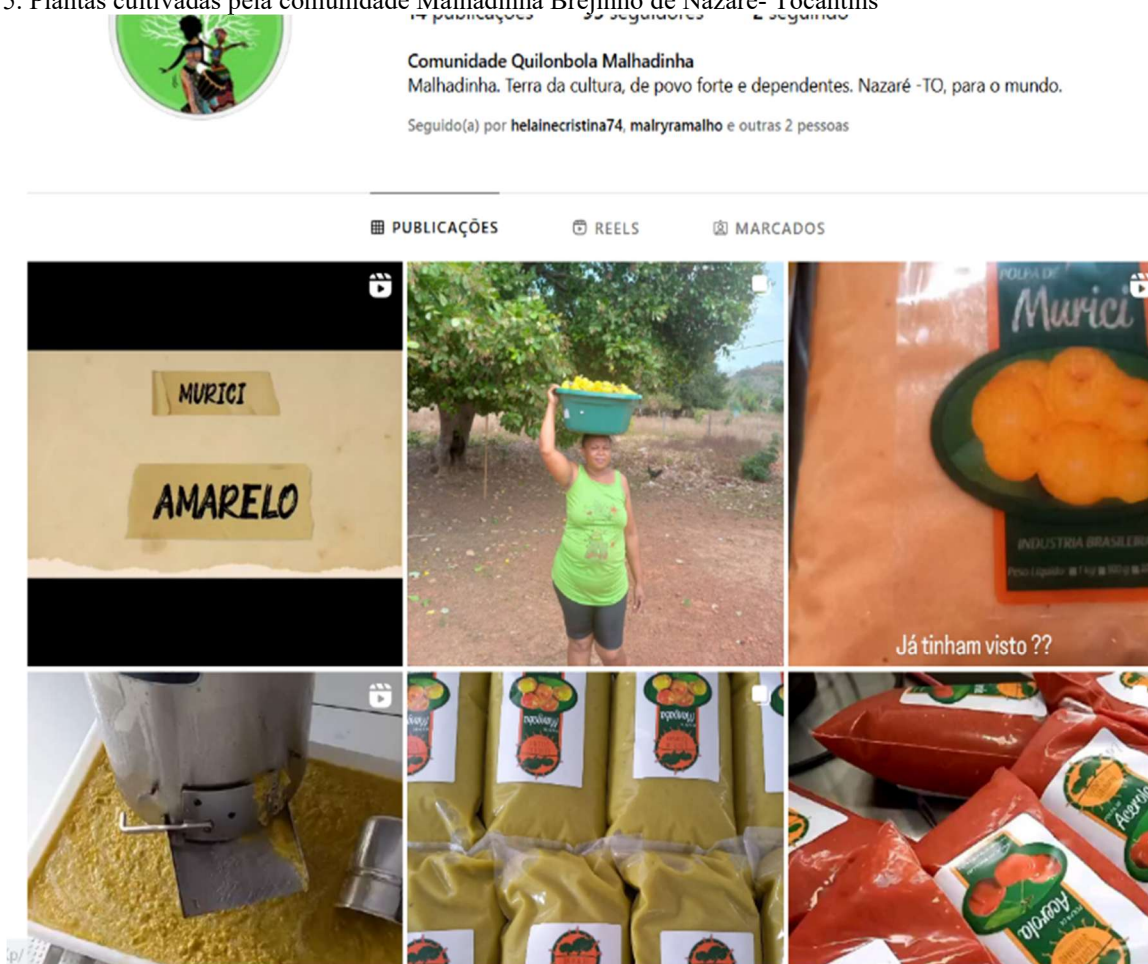
Todavia, os conhecimentos sobre plantas medicinais ainda são poucos divulgados nas redes sociais, as comunidades relatam que a ausência de postagens sobre plantas ou os conhecimentos tradicionais de modo geral, não é publicado, pois, sentem que esses conhecimentos são desvalidados pela sociedade e podem ser criticados. Entretanto, a análise das postagens realizadas pelas comunidades quilombolas de Córrego Fundo, Curralinho do Pontal e Malhadinha revela que, embora haja presença ativa nas redes sociais, os conteúdos publicados concentram-se, em sua maioria, em aspectos culturais como festividades, celebrações.

De modo geral, as postagens da Comunidade Quilombola Córrego Fundo são voltadas para festividades, confraternização e ancestralidades negra, enquanto, a Comunidade Quilombola Curralinho do Pontal divulga momentos de coletividade especialmente a culinária

recentemente a comunidade publicou pela primeira vez posts no Instagram todos voltados para festividade ocorridas em 2025, mas, entretanto, a Comunidade Quilombola Malhadinha, enfatiza em algumas postagens registros de plantas tanto medicinal e alimentícia priorizando os frutos como, murici, caju, acerola e mangaba que são cultivadas e comercializadas pela comunidade como uma estratégia de marketing (Figura 15).

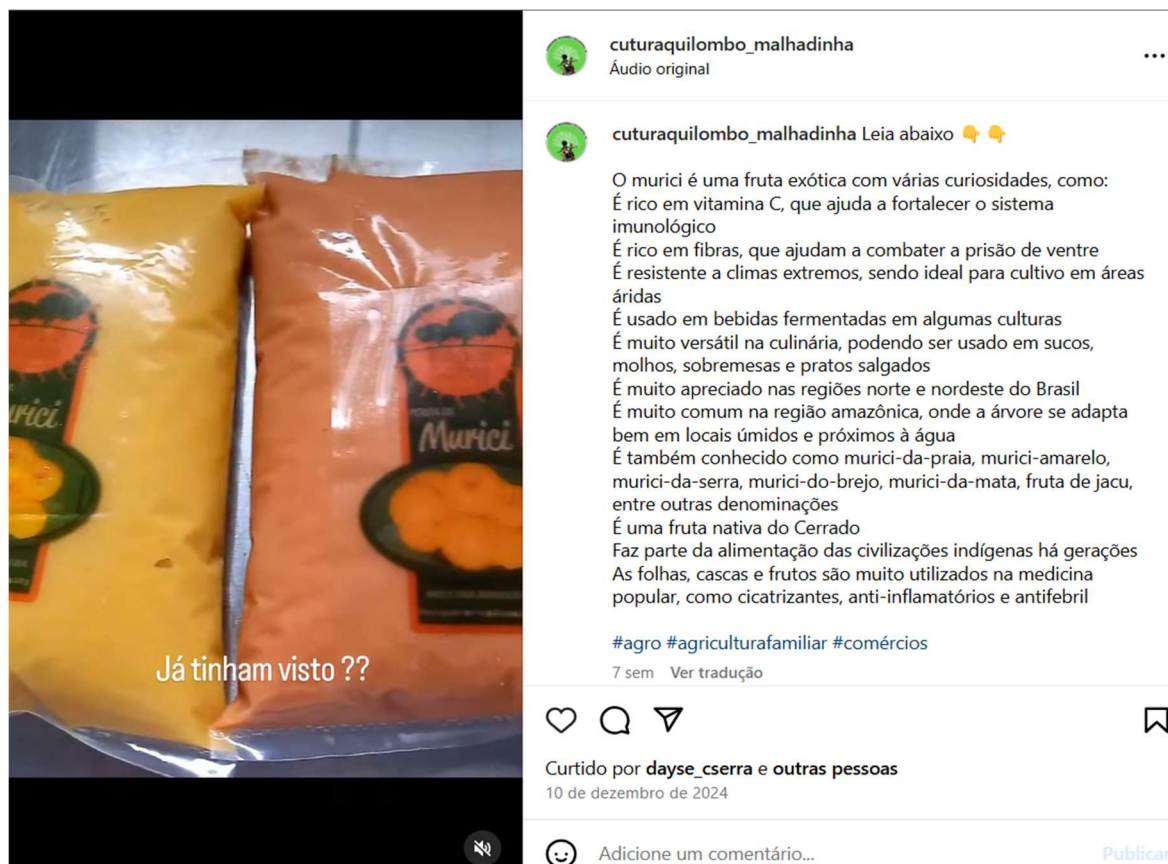
Segundo Café Filho (2024), as redes sociais são uma excelente ferramenta de marketing para a propagação de informações principalmente para comercialização de produtos. Nesse sentido, visualizar-se as estratégias de marketing utilizadas pela comunidade quilombola Malhadinha para divulgação das polpas de frutas enfatizando o seu potencial fitoterápico sendo assim uma significativa propaganda de seus produtos (figura 16).

Figura 15. Plantas cultivadas pela comunidade Malhadinha Brejinho de Nazaré- Tocantins



Fonte: Instagram da comunidade Malhadinha, 2024.

Figura 16. Marketing para a divulgação dos subprodutos vegetais produzidos pela comunidade quilombola Malhadinha.



Fonte: Instagram da comunidade, 2025.

Dessa maneira, o terceiro recorte dessa netnografia buscou realizar uma análise audiovisual, dos vídeos publicados em duas plataformas *Youtube* e o *TikTok*, os dados evidenciaram a presença de todas as comunidades quilombolas do estudo. No entanto, os vídeos produzidos em canais não são de autoria das comunidades, excetos os conteúdos produzidos pelos próprios membros em seus perfis pessoais.

YOUTUBE E AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BREJINHO DE NAZARÉ

De início é necessário destacar que as comunidades não possuem canal no *Youtube*, e todos os conteúdos analisados são derivados de documentários e reportagens sobre as comunidades do estudo.

Em uma análise geral, foi possível evidenciar os canais que abordavam os conteúdos sobre essas comunidades. e teve como objetivo descrever os cotidianos das comunidades tradicionais e originárias do Estado.

Os vídeos encontrados no *YouTube* sobre as comunidades quilombolas do estudo evidenciam a disseminação de suas histórias e saberes tradicionais. No entanto, também permitem analisar as adaptações realizadas pelas comunidades frente ao estilo de vida contemporâneo.

A comunidade com maior representatividade nesses vídeos, foi a Comunidade Quilombola Malhadinha, com sete vídeos no *Youtube*, mas, o primeiro registro dessas comunidades foi da Comunidade Quilombola Córrego fundo no ano de 2017, em uma ação feita pela universidade Afya de Porto Nacional. No entanto, o vídeo não evidencia aspectos tradicionais da comunidade (Figura 17). Nos anos posteriores, 2020 e 2025, foram inseridos vídeos das demais comunidades no *Youtube*.

Figura 17. Primeiro vídeo publicado Youtube sobre a Comunidade Quilombola Córrego Fundo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wxC9pmgl6xM>

Dessa forma, ao fazermos um comparativo é notável que os conteúdos produzidos no Youtube são bem mais completos e demonstram mais informações sobre os conhecimentos tradicionais do que as redes sociais, pois demonstram os cotidianos desses grupos. A análise dos vídeos revelou o processo de transição vivenciado por essas comunidades, especialmente no que diz respeito à convivência entre o conhecimento tradicional e os avanços tecnológicos. Mas, no entanto, foi analisado os processos de colonização das práticas diárias tradicionais em parte dos vídeos.

Um exemplo desse processo, é a Comunidade Quilombola Malhadinha, que possui um documentário disponível no YouTube. O material destaca as tradições, culturas, vivências e experiências da comunidade, além da modernização das práticas de subsistência impulsionada pelo projeto denominado "*Fortalecimento da Agroecologia*". Esse projeto contribuiu para a modernização dos meios de sobrevivência da comunidade, que atualmente conta com uma

fábrica de extração de polpa de frutas, casa de farinha, tanques para piscicultura, hortas, criação de galinhas, entre outras atividades.

Essas tecnificações contribuiu significante para o sustento das famílias, e a comunidade concebe esse avanço como positivo, pois com a abertura da fábrica, a comunidade passou a vender mais produtos (Figura 18). Por outro lado, outros vídeos evidenciam que os conhecimentos tradicionais permanecem, como por exemplo o uso do tapiti (prensa utilizada da secagem da massa da mandioca), utilizado na produção artesanal da farinha de mandioca. Com isso, é possível observar a transição entre práticas ancestrais e novas tecnologias.

Corroborando essa informação, Oliveira (2024), descreve que o mundo digital está mais hibridizado e está se transformando na maneira como vivemos e percebemos o mundo real, revelando como técnicas ancestrais e tecnologias modernas, podem criar formas de compreender a relação entre humanos, natureza e tecnologia.

Figura 18. Fábrica de extração de Polpa da Comunidade Quilombola Malhadinha



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

Todavia, destaca-se a comunidade quilombola Manoel João com um único vídeo no Youtube (Figura 19), sendo única informação encontrada nas redes digitais exceto pelo site que revela seu reconhecimento pela Fundação Cultural dos Palmares e os outros citando sobre ela

em conjunto com outras comunidades quilombolas do estado. Entretanto, o vídeo ressalta a cultura, tradição, laços familiares, amizade e coletividade. Apesar de não possuir redes sociais, é possível compreender suas dinâmicas e o senso de pertencimento das 45 famílias viventes na região. A comunidade manifesta uma preocupação em relação os conhecimentos tracionais e a cultura que está sendo perdida com o tempo, necessitando de eventos que fortaleçam suas tradições.

Figura 19. Documentário da comunidade Manoel quilombola João



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XTQIPX6vRgU>

A comunidade Curralinho do Pontal possui três vídeos no Youtube produzidos pela prefeitura de Porto Nacional em outubro de 2025 (Figura 20) os documentários se assemelham com as redes sociais, evidenciando a culinária como um elemento de união o que reforça os diversos destaques voltados para essa temática publicados no perfil oficial da comunidade no Instagram. Ambas as comunidades analisam a chegada da tecnologia como algo benéfico que contribui para visibilidade da comunidade e conexão com as pessoas.

Figura 20. Vídeos no Youtube sobre a Comunidade Curralinho do Pontal.



Fonte: Youtube, 2025.

A análise dos vídeos do *Youtube* revelou o processo de transição entre as práticas tradicionais e os avanços tecnológicos. No entanto, não foram identificados vídeos sobre o uso de plantas medicinais nos conteúdos postados sobre essas comunidades. Ademais, outra plataforma ganha destaque os quais os saberes etnobotânicos sobre plantas medicinais são disseminados.

O USO DO TIKTOK PELAS COMUNIDADES

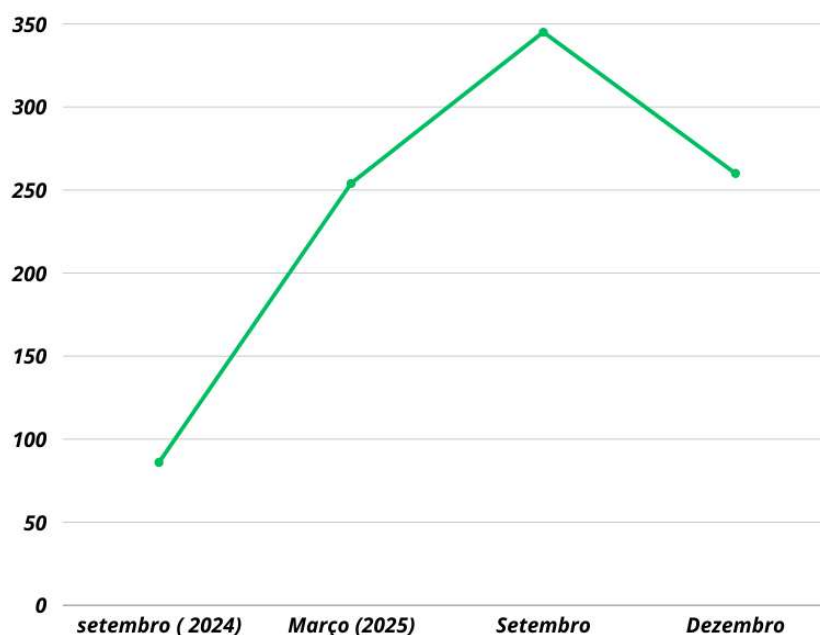
O TikTok nos últimos anos vem se popularizando rapidamente, a facilidade do uso do aplicativo e a infinidade de conteúdos produzidos, geram entretenimento entre os mais velhos e mais novos que podem assistir ou produzirem vídeos (CARDOSO, 2023). O primeiro registro das comunidades na plataforma foi no ano de 2022 publicado pela Comunidade Quilombola Malhadinha, ambas as comunidades não possuem perfis no TikTok, mas, há presença dos membros dessas comunidades. Foram identificadas duas comunidades quilombolas Malhadinha e Córrego Fundo.

Quanto aos conteúdos produzidos por esses membros, alguns perfis destacam dancinhas, músicas religiosas, vídeos de humor, ancestralidades quilombolas e o uso de plantas medicinais. Dentre os perfis analisados, destaca-se o *@luizatrada.natural* a colaboradora Luiza

Dias da Comunidade Quilombola Malhadinha, é criadora de conteúdo no TikTok, acumulando mais de cinco mil seguidores (Figura 21). Entre todos os participantes deste estudo, Luiza é a única que utiliza as redes digitais para divulgar receitas com plantas medicinais, o que corrobora com a pergunta central desta pesquisa ao demonstrar que os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais se disseminam por outros meios além da oralidade. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo analisar os novos meios de disseminação e acima de tudo compartilhar os conhecimentos, sendo assim, está disponível em sequência o link do acesso para o perfil da Luiza: <https://www.tiktok.com/@luizatrada.natural?lang=pt-BR>

Os vídeos produzidos por Luiza buscam descolonizar o ambiente virtual, a disseminação desses conhecimentos demonstra resiliência e adaptação e que as comunidades tradicionais se adaptam as mudanças da sociedade contemporânea. Todavia, o primeiro vídeo produzido no perfil de Luiza Dias foi em setembro de 2024, em uma receita sobre xarope, apesar da criação recente do seu perfil com um pouco mais de um ano os seus números de seguidores só aumentam juntamente com número de visualização (Gráfico 5). A colaboradora revela que o intuito por trás da produção dos vídeos é “*viralizar nas redes sociais*” (**Colabora Luiza em entrevista concedida a autora em dezembro de 2025**).

Gráfico 5. Expansão dos números durante visualização no perfil de Luiza Dias.



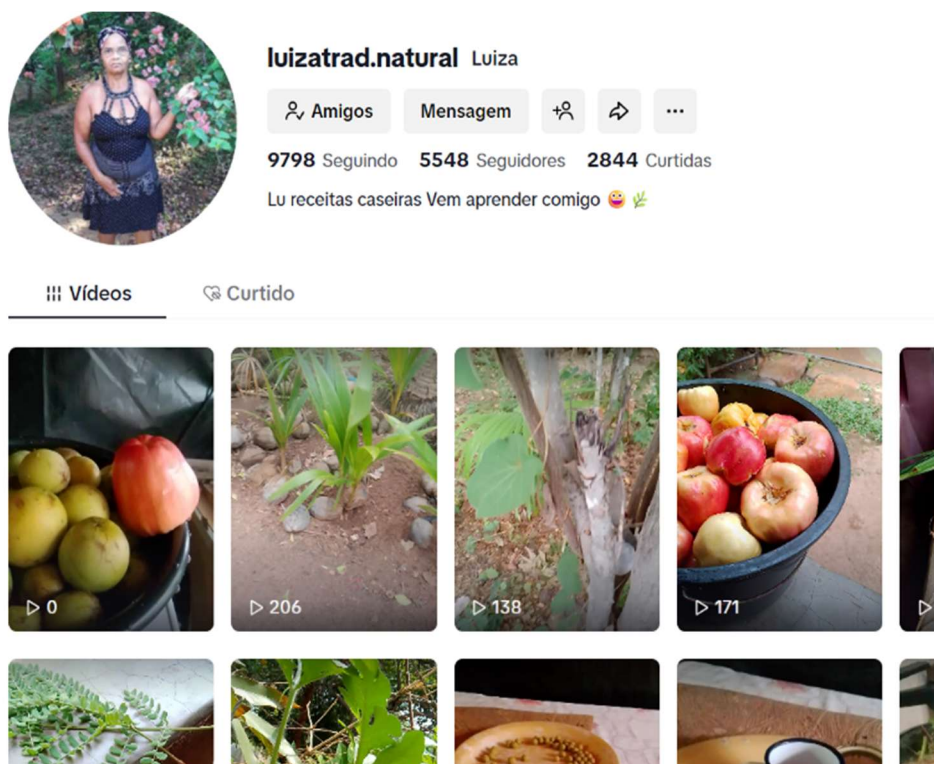
Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Ademais, ao analisarmos as postagens e dos consumidores desse tipo de conteúdo percebe-se que não há haters, e que os vídeos são direcionados para pessoas que buscam sobre essas informações. Santos (2022), descreve que esse direcionamento de informações, estão ligadas aos algoritmos que são um conjunto de procedimentos lógicos para que determinados programas funcionem, interligando essas informações com as redes sociais, percebe-se que esse algoritmo está baseado na quantidade de vezes que visualiza determinados conteúdos, assim, conteúdos similares tende a aparecer, a maneira que utiliza alguns aplicativos.

Adicionalmente, convém enfatizar que alguns conteúdos publicados por Luiza Dias são banidos dos TikTok, principalmente as receitas relacionadas a câncer em entrevista concedida a autora a colaboradora descreve que, “*não posso postar sobre algumas plantas as usada para tratar o câncer eles bloqueiam*”. A partir disso, emerge alguns questionamentos quais motivos dos bloqueios esses conteúdos, o TikTok autoriza as informações sobre saúde que possuem embasamentos médicos, para a plataforma os conteúdos que não contemplam essa contextualização são considerados uma *Fake News* (SILVA, 2025).

Neste contexto, com base nos relatos analisados nesta pesquisa, é possível afirmar que a plataforma digital se consolida como um ambiente colonizador, ao promover a desvalorização dos saberes empíricos. Tal constatação corrobora a análise de Haddad (2024), que compreende o colonialismo de dados como uma nova lógica de apropriação da vida humana por meio da quantificação e mercantilização de informações, reproduzindo traços históricos da colonização. Nesse modelo, os fluxos de dados deixam de seguir uma direção geopolítica fixa, passando a ser orientados predominantemente pelas necessidades do mercado, pela governança corporativa dos dados e pelos interesses econômicos das plataformas digitais.

Figura 21. Perfil no TikTok da participante que utiliza as redes digitais como meio de disseminar conhecimentos



Fonte: TikTok, 2025.

Em entrevista concedida a autora a colaboradora Luiza Dias revela, “*mesmo com todas as dificuldades eu gravo, peço aos meus netos para me ajudarem a gravar ou eu mesmo gravo, foi uma das formas que eu achei para salvar vidas, hoje eu estou com cinco mil seguidores esse número tem que aumentar.*” Em consonância Tavares (2012), discute a inclusão digital revelando a necessidade de desenvolver novas tecnologias de acesso para que as pessoas mais idosas tenham facilidade para se conectar, ligando essa informação com os dados coletados em campo, os colaboradores revelam que seria interessante postar, mas não conseguem o que relatado pelo senhor Divino da comunidade Manoel João “*Esse negócio de celular não é para mim eu tento mexer no celular, mas dói a minha cabeça, e eu largo de mão*”.

Contudo, essas barreiras na inclusão digital acabam sendo um empecilho para a circulação desses conteúdos nas redes digitais. No entanto, apesar dos avanços observados é importante destacar que a disseminação dos saberes tradicionais nas redes sociais tem sido, em grande parte, protagonizada pelos membros mais jovens, que possuem maior familiaridade com os meios digitais assim o ritmo de postagens referentes a esses saberes se mantém mais lento.

Essa realidade revela uma contradição interessante, ao mesmo tempo em que os meios digitais abrem novas possibilidades para a valorização e visibilidade, também podem acentuar desigualdades ou desvalorização em relação ao conhecimento tradicional, essa preocupação é

ressaltada por todas as comunidades. Winques (2020), revela o espiral do silêncio dentro das plataformas digitais, o qual, pode se manifestar de diversas forma especialmente relacionado do silenciamento de acontecimentos de interesse público.

Associando a realidade vivida à visão de Winques (2020), é possível notar como se desenvolve o processo da espiral do silêncio por parte desses povos que não se limita apenas a redes virtuais, em algumas falas dos colaboradores revelam as inseguranças e experiências por parte desses povos:

“A gente não posta por que as pessoas criticam por que remédio do mato” (Jose Ribeiro colaborador da Comunidade Quilombola Malhadinha em entrevista concedida a autora em outubro de 2025)

“Meus conhecimentos não têm estudo, por que meus pais me ensinaram não tem esse estudo de laboratório, vai que você quer esse tipo de remédio (Marcial Soares da Comunidade Quilombola Córrego Fundo em setembro de 2025)

“As pessoas desmerecem quando vamos falar, já teve gente que me chamou de louca, pois eu sabia um remédio para ajudar” (Lucia Nunes Comunidade Quilombola Córrego Fundo em setembro de 2025)

Seria bom postar, mas as pessoas não querem saber mais sobre isso não acreditam mais (Colaborada Luciene da comunidade Córrego Fundo em entrevista concedida a autora em outubro de 2025)

Os relatos apresentados, revelam que as comunidades têm interesse de repassar esses conhecimentos apenas para seus descendentes e para quem busca informação, o que corrobora com Moreira, De Souza e Ângelo (2020), que descrevem que os conhecimentos tradicionais são repassados pelas comunidades para quem possui interesse e aprender. Alguns colaboradores relatam que gostam de assistir conteúdos sobre plantas medicinais, roças, hortas, pescas e outros vídeos que se assemelham com a sua realidade pois aprendem muito, a partir dessa informação é perceptível que as redes digitais apesar de ser colonizadora é uma alternativa para resiliência dos conhecimentos tradicionais

Sendo assim, a presença da colaboradora Luiza Dias e os conteúdos produzidos por ela são o “desvio padrão” deste estudo. Com isso, Castells (2009), descreve que as redes digitais moldam as formas de comunicação contemporânea, reconfigurando os modos de expressão e interação social. Todavia, ao relacionamos a perspectiva de Castells percebemos que essas comunidades aderiram a essa novos meios de socialização e divulgação de conteúdos, utilizando novos veículos para divulgarem vivo seus saberes

Em consonância Soares (2018), reforça a construção do saber tradicional através das redes sociais, destacando essas plataformas como coletiva que contribui para debates e discussão e a disseminação de conhecimentos. Dentre isso, convém destacar uma reflexão em relação a essa ideia, ainda que as redes digitais sejam compreendidas como uma alternativa de visibilidade e circulação de saberes, elas frequentemente são espaços de desvalorização quando os conteúdos apresentados escapam aos padrões estabelecidos, conseguimos compreender isso, quando comparamos com a realidade vivenciada quando a própria plataforma deslegitima os conhecimentos tradicionais.

Dessa forma, Bordignon (2018) ressalta que, “as redes sociais, promoveu uma exponencial mudança das possibilidades e da natureza da informação, em geral viesada pela ótica dos informantes”. Nesse contexto, a maneira como as plataformas digitais interpretam e expõem os conteúdos acaba influenciando o que a sociedade passa a compreender como certo ou errado. Esse processo contribui para a construção de padrões dos saberes tradicionais e científicos, levando à classificação dos conhecimentos empíricos como medicina complementar, em vez de reconhecê-los como a base da medicina farmacológica.

Em uma das entrevistas realizadas nas comunidades vemos o relato da senhora Antônia uma mulher de 89 matriarca da Comunidade Quilombola Malhadinha que cresceu utilizando remédio derivados de plantas demonstrando sua autodeterminação de escolha e sua percepção sobre os remédios das indústrias farmacêuticas:

Me criei a vida toda tomando remédio do mato, eu fui conhecer médico depois de velha, eu prefiro tomar esses remédios de matos, esses remédios aí da farmácia é tudo de plantas, só serve para gastar dinheiro. (Antônia em entrevista concedida a autora em outubro de 2025)

Diante disso, podemos afirmar que as redes digitais são os novos veículos de disseminação do conhecimento popular, mas, no entanto, a utilização dessas plataformas para propagação desses saberes ainda é desafiadora tanto pela colonialidade no ambiente virtual tanto pelo modelo capitalista que tende a influenciar as práticas ancestrais sobre o uso de plantas medicinais como complementares e não como um elemento essencial para o tratamento de doenças.

No que se refere ao presente estudo, é fundamental descrever que as comunidades do estudo reconhecem que os remédios produzidos em laboratórios, são derivados das plantas, mas, no entanto, reforçam que um dos aspectos que contribuem para o distanciamento desses saberes são as formações educacionais como descrito por um dos colaboradores “*A sabedoria*

de hoje, antigamente ninguém tinha essa sabedoria, e agora a sabedoria está avançada. De primeiro era poucos que sabiam ler e escrever, e nós tínhamos que se virar e usar o que tinha, e hoje não se ver mais isso, e os jovens só querem o fácil” (**Marcial Gomes Soares da comunidade Córrego Fundo em entrevista concedida a autora em setembro de 2025**). O colaborador retrata que os estudos estão mais avançados e por esse motivo os conhecimentos empíricos sobre as plantas os e conhecimentos tradicionais se tornam irrelevantes entre os mais novos.

Dentro deste relato convém ressaltar a formação educacional dos discentes quilombolas, pois ao fazemos um comparativo com as comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré, percebe-se que apenas uma comunidade possui uma escola ativa, por que a própria comunidade não aceitou a desabilitação, as demais, se encontram ou em ruínas como é caso da comunidade quilombola Córrego Fundo, ou aproveitadas para as reuniões da associação como é o caso da Manoel João e Currálinho do Pontal (os materiais da escola da Comunidade Quilombola Currálinho do Pontal foram todos aproveitados para a construção da associação).

Dessa maneira, em um relato o presidente José Ribeiro da comunidade Malhadinha em entrevista concedida a autora em outubro de 2025 descreve que, *“a escola dentro da comunidade mantém ela viva, quando se tira uma escola de uma comunidade, você mata a comunidade praticamente. Nós tivemos a oportunidade de manter e queríamos que fosse até o ensino médio trazendo tudo para aqui, seria melhor para a comunidade, pois temos professores capacitados, a única coisa que o município teria preocupação seria o gasto com o salário dos professores, e acabaria com o gasto com o ônibus, se eles fizessem o que tinha que fazer seria bom.*

O colaborador descreve as perdas culturais que ocorrem quando desabilitam uma escola quilombola, buscando uma alternativa para diminuição de gastos com ônibus e colaborando para a formação desses discente dentro da comunidade. O presente relato se assemelha com a realidade vivenciada pela Comunidade Quilombola Manoel João cuja desativação da escola resultou nas mudanças de algumas famílias para cidade e na venda de alguns terrenos dentro do território quilombola, o que abriu espaço para a entrada de não quilombolas em seus espaços.

Nesse sentido, é fundamental destacar que a escola se torna um ambiente colonizador, o que corrobora com De Freitas (2020), firma que a escola brasileira ainda reproduz uma estrutura colonial, marcada pela valorização de saberes eurocêntricos e pela exclusão de conhecimentos e culturas populares, indígenas e afro-brasileiras. Portanto, isso evidencia uma

perda cultural e socioambiental na maneira que os conhecimentos tradicionais deixam de destacado em um ambiente voltado para formação individual e profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode se concluir que as comunidades quilombolas do município de Brejinho de Nazaré Tocantins, mantêm seus conhecimentos sobre plantas medicinais e repassa seus conhecimentos para seus descendentes por meio de outros meios de disseminação. Além disso, possuem um profundo conhecimentos sobre as plantas e seus territórios e estão preocupadas com as mudanças nas fitofisionomias de seus territórios, que implicam diretamente nas espécies vegetais e conseqüentemente no cotidiano desses grupos.

Outro fator importante, está relacionado aos desafios da transmissão desses conhecimentos tradicionais, primeiro pela desvalorização por parte da sociedade atual e a outra pelo medo dos detentores de expressarem o que sabem o processo denominado espiral do silêncio. As comunidades acreditam que se postarem conteúdos sobre plantas medicinais ou sobre os saberes populares podem ser alvo de discriminação, o que está ligado com o processo de colonialidade que se iniciou desde as grandes navegações.

Além disso, observa-se uma possível divergência hierárquica entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico, especialmente no contexto das redes digitais. Nesse ambiente, diferentes formas de saber passam a circular e a disputar legitimidade, evidenciando tensões entre o conhecimento produzido pelas comunidades e aquele reconhecido pela ciência institucional. Dessa forma, as redes digitais tornam-se espaços onde essas perspectivas podem ser debatidas, questionadas e, muitas vezes, ressignificadas.

Diante disso, as publicações sobre conhecimentos tradicionais ainda não são prioridades nos perfis dessas comunidades. No entanto, os conhecimentos se mantêm presentes principalmente por meio da oralidade, e nos últimos anos as redes digitais vêm ganhando destaque, evidenciando a necessidade de inserção no universo digital para divulgação do que as comunidades julgam interessantes no âmbito do seu território e perspectivas socioambiental e cultural.

A utilização das ferramentas digitais e seu acesso, surgem como uma das diversas formas de divulgação e compartilhamento de saberes, principalmente no que se refere à importância do uso das plantas medicinais enquanto alternativa para a manutenção dos conhecimentos tradicionais em meio a contemporaneidade. No entanto é necessário que mais

estudos sejam realizados envolvendo outras comunidades para compreender melhor esses novos meios de disseminação.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Editora Elefante, 2019.

AGUIAR, Carlos. Arquitetura de plantas. **Bot. J. Linn. Soc**, v. 161, p. 26-65, 2014.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. ; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.(Ed.). Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. Recife: NUPEEA/Livro Rápido, 2010. p. 39-64.

ALEXANDRE, José Carlos. Uma Genealogia da Espiral do Silêncio. **Psychology**, v. 32, p. 665-683, 2018.

ALVES, André Luiz; MOTA, Marlton Fontes; TAVARES, Thiago Passos. O Instagram no processo de engajamento das práticas educacionais: a dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem. 2018.

ALVES, Daniella Santos. “DENTRO DA MALHADINHA”: A CIRCULAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTARES NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA—TO “INSIDE THE “MALHADINHA””: THE CIRCULATION OF FOOD PRODUCTS IN THE REMAINING 2018.

AMARAL, Adriana; MOSCHETTA, Pedro Henrique. Visibilidade e reputação nos sites de redes sociais. A influência dos dados quantitativos na construção da popularidade a partir da percepção dos usuários. **VIII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER. Anais**, 2014.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O elo perdido do giro decolonial. **Dados**, v. 60, n. 2, p. 505-540, 2017.

BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. Um enfoque etnobiológico na formação do professor de ciências sensível à diversidade cultural: estudo de caso. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, p. 585-603, 2015.

BARDLN, Lawrence. Análise de conteúdo. **Lisboa: edições**, v. 70, p. 225, 1977.

BARRETO, Ellen Jane Gonçalves et al. **O bioma cerrado: preservação e sustentabilidade como proposta de desenvolvimento da Cooperativa dos Agricultores Familiar Agro Extrativista Grande Sertão e do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM), Brasil**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidad Internacional de Andalucía.

BEVILAQUA, Gilberto A. Peripolli et al. Tecnologia de plantas medicinais e bioativas da flora de clima temperado. **PELOTAS: EMBRAPA**, 2015.

BORDIGNON, Genuíno. 11. RECONHECIMENTO E CERTIFICAÇÃO DE SABERES POPULARES. **Capa: Com as cores do IPF-vermelho e azul-a capa reproduz obra de autoria de Paulo de Tarso Santos, jurista, que também usava a pintura para se expressar. Foi Ministro da Educação de João Goulart, que convidou Paulo Freire, em 1963, para criar e coordenar o Programa Nacional de Alfabetização. Ambos, posteriormente, exilados no Chile 2018.**

BRASIL. Decreto nº 8.447, de 6 de maio de 2015. Dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do MATOPIBA e a criação de seu Comitê Gestor. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 maio 2015.

BRASILEIRO, Fellipe Sá et al. Emoções e redes colaborativas na resiliência informacional. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. e5309-e5309, 2020.

CAFFÉ FILHO, Hesler Piedade et al. AS REDES SOCIAIS COMO ALIADAS AO PROCESSO DE TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA 2024.

CÂMARA, Conceição de Maria Silva et al. Reconhecimento e titulação de territórios quilombolas no Maranhão: especificidades da regularização fundiária da Comunidade Quilombola Boa Vista em Rosário-MA. 2024.

CARDOSO, Rafaela Moraes. A influência da tiktokização das profissões na visão de carreira dos Millennials e da Geração Z através das mídias sociais Instagram e TikTok. 2023.

CARDOZO, Glenda Dantas; DE OLIVEIRA SAMPAIO, Adriano. Usos de redes sociais digitais por comunidades tradicionais quilombolas: estudo de caso da comunidade de Graciosa, em Taperoá (BA) 2023.

CARNEIRO, Fernando Ferreira Ferreira; KREFTA, Noemi Margarida; FOLGADO, Cleber Adriano Rodrigues. A práxis da ecologia de saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus “ Actas de Saúde Coletiva**, v. 8, n. 2, pag. 331-338, 2014.

CARNEIRO, Ana Luiza Chrominski; COMARELLA, Larissa. Principais interações entre plantas medicinais e medicamentos. **Revista Saúde e desenvolvimento**, v. 9, n. 5, p. 4-19, 2016.

CASTELLS, Manuel et al. **Comunicação móvel e sociedade: Uma perspectiva global** . Mit Press, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CASTELLS, Manuel; ESPANHA, Rita. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2007.

CASTRO, Mirele Pereira. Áreas protegidas do cerrado: vulnerabilidade e adaptação às mudanças climáticas. 2023.

CGI disponível em: <https://nic.br/noticia/na-midia/povos-originarios-sao-responsaveis-pela-maioria-das-redes-comunitarias-de-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>. Acesso em: 01 abr. 2025.

COLAÇO, Thais Luzia; SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes. Sociedade da informação: comunidades tradicionais, identidade cultural e inclusão tecnológica. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, v. 1, n. 1, p. 207-230, 2010.

CONEXÃO DOS POVOS DA FLORESTA disponível em: <https://conexaopovosdafloresta.org.br/>) acesso 01 abril de 2025.

CORREIA, Chiara Cristina Marafon. **As plantas medicinais: o resgate da sabedoria popular**. 2011. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Educação do Campo) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2011.

COSTA, JC da; MARINHO, M. G. V. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 18, n. 1, p. 125-134, 2016.

DA ROCHA, Luiz Paulo Bezerra et al. Uso de plantas medicinais: Histórico e relevância. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e44101018282-e44101018282, 2021.

DA SILVA NOLETO, José Paulo; DE CRISTO, Sandro Sidnei Vargas. Análise das transformações ambientais da porção central do estado do Tocantins: ênfase nos aspectos de uso e ocupação da terra no município de Brejinho de Nazaré. **Desafios-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. Especial, p. 107-112, 2020.

DA SILVA, Gilnarísia D. et al. Etnoconhecimento sobre plantas medicinais na zona urbana de Morada Nova, Ceará. **Congresso Nacional de Botânica**. 2013.

DA SILVA, LEANDRO SOUSA; PEREIRA, OSIRENE TAVARES. QUIOLIMPIADAS: UMA ANÁLISE LOGÍSTICA DO EVENTO ESPORTIVO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MALHADINHA, BREJINHO DE NAZARÉ-TO 2022.

DA SILVEIRA, Sérgio; BRAGA, Sérgio; PENTEADO, Cláudio. Cultura, política e ativismo nas redes digitais. **San Pablo: Fundação Perseu Abramo**, 2014.

DARROZ, Luiz Marcelo et al. As fases da lua e os acontecimentos terrestres: a crença de diferentes níveis de instrução. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, n. 16, p. 73-85, 2013.

DE AGUIAR, Pedro Henrique da Silva; LIMA, Renato Abreu. FABACEAE: IMPORTÂNCIA ECOLÓGICA DO FEIJÃO GUANDU (*Canajus cajan* L.). **Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 16, n. 1 jan-jun, p. 172-180, 2023.

DE ALMEIDA, Edmar Ferreira et al. Marketing digital: a importância das redes sociais para a organização. 2021.

DE ALMEIDA, Maria Geralda. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator**, v. 2, n. 3, 2003.

DE CARVALHO, Rayann Kettuly Massahud et al. Colonialidade, transmodernidade e diferença colonial: para um direito situado na periferia. 2020.

DE FREITAS, Felipe Silva. DECOLONIZANDO O AMBIENTE ESCOLAR: OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS E O QUESTIONAMENTO DA ESTRUTURA ESCOLAR COLONIAL. **Anais do X Fórum Nacional do Núcleo de Pesquisa em Educação Geográfica. NEPEG**, 2020.

DE LUCENA CÓRDULA, Eduardo Beltrão. Etnoconhecimento e a escola para um futuro sustentável. **Revista Educação Pública**, v. 14, n. 7, 2014.

DE OLIVEIRA, Adma Cristhina Salles; PASSOS, Luiz Augusto. DIÁLOGOS CULTURAIS: os saberes tradicionais e o conhecimento científico, intersecções na educação. **Web Revista Página de Debates: Questões de Linguística e Linguagem**, v. 1, n. 22, p. 182-195, 2023.

DE TUCUMÃ, FRUTOS; MATHIAS, CAROLINE DE SOUZA. PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM QUÍMICA MESTRADO EM QUÍMICA 2014.

DE SOUZA, Carlos Eduardo. **VERDADE ALGORÍTMICA:: DESVENDANDO FAKE NEWS NAS REDES SOCIAIS**. Estação das Letras e Cores Editora, 2024.

DIEGUES, Antônio Carlos. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. 2000.

DINIZ, Iara Gabriela Faleiro; CALEIRO, Maurício. Web 2.0 e ciberativismo: o poder das redes na difusão de movimentos sociais. 2011.

EMBRAPA disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-matopiba/sobre-o-tema> Acesso 30 de Janeiro 2026.

FALQUETO, Emanuely Silva. Cibercultura, redes sociais digitais e a complexificação do fazer comunicativo. **TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA (ISSN: 2358-212X)**, v. 1, n. 2, 2014.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 255-288, 2014.

FERREIRA, Angel Thiane Boschiero. **Caracterização da estrutura anatômica do lenho, dos anéis de crescimento e dos canais de resina de árvores de Pinus caribaea var. hondurensis Barr. et Golf**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FOGAÇA, Tamires Martins. Mudanças climáticas e seus efeitos na floração e nos polinizadores. 2022.

FREITAS, Ana Valeria Lacerda et al. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48-48, 2012.

FUNDAÇÃO PALMARES Tocantins, disponível em: <https://www.palmare.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/COMUNIDADES-CERTIFICADAS.pdf>. Acesso em 28 out.2022.

GATTI, Bernardete Angelina. Contemporaneidade: educação, modernidade e pós-modernidade. **Práxis Educacional**, v. 19, n. 50, p. e11995-e11995, 2023.

GOMES, Cecília Siman. Impactos da expansão do agronegócio brasileiro na conservação dos recursos naturais. **Cadernos do Leste**, v. 19, n. 19, 2019.

GOMES, Nilma Lino. *Educação e relações raciais: reflexões e propostas para a construção de uma escola democrática*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GOMES, Yuri Pereira. Preservação dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade no Brasil diante do avanço das inteligências artificiais. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 21, n. 4, out./dez., p. 125-146, 2024.

GRÜTZMANN, André; ZAMBALDE, André Luiz; FREIRE DE MORAES MEIRELES, Anderson Antonio. Inovação e Tecnologias Web: investigação sobre o uso de websites, blogs e redes sociais em empresas inovadoras no Brasil. 2013.

GUARIM-NETO, G. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande**, v. 17, p. 71-89, 2006.

HADDAD, ANA CAROLINA SANTOS. COLONIALISMO DIGITAL E INFRAESTRUTURAS CRÍTICAS DE COMUNICAÇÃO 2024.

HECKATHORN, D. D. (1997). Respondent-driven sampling: A new approach to the study of hidden populations. **Social Problems**, 44(2), 174–199.

HINE, C. *Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge*. Oxford: Berg, 2005.

JUSBRASIL, disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/98186/decreto-4887-03>. Acesso em 18 de junho de 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Mauad Editora Ltda, 2017.

KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. A conservação do Cerrado brasileiro. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 147-155, 2005.

KOTLER, Philip. **Capitalismo em confronto**. Editora Best Seller, 2015.

LACERDA, Ivone Maria Silveira. Do conhecimento popular ao uso medicinal: plantas para o tratamento dos sintomas da gripe comum. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso.

LEITE, Renan Rodrigues et al. Análise dos metabólitos secundários da aroeira: prospecção qualitativa da casca e semente. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 05, p. 14549-14566, 2023.

LEMOES, J. R., & Araujo, J. L. (2015). Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Biotemas**, 28(2), 125-136.

LEPIKSON, João Augusto Pessoa et al. A “lei de ferro” da hierarquia capitalista: a organização imperialista do sistema mundial ao longo dos ciclos de acumulação e o contraexemplo chinês. 2023.

LEWIS, J. L. **Challenges of interdisciplinarity for forest management and landscape perception research.** In: Tress, B.; Tress, G.; Fry, G. & Opdam, P.; From landscape research to landscapes planning: aspects of integration, education and application. Springer, 2006.

LIPORACCI, Heitor Suriano Nascimento; SIMÃO, Daniela Guimarães. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, p. 529-540, 2013.

LOPES, Ana Helena Ribeiro Garcia de Paiva. O olhar do aluno mediado pelas tecnologias digitais: o youtube e a (re) definição da relação pedagógica. 2013.

MACÊDO, Bruna Gomes de. Entre a roça e a horta: levantamento etnobotânico na comunidade quilombola Córrego Fundo, Brejinho de Nazaré TO. 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

MANRIQUE, Tâmara Neiva Costa; DA COSTA CARVALHO, Thalia; DO NASCIMENTO, Thaynara Mariana. REVISTA “ARTICULANDO E CONSTRUINDO SABERES”: PESQUISADORES INDÍGENAS E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DE REFERÊNCIAS PLURIEPISTÊMICAS. **Revista Territorial (ISSN 2317-0360)**, v. 12, n. 01, p. 135-160, 2023.

MAPBIOMA disponível em:
[https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/cobertura?activeBaseMap=9&layersOpacity=100&activeModule=coverage&activeModuleContent=coverage%3Acoverage_main&activeYear=2022&mapPosition=-10.676803%2C-48.526402%2C8&timelineLimitsRange=1985%2C2022&baseParams\[territoryType\]=3&baseParams\[territory\]=14&baseParams\[territories\]=14%3BTocantins%3B3%3BEstado%3B0%3B0%3B0%3B0&baseParams\[activeClassTreeOptionValue\]=default&baseParams\[activeClassTreeNodeIds\]=1%2C3%2C6&baseParams\[activeSubmodule\]=coverage_main&baseParams\[yearRange\]=1985-2022](https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/cobertura?activeBaseMap=9&layersOpacity=100&activeModule=coverage&activeModuleContent=coverage%3Acoverage_main&activeYear=2022&mapPosition=-10.676803%2C-48.526402%2C8&timelineLimitsRange=1985%2C2022&baseParams[territoryType]=3&baseParams[territory]=14&baseParams[territories]=14%3BTocantins%3B3%3BEstado%3B0%3B0%3B0%3B0&baseParams[activeClassTreeOptionValue]=default&baseParams[activeClassTreeNodeIds]=1%2C3%2C6&baseParams[activeSubmodule]=coverage_main&baseParams[yearRange]=1985-2022) Acesso em 18 de junho de 2024.

MARQUES, Kátia Maria Carvalho de Moraes. A comunidade quilombola Córrego Fundo no município de Brejinho de Nazaré – TO. 2014. 121 f. Dissertação (Programa de Mestrado História, Cultura e Poder), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

MARTINS, FERNANDO ROBERTO. Organização de uma comunidade florestal de arbustos e árvores: Guias para um estudo prático. **Departamento de Botânica, IB/UNICAMP**, 2002.

MARTINS, Suzana Ehlin et al. Caracterização florística de comunidades vegetais de restinga em Bertioaga, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 22, p. 249-274, 2008.

MARTINS, T. M. O. A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital, 2012. Disponível em: <https://jovensemrede.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martins-a-netnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-professores-da-cultura-digital-texto.pdf>. Acesso em 28 de junho de 2014.

MELO-BATISTA, A. A.; OLIVEIRA, C. R. M. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade do semiárido baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental. **Enciclopédia Biosfera**, v. 10, n. 18, p. 74-88, 2014.

MELO, LÍGIA SILVA; PEREIRA, Marielle R. RUÍNAS DO PONTAL: UM "MONUMENTO MORTO". **Revista FÓRUM PATRIMÔNIO: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, v. 10, n. 1, 2019.

MONTEIRO, Edson Marques Almeida; DE LIMA, Izabel França; DE PINHO NETO, Júlio Afonso Sá. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na Preservação da Memória e da Identidade Cultural de Comunidades Tradicionais. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, p. 03-18, 2023.

MONTEIRO, Ney Marino. As grandes navegações e o descobrimento do Brasil. **Revista da Escola Superior de Guerra**, n. 40, p. 188-209, 2001.

MORAES, Maria Cândida. Ecologia dos saberes. **Hidelbrando dos Santos Soares**, p. 71, 2008.

MOREIRA, Marcos Paulo; DE SOUZA, David Fernandes; ANGELO, Elisangela Andrade. Conhecimento etnobiológico de uma comunidade rural como fonte de informação para material informativo-educativo. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 5, n. 1, 2020.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORELLI, Grazielle Alves de Souza et al. Cotidiano e territorialidades de uma comunidade caiçara: Puruba, Ubatuba, SP. 2010.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

NAVARRO, Rômulo Feitosa. 1. A Evolução dos Materiais. Parte1: da Pré-história ao Início da Era Moderna. **Revista eletrônica de materiais e processos**, v. 1, n. 1, 2006.

NETO, Jovina dos Reis. O papel da mulher na conquista do território quilombola na comunidade “malhadinha” no município de Brejinho do Nazaré-TO. 2022.

NICOLETTI, Maria Aparecida et al. Uso popular de medicamentos contendo drogas de origem vegetal e/ou plantas medicinais: principais interações decorrentes. **Revista Saúde-UNG-Ser-ISSN 1982-3282**, v. 4, n. 1, p. 25-39, 2010.

NOLASCO, Edgar César; DE SOUZA NOGUEIRA, Indayá. COLONIALIDADE, A SEIVA DA MODERNIDADE. **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**, v. 1, n. 29, p. 207-218, 2023.

NUNES, Milena Ferreira Hygino; DOS SANTOS, Shayane Ferreira; DA SILVA ERNESTO, Talita. Instagram como ferramenta pedagógica: um olhar para a conscientização ecológica. **Redin-Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 7, n. 2, 2018.

OGAWA, Makoto; KURODA, Kazuyuki. Foto funções de compostos de intercalação. *Chemical Reviews*, v. 95, n. 2, p. 399-438, 1995

OLIVEIRA, Hans Werner Castro. Cerrado e plantas medicinais: algumas reflexões sobre o uso e a conservação. 2013.

OLIVEIRA, Ricardo Borges. As TVs universitárias brasileiras nas telas da Web 2.0: o papel das mídias sociais digitais na difusão de conteúdo e interação com o público. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Pontes, 2012.
OSORIO, Jaime. *Sistema mundial e formas de capitalismo: a teoria marxista da dependência*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

PALLACIN, Luís. Goiás: 1722/1822 Estrutura e conjuntura numa capitania de minas. Goiânia: Oriente, 1976.

PEDROZA, Rafaella Hiromi Serafim. **O risco do uso inadequado das plantas medicinais**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

PEREIRA DOS SANTOS TITO, Maria do Carmo; CARVALHO E SILVA, Jonas; GIRALDIN, Odair. SPAÇOS DE INTERAÇÕES E COSMOLOGIA DO POVO INY/JAVAÉ NA ILHA DO BANANAL, BRASIL. **Etnobiología**, v. 20, n. 3, 2022.

PERINAZZO, Douglas Velmud. **Etnoconhecimento popular no uso de plantas medicinais: um estudo de caso no bairro José Pereira Alvarez**, São Borja-RS. 2022.

PINTO, Marcia Freire et al. Quando os conflitos socioambientais caracterizam um território. **Gaia Scientia**, v. 8, n. 2, p. 271-288, 2014.

QUIJANO, Aníbal (2000). “Colonialidad del poder y clasificación social”. *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342-386.

REFLORA disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br/consulta/#CondicaoTaxonCP> acesso em dezembro de 2025.

REIS, Amanda Figueiredo; SCHMIELE, Marcio. Características e potencialidades dos frutos do Cerrado na indústria de alimentos. **Brazilian Journal of Food Technology**, v. 22, p. e2017150, 2019.

RESENDE, Thalita Mendes et al. Conversão de uso e potencial de estoque do carbono nos diferentes usos do solo e cobertura vegetal na bacia do Ribeirão Bom Jardim no Triângulo Mineiro (MG). 2011.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. Fitofisionomias do bioma Cerrado. 1998.

RODRIGUES, Elissadrina Felix et al. Integração de saberes tradicionais e científicos: preservação e uso de plantas medicinais na escola da comunidade indígena Û'tchigüne na Amazônia brasileira. 2025.

ROSA, Patrícia Lima Ferreira Santa et al. Uso de plantas medicinais por mulheres negras: estudo etnográfico em uma comunidade de baixa renda. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 45-52, 2014.

ROSOLEN, Vania et al. Impactos da substituição da vegetação original do Cerrado brasileiro em sistemas agrícolas: alteração do carbono orgânico do solo e $\delta^{13}C$. **Investigaciones geográficas**, n. 79, p. 39-47, 2012.

SANTOS, Ana Cristina Almeida dos et al. Investigando os extrativos da madeira de espécies da caatinga visando à obtenção de compostos bioativos. 2023.

SANTOS, Boaventura de S. **Um conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 277–301.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana. **Educação no Século XXI: Métodos e Ferramentas no Mundo Atual**. EBPCA-Editora Aluz, 2024.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. Algoritmos, engajamento, redes sociais e educação. **Acta Scientiarum. Education**, v. 44, 2022.

SCHMITZ, W.; SAITO, A.Y.; ESTEVÃO, D.; SARIDAKIS, H. O. O chá verde e suas ações como quimioprotetor. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, v. 26, n. 2, p. 119-130, 2005.

SCOLESO, Fabiana; KOMKA, Julia Pinto; LEÃO, Nathália Patrício. O Tocantins no centro da expansão da fronteira agrícola: uma radiografia do mundo do trabalho no cerrado brasileiro. **RBEST Revista Brasileira de Economia Social e do Trabalho**, v. 5, p. e023013-e023013, 2023.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/comunidade-de-currallinho-do-pontal-e-reconhecida-como-remanescente-de-quilombo/52at9ma2jlis> Acesso 27 de Junho de 2024.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/seciju-entrega-certificacao-da-comunidade-quilombola-manoel-joao/6t08xda3nt2d> Acesso em 19 de Junho de 2024.

SENNE, Fabio; BARBOSA, Alexandre. Internet na pandemia COVID-19: dinâmicas de digitalização e efeitos das desigualdades. **Panorama Setorial da Internet**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2021.

SILVA, Claudiane Diniz da et al. Museu, gestão e tecnologia: um olhar sobre as práticas museais contemporâneas. 2024.

SILVA, Clécia Pereira da. **A transição agroecológica e a atuação dos sujeitos políticos no fortalecimento da produção camponesa: um estudo sobre a experiência no Sítio Palmeira Velha, Glória do Goitá-PE**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco

SILVA, Camila Pinto dos Santos. **Desinformação científica nas redes sociais: Uma análise da circulação de fake news no TikTok e do papel da divulgação científica no combate da desinformação**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Diego José. Entre o saber e a rede: juventudes quilombolas e o uso das mídias digitais. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, Tocantinópolis, v. 7, n. 1, p. 45–62, 2022. Disponível em: <https://revistas.uft.edu.br/index.php/campo/article/view/14542>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SILVA, Rafaela Cristina Pereira; CALIARI, Thiago. Indústria farmacêutica no Brasil: evolução histórica, capacitação competitiva e políticas industriais. **Revista Economia Ensaios**, v. 31, n. 1, 2017.

SIMÕES, Cláudia Maria Oliveira et al. **Farmacognosia: do produto natural ao medicamento**. Artmed Editora, 2016.

SOARES, Aline Bairos et al. Construindo saberes nas redes sociais. **Renote**, v. 16, n. 1, 2018.

SOUSA, João da Silva Pinto de et al. Abordagem dos processos de independência: descolonização do Brasil e São Tomé e Príncipe em livros didáticos de história do ensino médio. 2015.

SOUZA, Angela da Silva et al. **Investigando o conteúdo de Ecologia no Ensino Fundamental**. 2023.

SOUZA, Doraci Brito de. Estudo etnobotânico: saberes populares sobre plantas medicinais em uma comunidade ribeirinha no Sul do Amazonas. 2025.

SOUZA, Lidiane Oliveira de et al. Triagem das hemoglobinas S e C e a influência das condições sociais na sua distribuição: um estudo em quatro comunidades quilombolas do Estado do Tocantins. **Saúde e Sociedade**, v. 22, p. 1236-1246, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? In: LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (orgs.). *Teoria pós-colonial e crítica literária*. São Paulo: UFMG, 2010. p. 307–337.

TADDEI, Ana Laura Maria Gamboggi. **Cultura e desenvolvimento na sociedade contemporânea**. Editora Senac São Paulo, 2025.

TAVARES, Marília Matias Kesting; DE SOUZA, Samara Tomé Correa. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 10, n. 1, 2012.

TOZI, Shirley Capela. Conflitos Socioambientais em torno dos recursos hídricos na cidade de Belém, no Estado do Pará (Brasil). **Agua y territorio Water and Landscape**, n. 15, p. 73-78, 2020.

TRINDADE, Leniza Maria et al. Cultivo e consumo de plantas alimentícias não convencionais nas comunidades rurais do município de Canoinhas. 2022.

VASCONCELOS, Jaqueline Martins et al. Análise morfoanatômica e histoquímica de plantas da espécie *Davilla lanosa* Fraga. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 6, n. 2, p. 277-290, 2019.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de. Tecnologia, sociedade e educação na era digital. **Duque de Caxias: UNIGRANRIO**, 2016.

VISSOTO, Alex. Asa Branca por smartphones: uma proposta interdisciplinar do uso de smartphone como agente facilitador da produção audiovisual. 2019.

WINQUES, Kérley et al. Mediações algorítmicas e espiral do silêncio: as dimensões estruturantes igreja e sindicato na recepção de conteúdos noticiosos em plataformas digitais. 2020.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Conhecimento tradicional e propriedade intelectual nas organizações multilaterais. **Ambiente & Sociedade**, v. 10, p. 39-55, 2007.

Apêndice 1

Lista de perguntas

Nome:

Idade: Naturalidade:

Sexo:

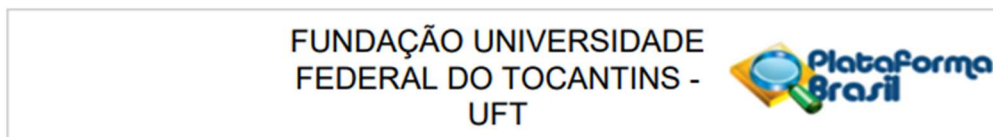
☐ Feminino

☐ Masculino

1. Tempo de vivência na comunidade?
2. Quais plantas costuma utilizar para manter a saúde? Como faz os preparos das plantas que utiliza?
3. Qual a sua opinião em relação ao uso das plantas medicinais? Você faz o uso destes recursos naturais ou prefere ser medicado com remédios industrializados?
4. Você notou alguma mudança devido aos avanços tecnológicos no seu dia a dia? Se sim, acha que essas mudanças foram positivas ou negativas?
5. Qual a sua opinião em relação as pressões externas (agropecuária, indústrias, internet e outros) exercidas nas comunidades? Você sentiu a necessidade de adaptar a esses novos meios?
6. Hoje como você repassa seus conhecimentos? Você utiliza a tecnologia (WhatsApp, celular, redes sociais e outros) como aliado?

Anexo 1

Comprovante do Comitê de ética



Continuação do Parecer: 7.584.539

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochurainvestigador.pdf	25/03/2025 19:22:46	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito
Outros	UsolmagemSomedados.pdf	25/03/2025 19:17:08	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito
Outros	DeclaracaodeCompromisso.pdf	25/03/2025 18:59:19	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CartaDaPesquisadora.pdf	25/03/2025 18:30:16	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito
Outros	Declaracaodoorientador.pdf	25/03/2025 13:10:52	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito
Outros	TermodeAnuenciaPrevia.pdf	25/03/2025 12:47:27	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	25/03/2025 12:30:39	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoescaneada.pdf	25/03/2025 12:24:06	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	25/03/2025 11:31:46	BRUNA GOMES DE MACEDO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 21 de Maio de 2025

Assinado por:
MARCELO GONZALEZ BRASIL FAGUNDES
(Coordenador(a))

Apêndice 2

ACERVO PESSOAL DE ILUSTRAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS

Hortelã



Amoxilina ou sofre de rins quem quer



Tamanrindo



Nim



Limão

Craíba



Mutamba



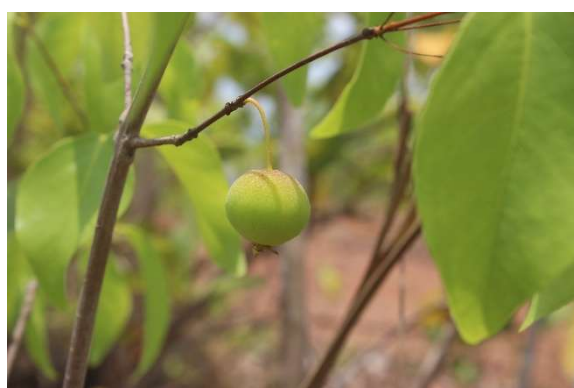
Sambaíba



Cagaita



Sangra D'água



Moreira



Acerola



Babosa



Alecrim



Erva Cidreira



Taioba



Melão São Caetano



Mangabeira



Anjiquim



Umbaúba ou Imbaúba



Articum ou Brutos



Pau Pelado ou Aveloz



Folha Santa



Capim Santo



Begetazil ou Novalgina



Sete dor



Maracujá



Pitanga



Mamão Macho



Pequi



Mamona



Jaborandi



Abacaxi



Trevo



Hortelãzinha



Coentro do Pará



Siriguela



Aroeira



Coco Macaúba



Coco Piaçaba



Sete dor



Pitanga



Orégano



Negramina

